



UNIVERSIDADE
CATOLICA
PORTUGUESA

BRAGA

FILOSOFIA DA PROXIMIDADE
**Pensar a Condição Humana a partir da Filosofia de Josep
Maria Esquirol**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Filosofia**,
especialização em **Filosofia da Religião**.

Leonir Tomazi

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO DE 2024



CATOLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

FILOSOFIA DA PROXIMIDADE
**Pensar a Condição Humana a partir da Filosofia de Josep
Maria Esquirol**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Filosofia**,
especialização em **Filosofia da Religião**.

Leonir Tomazi

Sob a Orientação do Prof.º Doutor Bruno Nobre

Ao meu querido pai Affonso Tomazi, que na simplicidade do cotidiano, ensinou-nos o cuidado, a proximidade e o valor das pequenas coisas e, da vida de família.

Aos que cuidam e promovem a vida e se fazem próximos dos mais vulneráveis.

RESUMO

Com a Filosofia da Proximidade, Esquirol apresenta-nos um ser humano exposto à intempérie, o que o obriga a resistir frente às forças desagregadoras: as ameaças ideológicas, a deterioração da linguagem e a indiferença e o menosprezo pela vida. Destaca o contexto do niilismo, concepção filosófica pautado pela subjetividade do ser, sem nenhuma fundamentação metafísica. Procura, contudo, recuperar a ideia do ser humano, como alguém capaz de resistir às forças que concorrem para a sua desagregação. Na sua tentativa de compreender a condição humana, Esquirol propõe a proximidade como fio condutor. Traz o tema da quotidianidade, que tem como aspeto determinante a tal proximidade, e procura elaborar uma antropologia filosófica. A condição humana é *a periferia do paraíso impossível*, em que os recursos são os que provêm da própria condição de vulnerabilidade da periferia. Com o sintagma da *plissagem do sentir*, ele faz-nos remontar à essência da vida humana, tentando entender a condição do homem com a *ferida infinita* que a constitui, apresentando o cuidado como condição fundamental e possibilidade da existência.

A metafísica do ajuntamento é pensada como uma possível ajuda na compreensão do pano de fundo da existência humana; a junção é o lugar onde os pontos se unem sem os confundirem: corpo e alma, céu e terra, tempo e eternidade, finito e infinito. Deste modo, o existir supõe sempre uma situação-limite e, esse limite pode indicar a transcendência, no cristianismo podemos encontrar formas adequadas de superação da vulnerabilidade e um horizonte de realização pessoal, visto que o homem se consciencializa de que a vida é um mistério que implica uma esperança transcendente, que tenta transmitir ao seu próximo.

Palavras-chaves: Filosofia da Proximidade, Quotidianidade, Condição Humana, Vulnerabilidade, Intempérie, Periferia, Cuidado.

SUMMARY

With Philosophy of Proximity, Esquirol presents us with a human being exposed to the weather, which forces him to resist disintegrating forces: ideological threats, the deterioration of language and indifference and contempt for life. It highlights the context of nihilism, a philosophical concept based on the subjectivity of being, without any metaphysical foundation. However, it seeks to recover the idea of the human being as someone capable of resisting the forces that contribute to its disintegration.

In his attempt to understand the human condition, Esquirol proposes proximity as the guiding thread. He brings in the theme of everyday life, which has this proximity as its determining aspect, and tries to develop a philosophical anthropology. The human condition is the periphery of an impossible paradise, where the resources come from the periphery's own condition of vulnerability. With the syntagm of the *plissage* of feeling, he takes us back to the essence of human life, trying to understand the condition of man with the infinite wound that constitutes it, presenting care as a fundamental condition and possibility of existence.

The metaphysics of coming together is thought to be a possible aid in understanding the background to human existence; the junction is the place where points come together without confusing them: body and soul, heaven and earth, time and eternity, finite and infinite. In this way, existing always implies a limit situation, and this limit can indicate transcendence. In Christianity we can find appropriate ways of overcoming vulnerability and a horizon of personal fulfillment, since man becomes aware that life is a mystery that implies a transcendent hope, which he tries to pass on to his neighbor.

Keywords: Philosophy of Proximity, everyday life, Human Condition, Vulnerability, Inclement Weather, Periphery, Care

AGRADECIMENTOS

A Palavra é Gratidão!

A Deus por tamanha graça recebida de poder voltar à Universidade e concluir o Mestrado, neste ano que celebro os 35 anos de Consagração Religiosa no Instituto Jesus Maria José. Josep Esquirol fala da escola como lugar e horizonte onde se introduz a busca do cuidado, das relações e das inter-relações, na busca da verdade. Este pensamento traduz muito bem o carisma legado por nossa fundadora, a Beata Rita Amada de Jesus, que se define pelo Lema: «Escola de Amor e Conversão». Como discípula de uma Escola de «Amor e da Conversão», com Esquirol aprendi que, pela proximidade e o cuidado, posso ser ainda mais fecunda na missão, como foi a Beata Rita. Agradeço, assim, à minha Família Religiosa Jesus Maria José e província Portuguesa por todo o apoio a mim proporcionado, neste tempo de aprendizagem. Obrigada!

A Maria, que com sua ternura maternal me inspira na Consagração e também à minha mãe e à minha família que mesmo de longe me acompanham e a tantas Marias, que por meio de gestos e palavras, ao longo deste tempo de estudo, tornaram o meu caminho mais leve a mais fecundo. Obrigada!

Ao meu Orientador, Prof. Doutor Bruno Nobre, Sacerdote Jesuíta e Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, por ter aceitado esse desafio de me acompanhar. Foi um mestre por excelência no saber e paciência e delicadeza no trato. Estendo esse agradecimento aos demais professores por toda a ajuda. Gratidão!

Ao Prof. Doutor Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes, Professor de Literatura da Escola Superior de Educação de Viseu, pelo dedicado e exímio cuidado e atenção, com que, junto comigo, fez a revisão da dissertação, alargando meu horizonte e deixando-me mais confiante, e também, ao Prof. Doutor Pe. João Vergamota, Diretor da Universidade de Direito Canónico de Lisboa e ao Prof. Doutor José Manoel Alves, Coordenador da Fraternidade JMJ, pelas precisas e delicadas contribuições. Obrigada!

Por fim, minha gratidão a todos e a todas que, na periferia da minha existência, me ajudam viver melhor e amar mais, tendo como horizonte a plena realização, o Céu.

Bem Hajam!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo 1. A CONDIÇÃO HUMANA	11
1.1 - O ser humano exposto às intempéries existenciais e ideológicas:	12
a) A experiência niilista	12
b) Resistência ante as forças dominantes e desagregadoras: «existir é resistir» ..	16
1.2 - A condição humana na periferia: o paraíso impossível	21
a) Habitar a periferia.....	21
b) A plissagem do sentir	25
1.3 - «Ferida infinita»	29
a) O significado e a experiência da contingência	30
b) As feridas do eu (da vida, da morte a do tu e a do mundo)	34
Capítulo 2. RESPOSTA À INTEMPÉRIE E À INCISÃO DA FERIDA INFINITA ..	39
2.1 - A lógica da proximidade	40
a) A quotidianidade, o próximo e a casa.....	41
b) O cuidado: movimento que se curva sobre a ferida infinita	45
2.2 - O amparo da vulnerabilidade.....	49
a) A metafísica da junção humana.....	50
b) Vibrações: o canto, a palavra e o silêncio	54
2.3 - Ser capaz de Vida: excelência do humano	58
a) Habitar a periferia do humano que pensa e vive	58
b) Formar o Humano enquanto humano: Humana doçura – desumana frieza ...	62
Capítulo 3. A ESPIRITUALIDADE COMO PROXIMIDADE E BUSCA DE SENTIDO, A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DE ESQUIROL.....	69
3.1 – A Dimensão antropológica e espiritual do cuidado	71
a) A ética do cuidar: edificação de uma vida com sentido	72
b) O cuidado frente a vulnerabilidade, do ser humano e da ecologia	77
3.2 – A condição humana aberta à transcendência	81

a) Um ser humano que compreende totalidade e mistério	81
b) O divino que habita a periferia humana	85
3.3 - A religião como resposta de proximidade frente à fragilidade humana	88
a) A fé e os Sacramentos como sinais de bênção e de cura	89
b) Religião: casa/lugar de amparo e proximidade do humano	93
 CONCLUSÃO.....	 97
 BIBLIOGRAFIA	 99

INTRODUÇÃO

Josep Maria Esquirol, cujo pensamento será objeto da nossa reflexão, nasceu em Mediona (Barcelona) na Espanha, no ano de 1963. É filósofo e professor na Universidade de Barcelona, onde dirige o grupo de investigação *Aporia*, cujo campo de estudo se centra na filosofia contemporânea, área científica em que é autor de numerosos estudos. Esquirol ministra seminários em universidades de vários países. Publicou vários livros, de entre os quais destacamos: *Uno mismo y los Ootros* (2005), *El Respeto o la Mirada Atenta* (2006), *El Respirar de los Días* (2009), *Los Filósofos Contemporáneos y la Técnica* (2011), *La Resistência Íntima* (2015), *La Penúltima Bondade* (2018), *Humano, mais Humano* (2021) e *A Escola da Alma* (2024). O livro *A Resistência Íntima* recebeu o Prémio Cidade de Barcelona (2015) e também o Prémio Nacional de Ensaio (2016), concedido pelo Ministério de Educação, Cultura e Desporto.

A partir de uma leitura da obra do pensador/filósofo Josep M. Esquirol, especificamente a partir das obras *A Resistência Íntima*, *A Penúltima Bondade*, *Humano Mais Humano* e *A Escola da alma*, pretende-se oferecer uma reflexão filosófica peculiar acerca da condição humana, a partir do tema «FILOSOFIA DA PROXIMIDADE - Pensar a condição humana a partir da filosofia de Josep Maria Esquirol», título que escolhemos para esta dissertação em Filosofia da Religião.

Em *A Resistência Íntima*, Esquirol oferece uma abordagem filosófica sobre a condição humana, propõe uma ética da proximidade, da valorização da quotidianidade e do cuidado de si, que tem um lugar central na filosofia da vida. Esquirol usa precisamente a imagem de elementos quotidianos que congregam e unem aqueles que se encontram em casa, como um «prato na mesa, o azeite e o pão»¹. A imagem da «casa» evoca o movimento do recolher-se e do resguardar-se, onde se estabelece a proximidade e os laços de familiaridade.

Esquirol procura recuperar certa ideia do ser humano, como alguém capaz de resistir às forças que concorrem para sua a desagregação. E, neste contexto, destaca o niilismo, que é uma conceção filosófica pautada pela subjetividade do ser, sem nenhuma fundamentação metafísica. Esquirol refere-se, especialmente, ao niilismo, que atinge as mais variadas esferas do mundo contemporâneo, pelo menos nas sociedades ocidentais,

¹ Josep Maria Esquirol, *A Resistência Íntima, Ensaio de uma Filosofia da Proximidade*, trad. Jorge Melícias (Lisboa: Edições 70, 2020), 11.

com uma visão cética e pessimista da realidade, como uma disseminada prática da existência que aniquila valores e convicções. E daí a necessidade de encontrar formas que possibilitem resistir aos contratempos da vida.

Para o autor, a metafísica do ajuntamento é uma possível ajuda para a compreensão do pano de fundo da existência humana. Esquirol concebe a junção como lugar onde os pontos se unem sem os confundir: corpo e alma, céu e terra, tempo e eternidade, finito e infinito. Deste modo, o existir supõe sempre uma situação-limite, e esse limite pode indicar a transcendência.

Num seu outro livro, *A Penúltima Bondade*, Esquirol afirma que viver é sentir a vida, afirmando em concreto: «a plissagem do sentir é a essência da vida humana».² Segundo o autor, o ser humano caracteriza-se pelo sentir, que consiste numa intensidade tal que causa uma espécie de redobramento ou de plissagem. Para este autor, a vida humana dá-se na periferia, onde nada mais faz sentido do que o amparo e a generosidade: «a condição humana não deve ser pensada a partir da ideia da plenitude, mas a partir da intempérie da periferia e da afeção infinita»³. É na periferia que se pensa, que se ama e que se vive.

Em *Humano, Mais Humano* Esquirol sugere que o melhor horizonte para o nosso pensamento e a nossa ação consiste em esmiuçar ao pormenor o *mais humano do humano*, dizendo especificamente: «intensificar o humano do humano, aprofundar o humano do humano, porque é aí que se encontra o mais valioso»⁴. Acrescenta ainda: «Com a filosofia da proximidade, procuro pensar a radicalidade do humano e elaborar aquilo que em termos mais académicos se poderia chamar uma antropologia filosófica», descurando os seus principais conceitos: «“alguém”, que é pronome do humano; “intempérie”, que indica a situação fundamental; “dobra do sentir” e “ferida infinita”, que expressa a essência da vida humana, “curvatura poiética”, que desenha o sentido da ação, e “reencontro”, que perfila o horizonte de toda a espera»⁵.

No seu recente livro, intitulado *A Escola da Alma*, Esquirol vai dizer que «a escola da alma cuida e cultiva a alma»⁶. Ele entende a verdadeira escola, tal como casa, como

² Josep Maria Esquirol, *A Penúltima Bondade, Ensaio Sobre a Vida Humana*, trad. Jorge Melícias (Coimbra: Edições 70, 2023), 26.

³ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 60.

⁴ Josep Maria Esquirol, *Humano Mais Humano, Uma Antropologia da Ferida Infinita*, trad. Paulo Ramos (Prior Velho: Coimbra, 2022), 14.

⁵ Esquirol, *Humano Mais Humano*, 16.

⁶ Josep Maria Esquirol, *A Escola da Alma, Da forma de educar à maneira de viver*, trad. Paulo Ramos (Prior Velho: Paulinas, 2024), 14.

um lugar onde se cultiva o humano, um símbolo de acompanhamento e de cuidado, onde a pessoa humana é conduzida e orientada. Acredita num ser humano trespassado pelo infinito. Diz-nos Esquirol que assim como numa interpretação musical, a reflexão filosófica realiza-se sempre por uma determinada clave, «a clave da filosofia que aqui desenvolvo é a da proximidade»,⁷ sendo que o fio condutor deste percurso é a *clave* da proximidade.

Na nossa opinião, cuidar da alma talvez englobe também o pensamento religioso, visto que se trata de uma ação que ajuda e provoca no ser humano uma transformação interior. Nesta linha de pensamento, a partir, portanto, da dimensão espiritual pela qual Esquirol pensa a condição humana, tentaremos fazer uma leitura de alguns elementos oferecidos pelo cristianismo, na tentativa de demonstrar a proximidade da religião face a espiritualidade humana.

No capítulo 1, tentaremos situar o pensamento de Josep Esquirol a partir da filosofia da proximidade, como uma tentativa de compreensão da existência humana. Serão abordados alguns elementos, tais como: o ser humano exposto a intempérie e sujeito à desagregação, tendo como um dos principais fatores o niilismo; o papel da filosofia no pensamento de um movimento histórico contrário ao niilismo por meio da «filosofia da proximidade» e da quotidianidade; um ser humano que habita a periferia, onde não há nem plenitude nem perfeição, mas afeção infinita e que está atravessado por uma «ferida infinita», que se caracteriza pelo sentir; e, finalmente, a vulnerabilidade como aspeto fundamental da condição humana.

No capítulo 2, buscaremos apresentar os recursos que o ser humano pode convocar para responder à intempérie: a lógica da proximidade; a quotidianidade, o próximo e a casa; o cuidado como movimento que se curva sobre a ferida infinita; o amparo na vulnerabilidade e o cuidado; a metafísica da junção como experiência constitutiva da condição humana.

E, por fim, no capítulo 3, pondo Esquirol em diálogo com outros autores, nomeadamente Francesc Torralba, procuraremos apresentar uma compreensão do “ser humano” como um ser em busca de sentido e aberto à transcendência, com um olhar que procura contemplar a condição humana na sua totalidade.

⁷ Esquirol, *A Escola da Alma*, 17.

Capítulo 1

A CONDIÇÃO HUMANA

*A condição humana é a da periferia do paraíso impossível.*⁸

Pretende-se, neste capítulo, apresentar a condição humana, segundo o pensamento de Josep M. Esquirol. De acordo com o pensamento deste autor, o Homem é um ser exposto à intempérie, o que o obriga a resistir frente às forças desagregadoras; um ser que habita a periferia e que carrega uma ferida infinita. Para melhor abordar o tema da condição humana, focar-nos-emos em alguns elementos essenciais: o ser humano exposto às intempéries existenciais e ideológicas; a condição humana na periferia do paraíso impossível; por fim, a «ferida infinita».

O autor apresenta-nos o ser humano como um ser frágil face às mais variadas ameaças: ideológicas (no âmbito político e dogmático), a deterioração da linguagem, a indiferença e menosprezo pela vida. Um dos principais fatores de desagregação identificados pelo autor é o niilismo, entendido como um processo histórico, que vem do nada e leva ao nada. Como resposta ao niilismo, Esquirol propõe uma aproximação à finitude: «Em lugar do eterno retorno, o “retorno a casa”».⁹

A resistência é apresentada pelo autor como uma força face aos processos de desintegração. Deste modo, a resistência pode configurar-se como movimento do ser humano, quando ele, diante dos embates e intempéries, abre espaço para a liberdade, para pensar e gerar, com criatividade, experiências novas.

Para o autor do livro *A Penúltima Bondade*, «a condição humana é a da periferia do paraíso impossível».¹⁰ A condição humana é concebida como aquela que habita a periferia, onde não há nem plenitude nem perfeição, mas afeição infinita – mistério e desejo. Deste modo, ela é vista a partir da periferia, uma periferia muito singular, porque não se encontra definida a partir de nenhum centro. Nesta periferia, faz-se presente a génese e a degeneração, a vida e a morte, o humano e o desumano, a proximidade e a indiferença.

O mesmo autor, no seu livro *Humano mais Humano*, propõe intensificar e aprofundar o humano do humano, porque é no humano mais humano que se encontra o

⁸ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 7.

⁹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 28.

¹⁰ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 7.

mais valioso. Com a filosofia da proximidade, o autor pretende pensar a radicalidade do humano e procura elaborar uma antropologia filosófica. A sua tese é uma tentativa de entender a condição humana com a *ferida infinita* que a constitui.¹¹

Por fim, o autor atesta que «pensar a condição humana exige que dirijamos a nossa atenção para a *base*, que nos voltemos para o mais fundamental».¹² O ser humano é parte de um todo, e a sua génese acontece no início e no fim, em qualquer lugar e em qualquer tempo. É como que um acercar-se do mistério e ser capaz de vida. Para tanto, torna-se necessário um olhar filosófico, um olhar atento a tudo o que nos acontece.

1.1 - O ser humano exposto às intempéries existenciais e ideológicas:

a) A experiência niilista

O nada é a negação de toda a coisa, de todo o acontecimento, de tudo: nada para agarrar com as mãos, nenhuma palavra para escutar, nenhum rosto para contemplar, nenhum cheiro para sentir, nenhum chão onde se apoiar. Nada, vazio ou, também, total *ausência*.¹³

O termo niilismo tem suas raízes na palavra latina *nihil*, que significa «nada». Esquirol refere-se ao niilismo como a cartografia do nada, a falta de propósito e ausência de sentido: não há nada a descobrir. O horizonte da vida e do pensamento por ele implantado era o da caducidade e da finitude das coisas, uma visão de um mundo sem significado. Uma das principais características do niilismo é o afastamento de valores que pretendem ser absolutos. Nada e vazio dizem a mesma coisa. No seu sentido abstrato, significam vacuidade. Em castelhano, «nada» vem do latim *nulla res nata*, ou seja, «nenhuma coisa nascida». À composição de duas palavras *ne-hilum*, literalmente «sem fio», ou do latim arcaico *ne-hilum*, procederia o *nihil* com o significado de «nenhuma coisa»¹⁴.

A definição aqui apresentada alude a um fio que une fazendo-se uma analogia com o fio da vida, o fio do labirinto, o fio que religa. O processo niilista consistiria em ir

¹¹ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 14;16-17.

¹² Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 8.

¹³ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 22.

¹⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 25.

perdendo o fio, o enlace, a relação. Resistir ao niilismo supõe defender a diferença. Mais ainda, é um processo que provoca uma progressiva perda da relação e até mesmo do caminho. O niilismo pode ser entendido como uma corrente cética e pessimista, que nega o sentido da própria existência humana e das verdades sobre as suas origens.

A partir da metáfora da casa, é possível entender o niilismo como a falta do aconchego, à noite, a exposição ao frio intenso, capaz de provocar uma constante desintegração, a pior das provas a que o ser humano é submetido. Por outro lado, vemos o ser humano em busca de amparo, de casa, de calor, entre outros aconchegos. A resistência humana assemelha-se à resistência da terra e do próprio planeta em relação às ameaças que põem em risco a sua própria sobrevivência.¹⁵

De entre diversos pensadores, o autor faz referência a Nietzsche, quando se refere ao niilismo como a forma e o sentido da crise que afeta o conjunto da civilização ocidental. Para Nietzsche, a forma mais explícita dessa crise é a «decadência», qual diagnóstico feito a partir da compreensão da vida como «vontade de poder», que culmina no domínio dos fracos sobre os fortes e, portanto, sepulta a vontade de poder. No pensamento nietzschiniano, há dois momentos do niilismo: «primeiro corresponderia ao aniquilamento da vida como consequência dos valores que lhe sobrepõem: o Bem, Deus, a razão, a História [...]. O segundo ao da desvalorização desses mesmos valores superiores».¹⁶

Nietzsche entende que o advento do niilismo é inevitável. Vai significar a decadência da civilização cristã na Europa. Para ele, essas concepções enganadoras auxiliares da moral, alma, espírito, livre arbítrio, Deus, não têm outro sentido senão o de arruinar a humanidade. A decadência reside justamente no facto de não se dar importância à conservação de si mesmo e da vida, o desprezo do corpo e da saúde da alma como ideal.¹⁷ Nietzsche radicaliza o niilismo. A sua proposta é tentar superá-lo, intensificando-o, em prol de um niilismo ativo, completo, capaz de afirmar, sem reservas, a existência.

Para Deleuze, o primeiro «niilismo negativo» e o segundo «niilismo reativo». No niilismo negativo, nega-se o mundo em nome de outros valores, nega-se o homem a si próprio bem como Deus e o que quer que seja. Dizjhgcxz\zxcvbnm,dfghjkl

¹⁵ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 13-14.

¹⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 26-27.

¹⁷ Cf. F. Nietzsche, *Ecce Homo*, trad. José Marinho (Lisboa, Guimarães Editores, 1952), 127-129.

Deleuze: «O niilismo nega Deus, o bem e até o verdadeiro, todas as formas do suprassensível. Nada é verdadeiro, nada é bom, Deus morreu».¹⁸ Cria outros mundos para poder suportar este. Produz-se o vazio e a incredulidade total. O niilismo reativo «encontra o seu princípio apenas na vida reativa despida, nas forças reativas reduzidas a si próprias»;¹⁹ é o que decorre da morte de Deus, que provoca uma grande crise, com efeitos decisivos para o ser humano, impondo-lhe caminhos distintos: ou uma vida ascendente, plena de potência, ou uma vida decadente, que perece por não suportar o peso da finitude.

Deleuze acredita que a morte de Deus significa uma mudança da visão humana sobre o mundo; o homem reativo toma o lugar de Deus. Novas personagens surgem em seu lugar. A crença no progresso, a busca por uma sociedade mais igual e com direitos e a fé na ciência são sinais desse niilismo reativo. Nietzsche propõe valores novos para substituir os valores superiores e até mesmo Deus. Segundo Deleuze, Nietzsche pode pensar que o niilismo é o motor da história do homem como história universal e não simplesmente um acontecimento na história.²⁰

Para Esquirol, o niilismo não existe só como um movimento, referindo-se também a uma «lógica» niilista. Refere-se ao niilismo como um processo histórico, que vem do nada e leva ao nada, na mesma medida que o pensamento do homem se afasta da vida. E aí reside o papel da filosofia: pensar um movimento oposto que resista e que vença essa perspectiva, que atinja as mais variadas esferas do mundo contemporâneo, pelo menos nas sociedades ocidentais, com uma visão cética e pessimista da realidade, como uma disseminada prática da existência, que aniquila valores e convicções. A filosofia da proximidade é uma resposta ao niilismo, propõe um caminho bem diferente do de Nietzsche. Esquirol pretende resistir o niilismo, não pela negação, mas pelo contrário, aproximando-se da finitude.

Sobre esse mesmo pensamento, o autor João Duque, no livro *Dizer Deus na Pós-Modernidade*, faz referência à influência do niilismo face a uma modernidade centrada na afirmação forte de determinados valores, tidos anteriormente como absolutos e transcendentais. Surge, assim, a desilusão total, provocada pela contradição dialética dessas mesmas realidades, causada pela própria modernidade. Instaura-se um vazio no

¹⁸ Gilles Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, trad. António M. Magalhães (Porto: RÉS-Editora Lda, 1987), 222.

¹⁹ Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, 223.

²⁰ Cf. Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, 227-228.

lugar anteriormente ocupado por esses valores, que nenhum novo valor substitui, vazio este que se propaga em toda existência e a toda a convivência. Instala-se a «era do vazio», do niilismo total.²¹

O ser humano que habita a era contemporânea do niilismo sente-se, de certa forma, desorientado, um homem trágico, em constante busca de razão para viver, que se habituou a viver sozinho, conformado com a leveza da situação, superficial, sem raízes e sem qualquer referência ou valores que o sustentem. Em suma, surge um ser humano pautado pela subjetividade do ser, sem nenhuma fundamentação metafísica. Nesta perspectiva, a vida não possui nenhum sentido ou finalidade.

No livro *Humano mais Humano*, Esquirol associa o niilismo contemporâneo a uma razão preguiçosa ou «preguiça existencial». Ou seja, uma preguiça niilista que ensopa o mundo e corrói o canto, a palavra e o silêncio. Esquirol apelida-a, ainda, de preguiça retórica: porque não acredita em nada, não aspira a nada, não quer nada, mas devora tudo, onde o desconforto cresce e a depressão se instala. Para o autor, as verdadeiras palavras são encobertas por um falso silêncio.²²

O autor do prefácio do livro *A Resistência Íntima*, Cardeal José Tolentino de Mendonça refere-se ao niilismo como um processo histórico que promove o desmantelamento sistemático de tudo o que poderia construir um horizonte de sentido e depois abandona o homem no não lugar, às arenas do vazio, ao puro devir onde prospera a angústia. Ressalta ainda, o autor, que a prova pela qual o homem tem que passar pode ser entendida como uma «invisível desagregação do ser», aceite como regime de normalidade, como que uma experiência avulsa de expropriação de si, traduzida em tantas modalidades de exílio, diante das quais ficamos como que «conformistas e acrílicos». No entender do autor do prefácio, temos poucos recursos para enfrentar o niilismo, restando-nos aceitar viver fora de nós mesmos. Esta conceção atinge as mais variadas formas do mundo contemporâneo, com uma visão cética radical e sobretudo pessimista em relação às interpretações da realidade, que aniquila valores e convicções.²³

Como resposta a esta visão, Esquirol propõe resistir ao niilismo, aproximando-se da finitude. Em vez do eterno retorno, temos o «retorno a casa». Aí encontra o autor as formas e os motivos que permitem resistir ao niilismo, como forma de combate.²⁴ De

²¹ Cf. João Manuel Duque, *Dizer Deus na Pós-Modernidade* (Lisboa: Alcalá, 2003), 169-170.

²² Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 104.

²³ Cf. José Tolentino Mendonça, «Prefácio», em *A Resistência Íntima*, 8.

²⁴ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 28.

modo a combater essas ameaças e forças desagregadoras do pensamento niilista que ainda vigoram, Esquirol propõe-nos um caminho em direção à originalidade, que passa pela reflexão, pelo pensamento e pela cura de si. A vocação de pensar impõe-se como urgente e situa-se no caminho da mudança e da transformação. Afinal, pensar é refletir acerca de si mesmo, tornando o homem capaz de se transformar e de se converter num exercício de *ascesis*. Nisto reside, segundo o autor, o papel da filosofia, «cuidar da alma: porque o exercício do pensamento transforma»²⁵. Esquirol propõe um pensar que exige recolhimento e diálogo interior, feito de silêncio, que é ao mesmo tempo solidão e companhia, que permite receber a palavra e iniciar o pensamento. Trata-se de um diálogo interior que se traduz em acolhimento, no cuidar do outro, só possível por meio de uma filosofia da proximidade.

b) Resistência ante as forças dominantes e desagregadoras: «existir é resistir»

Quem vai para o deserto é, sobretudo, um resistente. Não necessita de coragem para se expandir, mas sim para se recolher e assim, poder resistir à dureza das condições exteriores.²⁶

Seguindo o pensamento de Esquirol, podemos constatar que o ser humano não poderá ficar refém dessas ameaças de desintegração, em particular da influência do niilismo, concebido como processo histórico. A questão é como podemos opor-nos a essas forças, visto que vivemos num contexto de sociedade de «bem-estar», em que o esforço da subsistência dá lugar à luta para não nos desagregarmos. É preciso buscar as formas e os motivos que permitem resistir. Estamos certos de que essa procura de sentido e horizonte implicam suportar aquilo que se torna um embate, perante as forças desagregadoras. «É preciso resistir»! Esquirol propõe tratar do tema da resistência não como um mero facto circunstancial, mas como uma maneira de ser, um movimento da existência humana. Percebe-a como movimento existencial que, se for bem entendido, poderá provocar profundas mudanças.²⁷

²⁵ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 87.

²⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 13.

²⁷ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 14.

A figura do deserto, usada por Esquirol, ilustra bem a precariedade da condição humana, que dá lugar ao amparo, amparo este que no oceano, segundo o autor, não se consegue concretizar. Neste, há imersão e diluição. No deserto, por sua vez, há acolhimento e morte. No oceano, há ausência de palavra, já no deserto a palavra se faz tenda. A religião é a experiência do deserto, que é compreendido não como um lugar de perda, mas de encontro com o sentido mais profundo da vida e a verdade da existência. O ser humano, ao descobrir-se a si próprio, torna-se capaz de descobrir o quanto o outro faz parte de si e o quanto pode tornar-se responsável pelo outro. A experiência do deserto pode provocar mudança, enfrentamento do seu próprio modo de colocar-se diante da vida. Trata-se de entender o deserto como lugar que não é contrário à vida e ao pensamento, mas que nos oferece um potencial para criar relações, abrir horizontes e perspectivas diferentes.²⁸

Existir enquanto resistir... A tônica não está na realização expansiva, mas no amparo e, por exemplo, no discernimento que a partir do amparo se torna possível. O silêncio de quem se recolhe é um silêncio *metodológico* - literalmente, «de um caminho» que procura «ver» melhor.²⁹

Para o autor, é imprescindível afinar os sentidos, de modo a que eles estejam vigilantes para resistir a desagregação. Ele refere-se especialmente ao niilismo que atinge as mais variadas esferas do mundo contemporâneo, pelo menos nas sociedades ocidentais, com uma visão cética e pessimista da realidade, com uma disseminada prática da existência, que aniquila valores e convicções. É preciso resistir! E nisto consiste, segundo o autor, a tarefa da filosofia: pensar um movimento contrário, que resista ao niilismo, para assim poder derrotá-lo.

A resistência, deste modo, manifesta-se como um profundo movimento do humano, contrário ao niilismo, que nega todos os princípios inerentes à vida, provocando a desagregação dos valores (sociais, políticos, religiosos). Para interpretar a existência como resistência, é preciso considerar o sentido político deste conceito, que consiste na oposição de um pequeno grupo ao domínio imposto por uma ocupação ou por um governo totalitário. Exemplo disso, segundo o autor, é a Resistência que surgiu em vários países europeus em consequência da ocupação nazi, durante a Segunda Guerra Mundial. Nas

²⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 112.

²⁹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 15.

palavras de Esquirol, «trata-se, efetivamente, de uma reação, de uma ação sob a forma de reação, de uma defesa, mais do que de uma ofensiva».³⁰ Trata-se de uma resistência não simplesmente para defender um país ou território, mas para defender um modo de vida e os regimes democráticos face à ideologia totalitária. O que se encontra em jogo é a vida das pessoas (população), tanto no âmbito público, quanto no privado. São conferidos ao Estado poderes arbitrários de decisão sobre o que diz respeito aos cidadãos, servindo-se muitas vezes da ameaça que causa medo e terror nas pessoas.

A resistência política é fruto de uma tomada de consciência do que está em jogo, diante de situações-limite e muitas vezes da dureza da realidade, como um fenômeno espontâneo, a partir da base. O resistente não pensa unicamente em si mesmo, nem o faz prioritariamente. Para Esquirol, fazem parte da resistência política alguns elementos tais como: consciência, vontade e coragem, inteligência estratégica para se auto-organizar e perseverar, apesar da perseguição, à qual, sistemática e inevitavelmente, serão submetidos os envolvidos.

Na concepção de Esquirol, resistir ante as tiranias e o totalitarismo é resistir ante a desagregação. Estes regimes, ao invés de articularem os movimentos da vida pública, têm como objetivo controlar a vida da sociedade, incluindo a economia, a educação, a arte, a ciência, a vida privada e os valores morais dos cidadãos. O resistente é capaz de renunciar à própria comodidade e às pressões; acredita em algo consistente e, por isso mesmo, não é niilista. A sua renúncia não procura a glória e, nem sequer, o reconhecimento dos demais. É do seu ser mais profundo que provém a sua força.

Esquirol propõe falar da resistência à atualidade, entendida como desagregação do momento e fatalidade do futuro, que tudo impõe e tudo concentra. O resistente procura não ceder à atualidade, não protelar, não desistir. O resistente acredita que a sua ação não é absurda e sem sentido. Ele confia na sua fecundidade, apesar de não saber quando e como ela vai germinar. A esperança é, para ele, a vertente de resistência, frente às inúmeras formas de ameaças (internas e externas), causadas pelas novas tecnologias, intempéries, guerras e injustiças, que colocam em risco a vida (humana e do planeta). Deste modo, ele confia na resistência que vem da força e da esperança dos que se fazem «próximos» e não deixam de acreditar na mudança, e na possibilidade de (des)construir pensamentos e reavaliar posicionamentos.³¹

³⁰ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 16.

³¹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 18.

Tolentino faz alusão, no prefácio mencionado, ao movimento da resistência como espaço de liberdade e à arte da esperança, sendo aquele não apenas reativo, dado que se estende também ao pensamento e à criação. E o seu poder resulta da humildade e da capacidade de olhar de frente para o abismo e, desse modo, aprofundar a difícil arte da esperança, elaborada num horizonte que não é simplesmente individual, mas com o outro, com a comunidade. A esperança não está imune às fragilidades e embates. O autor faz referência à esperança, como que se fosse uma frágil candeia, que ilumina na noite escura.³²

Para Esquirol, a *resistência íntima* é o nome de uma experiência própria da região da proximidade, que não resulta da visita de um dia, mas habitual permanência.

«*Íntima* não como interior, mas como próxima, e também como central, nuclear, do *si-mesmo* [...] Íntimo, portanto, assimilamo-lo a próximo e a nuclear. O “diálogo interior” que sou, o amigo, o prato na mesa, a casa..., são elementos de uma *filosofia da proximidade* cujo oposto não é a distância, mas a abstração desligada da vida».³³

A «resistência íntima», tema que permeia o livro de Esquirol, traduz-se num ensaio de uma «filosofia da proximidade», e esta leva a uma certa reivindicação da «quotidianidade». Esta aproximação é capaz de evidenciar ainda uma estreita relação entre resistência e cura, uma espécie de cuidado que se direciona ao mais próximo. A resistência, desta forma, permite desenvolver, por um lado, uma filosofia da proximidade, que foca a sua atenção no outro e nas articulações do *si-mesmo*; por outro lado, a reflexão acerca da resistência centra-se numa hermenêutica do sentido da vida, na tentativa de compreender a fundo a própria existência humana.

Numa entrevista à revista *Pólemos*, intitulada «Cotidiano, Alteridade e Construção de Sentido», Esquirol destaca a relevância e a riqueza da quotidianidade. Segundo ele, essa dimensão foi sempre posta em segundo plano pela filosofia contemporânea e, especialmente, pela filosofia do século XX, tanto por uma herança romântica, como pela proliferação da perspectiva existencialista. Era vista como medíocre, vinculada à homogeneidade, à uniformidade e à rotina, contrária ao autêntico, como se houvesse um tipo de vida mais verdadeiro, excepcional e extraordinário. Visão esta que, para o autor, é extremamente reducionista. O certo é que a rotina do quotidiano é muitas

³² Cf. José Tolentino Mendonça, «Prefácio», em *A Resistência Íntima*, 9.

³³ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 18-19.

vezes feita por situações difíceis, desumanas, onde acontecem as relações interpessoais, com seus desafios e exigências, nisto consistindo também o seu valor. Esses temas ganham importância quando alicerçados num discurso filosófico, no qual o cotidiano é reconhecido e valorizado como horizonte muito relevante da vida humana, visto que, para ele, uma filosofia do cotidiano deve convergir com a reivindicação do concreto.³⁴

Resistir é, nesta perspectiva, assumir, não fugir da própria existência, porque seria sempre uma fuga de nós mesmos. Ou seja, a direção contrária à intimidade será a da dificuldade, dureza, desgaste, dispersão, exposição hostil. O pano de fundo da existência está na proximidade, no seu seio, e o que importa é sentir o calor da pele do próximo. Para o autor, a nossa existência é permanecer na proximidade, com o intuito de cuidar mais do que de dominar. Acompanhar e cuidar são expressões da proximidade e, por consequência, as mais distintas qualidades da quotidianidade³⁵. Para este filósofo, «a apropriação da quotidianidade significa também a revelação do originário, a revelação que se dá ao partilhar o pão. Para aqueles que voltam para casa e se sentam ao redor da mesa torna-se presente o mais sublime. O que não tem nome, o mais originário do originário, revela-se no momento da repetição comensal».³⁶

Para Esquirol, então, a proximidade é um conceito que ajuda a construir um olhar filosófico mais ligado à concretude. A proximidade é assumida não apenas por um referencial físico ou geográfico, mas como uma capacidade de fazer com que os outros, as coisas, as circunstâncias, sejam próximas para nós, nos sejam íntimas. Intimidade e proximidade são, aqui, ideias paralelas. Sentir-se próximo é a possibilidade de atribuir ao outro (pessoa, mundo, coisa), um significado, uma apropriação, uma proximidade existencial que aponta para um horizonte.³⁷

³⁴ Cf. Tatyane Abib, *Cotidiano, Alteridade e Construção de Sentido*, uma entrevista com Josep M. Esquirol, *Pólemos* 10 (2021), 294.

³⁵ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 58.

³⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 59.

³⁷ Cf. Tatyane, «Cotidiano, Alteridade e Construção de Sentido», 295-296.

1. 2 - A condição humana na periferia: o paraíso impossível

a) Habitar a periferia

Aqui, na periferia, viver é sentir-se vivendo.

Aqui, na periferia, não há nem plenitude nem perfeição. Mas sim afeição infinita - mistério - e desejo. Aqui, na periferia, o mal é muito profundo, mas a bondade é ainda mais profunda [...]

Aqui, na periferia, nada faz mais sentido do que o amparo e a generosidade [...]

Aqui na periferia, não nos limitamos a viver, somos também *capazes de vida*.³⁸

A condição humana é, ainda, concebida por Esquirol como aquela que habita a periferia, onde não há nem plenitude nem perfeição, mas afeição infinita – mistério e desejo. O autor fala de uma periferia singular que não se define a partir de nenhum centro, mas onde estão presentes a gênese e a desagregação, a vida e a morte, o humano e o desumano, em que o mal é muito profundo, mas que a bondade é ainda mais profunda. O que importa é o chão, a base. Onde nada mais faz sentido do que o amparo e a generosidade. Espaço onde não se limita a viver, mas onde se é capaz de vida.³⁹

Para Esquirol, «a condição humana é a da periferia do paraíso impossível».⁴⁰ Esta, porém, não se define como qualquer perda ou afastamento da plenitude paradisíaca, áurea ou natural. Pois, o que há de mais humano manifesta-se com a gratuidade da geração chamada generosidade ou bondade. Esta generosidade nunca vai de cima para baixo – ninguém está acima de ninguém – mas sempre de um lado para o outro. Resistimos, porque a vulnerabilidade amparada é capaz de amadurecer, de criar e de dar. A resistência íntima é, ao mesmo tempo, amparo e esperança na geração. Amparar os outros é o primeiríssimo exercício da generosidade.

Para pensar a condição humana, torna-se necessário um voltar-se para o fundamental, exige dar a atenção à base. A gênese acontece onde a vida pessoal pulsa e circula com intensidade; onde a vida se sente e se ilumina, ela acontece aqui. Mas, paradoxalmente, não é nada fácil acercarmo-nos deste aqui, exige um esforço e um método filosófico, literalmente, um caminho da ingenuidade «em direção ao foco da

³⁸ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 7.

³⁹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 7.

⁴⁰ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 8.

gênese». Dizemos que as crianças são «ingénuas» porque estão próximas da gênese com o nascimento.⁴¹

Refletir a condição de periferia é um convite a aceitar a condição de vulnerabilidade que pode ser traduzida como «a vida e a morte, o humano e o desumano». Resistir às intempéries é sinal de força, impulso para a mudança, o início de um caminho de transformação. Não há que ter medo da vulnerabilidade. Ela é vida, «não é perda e nem afastamento da plenitude», mas vida, que encontra seu sentido no amparo e na generosidade. A vulnerabilidade não deixa de ser uma força que provém da resistência diante da ameaça de desagregação. Força esta que pode traduzir-se por coragem e resiliência necessárias para enfrentar e superar adversidades.

No artigo «Resistir em Tempo de Pandemia», Andreas Lind e Bruno Nobre referem-se à fraqueza, não como algo a eliminar ou a superar, mas a integrar num dinamismo crescente de vida, contrariamente a Nietzsche, que considera a fraqueza como *demasiadamente humana*. A «debilidade» nem sempre é algo a ser superado.

Esquirol opõe-se a uma tradição hoje tão presente no ocidente que vê a fragilidade como obstáculo para a realização humana. Ele ajuda-nos a olhar para a fragilidade não com uma situação a combater, mas como possibilidade de superação, mudança e crescimento. Ou seja, a partir da condição de vulnerabilidade, o autor procura recuperar a ideia do ser humano, como alguém capaz de pensar a existência como resistência perante as forças que concorrem para a sua desagregação: «Existir é, em parte, *resistir*. A resistência expressa então não um mero facto circunstancial, mas uma maneira de ser, um movimento da existência humana».⁴²

Esquirol fala da melhor luz do mundo, a periferia como claridade e penumbra. É possível dar-se bem com ambas. Ao falar da luz da periferia, o autor reafirma que o mundo não é uma caverna, nem nós somos seus prisioneiros, ou seja, a periferia não é por ele descrita como um recetáculo fechado em que os humanos buscam encontrar uma saída. A nossa capacidade de ver e de viver reclama uma claridade como a do meio da tarde ou uma penumbra como a do crepúsculo. Nem muita claridade, nem muita escuridão. O autor fala de uma claridade intermédia que não é só luz para os olhos, mas também para os sons e as palavras. E daí resultam palavras claras, luminosas, que ilustram, orientam e ensinam e que são perfeitamente genuínas. É por meio da luz intermédia, que se converte em calor, que então aparecem palavras cálidas, sentidas, reveladoras de que a essência da

⁴¹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 9.

⁴² Esquirol, *A Resistência Íntima*, 13.

linguagem pode ser encontrada no amparo. Entendemos que o mundo não é uma caverna, mas que há cavernas no mundo, causadas por trevas, tais como o isolamento, a escuridão, a miséria..., que frequentemente pairam sobre a periferia onde se vive de claridade, penumbra e sussurros.⁴³

Ao falar da «afeção da periferia», o autor refere-se à vida que circunda a realidade dos que nela habitam: «as breves vidas dos mortais são como sendeiros de silêncio e de cânticos, de blasfêmias e de preces, de decepções e esperanças».⁴⁴ Há, segundo o autor, uma grande pressão para reduzir a vida, na periferia, a simples dados e factos, mas a própria vida resiste a tal redução. O facto de a pessoa ser um «acontecimento inefável» implica que se torne transbordante de significado. Isso indica que a vida não pode ser reduzida a mera observação ou à explicação causal e, mesmo que haja essa explicação, não se esgota o significado. Essas são expressões profundas de que o mundo humano vai além dos simples fatos. E nem tudo ainda pode ser reduzido a problemas.⁴⁵

A condição humana na periferia aponta, segundo Esquirol, para o «mistério», que não deve ser entendido como um problema, porque ele é suscetível de resolução, é objetivo, enquanto o mistério não se compreende deste modo. A vida humana está envolta no mistério que, por sua vez, «reclama atenção e respeito», mas que é diferente de enigma.

As fissuras da condição humana revelam que o mistério constitui a vida, que é ajuntamento – a relação entre finitude e infinito, entre o que abarcamos e o que nos ultrapassa, entre o visível e o invisível, entre o mesmo e o outro. A vida não pode ser descrita apenas pelas categorias aplicadas a tudo o que é, ao que conhecemos e que podemos constatar, mas exige a referência ao infinito ou ao outro. Esquirol assume as categorias filosóficas de infinito e de alteridade, que se equivalem ou se articulam. A alteridade não pode ser representada, mas afeta-nos e comove-nos, abrindo-nos, assim, à alegria ou ao sofrimento.⁴⁶

Para o autor, é ainda maior a intensidade da vida, vivida nas margens, nas margens da «periferia da periferia». Ali, na génese, onde o pulsar da vida e da bondade em harmonia, onde bondade e generosidade são o gesto mais humano dos gestos. A bondade não pode ser explicada como se explica um fenómeno da natureza. Esquirol encontra inspiração na lenda contada por Marcel Schwob na *Cruzada das Crianças*:

⁴³ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 10-11.

⁴⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 11.

⁴⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 12.

⁴⁶ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 14.

Há um menino que se chama Eustace, e que nasceu com os olhos fechados. Mantém os braços estendidos e sorri. Nós não vemos mais do que aquilo que ele vê. Uma menina acompanha-o e carrega a cruz por ele. O seu nome é Allys. Nunca fala; nunca chora; mantém os olhos fixos nos pés de Eustace, para o apoiar quando ele tropeça.⁴⁷

Podemos facilmente constatar que, em Allys, a fenda da bondade se manifesta no sacrifício com que cuida de Eustáquio. O seu gesto é de amparo e gratuidade, o mais humano de todos os gestos humanos, a manifestação do humano, que se explica por si só: «é boa porque é boa, e ama-o porque o ama».⁴⁸

Esquirol, ao falar da periferia para lá da periferia, refere-se ao deslocamento que é, ao mesmo tempo, pessoal, político e religioso. Alude a palavras como ascese, revolução e conversão. A periferia vista deste modo aponta-nos para um horizonte. Ou seja, é um convite a aproximar-se para ir além: quem é capaz de ver a cor da relva estará já no limiar da profundidade que ela esconde. E esta é a principal incumbência da filosofia da proximidade: fidelidade ao limiar e ao concreto. Só a atenção à experiência da vida dá acesso ao sentido que o símbolo quer condensar. Daí a força que continua a ter a vida filosófica, política e religiosa, que não degeneraram.⁴⁹

A partir da «generosidade e fraternidade», acontece uma verdadeira revolução, a capacidade de compreender a «solidariedade no meio da intempérie». Aquilo que nos une é a exposição própria da periferia: a exposição à intempérie, o horizonte do meio palmo e a alteridade que afeta radicalmente a vida. Para ele, somos fundados por um mistério, que é criação e alteridade, e não emancipação. E este acontece ou dá-se no domínio do possível. Ao contrário da emancipação, somos filhos, e por isso com a missão de concretizar «o acontecimento da criação, da diferença, da alteridade». Estamos ao serviço da criação e da vida e, por isso, geradores e criadores de vida, de amparo, de fraternidade. Importa mais sermos «capazes de vida, do que estarmos vivos».⁵⁰ A geração e a generosidade constituem o fio condutor do itinerário proposto por Esquirol no seu livro *A Penúltima Bondade*.

Por fim, Esquirol ajuda-nos a pensar a periferia que está presente nos mais variados espaços do mundo. Em todos esses lugares, há pessoas que, com a sua ação,

⁴⁷ Marcel Schwob, *La Cruzada de los Niños*, trad. Pablo Martín Sánchez (Malága, EDA, 2012), 38-39.

⁴⁸ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 19.

⁴⁹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 20.

⁵⁰ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 20-21.

curam feridas. Esquirol fala de superação, mas também de cura, uma das mais relevantes formas de humanizar e promover a qualidade de vida. Podemos falar da resiliência mesmo em relação ao sofrimento, ao perdão, ao trabalho humanitário, à solidariedade frente a um sistema que exclui os vulneráveis. É devido à condição de periferia que surge o princípio de humanização e de cuidado, capaz de permitir que pessoas comuns sejam capazes de fazer coisas extraordinárias em função dos vínculos e relações que são criadas a partir de situações de vulnerabilidade. Se formos capazes de pensar e agir em conjunto, ficaremos enriquecidos e assim poderemos experimentar, em profundidade, os frutos da proximidade.

b) A plissagem do sentir

Gostaria agora de poder sustentar e justificar que a *plissagem do sentir* é a essência da vida humana.⁵¹

Esquirol refere-se à vida humana através do conceito filosófico de *plissagem do sentir* e acaba por apresentar um significado semelhante a este, que é o *ser capaz de vida*. Estes conceitos aproximam-nos do mistério do *aqui*. E neste sentido, o autor busca inspiração em Aristóteles, na *Ética Nicómaco*, onde se lê:

[...] e se aquele que vê sente que vê, aquele que ouve sente que ouve, aquele que caminha sente que caminha [...] e se sentir que sentimos ou pensamos é sentir que somos; e se sentir que estamos vivos é um prazer agradável por si mesmo.⁵²

Para Aristóteles, a vida humana é essencialmente «constituída pelo sentir e pelo pensar» e, portanto, viver torna-se, por si mesmo, bom e agradável, uma experiência que transcende os marcos epocais. Também para Esquirol, a base da vida humana está no sentir e aí reside a grande certeza, *viver é sentir-se vivendo*. Uma verdade que, para grande parte da tradição filosófica moderna, é denominada de «consciência», podendo ser chamada também «plissagem do sentir», uma espécie de redobramento, que faz com que

⁵¹ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 26.

⁵² Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, trad. Dimas de Almeida (Porto: Ed. Universitárias Lusófonas, 2012), IX, 429.

a afeção possa mesmo ser pelo que não é finito, afeção infinita.⁵³ O autor entende e justifica que «a *plissagem do sentir* é a essência da vida humana».⁵⁴

O autor apresenta a claridade como um dos aspetos determinantes do sentir, um dar-se conta, ser consciente. Esta claridade, que corresponde à luz intermédia, ténue e tibia, que dista tanto da densa, escuridão quanto do feixe de luz branca e ofuscante. É como que um voltar-se sobre si mesmo: sentir do sentir, relaciona-se com uma reflexividade, faz com que a pessoa se encontre nessa reflexão. É como que uma plissagem, um movimento no qual nos encontramos e somos. Um encontrar-se dentro da situação. O nosso sentir, a nossa vida, é esta claridade, plissagem, redobramento, reflexividade imediata na qual nos encontramos passivamente. É como que um despertar do coração que amplia o ângulo do ver e do sentir. Nisto consiste a maravilha da vida. Esta claridade básica reúne tanto os estados de espírito como a «aparição do mundo»; ultrapassa a dimensão visual, é vista também pelo «coração».⁵⁵

Outro aspeto a ser considerado é o redobramento da passividade, é como que o aumento da capacidade de sentir, que dá lugar a uma nova claridade: a de sentir que se sente. Sentir é o modo de ser do humano e, neste ponto, o autor contrapõe-se à «inteligência artificial». Apesar dos avanços neste campo, nada tem a ver com a capacidade humana de sentir, de ser afetado, de sofrer ou comover-se. Pode apenas simular afeção. Ela pode operar como imitação do pensamento humano, mas não é o humano.⁵⁶

A passividade como característica própria do humano indica a capacidade de receber, de sermos afetados ou feridos pelas coisas. «A ferida é modificação, mudança, transformação, comoção, corte e início instantâneo da sutura, reação e resposta. Ser humano, como ser afetado, como ser comovido. Passividade e paixão, recebimento e resposta – e responsabilidade».⁵⁷ Os estados de espírito são expressões privilegiadas da passividade.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, analisa com muita lucidez os estados de espírito e concebe que eles revelam o nosso modo de ser, a nossa abertura ao mundo, «o *Dasein* sempre se entende a si mesmo, a partir da sua existência»⁵⁸ Existir significa encontrar-se,

⁵³ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 24-25.

⁵⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 26.

⁵⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 27-30.

⁵⁶ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 30.

⁵⁷ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 31.

⁵⁸ Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, trad. Fausto Castilho (Petrópolis: Vozes, 2012), 61.

um encontrar-se totalmente. A passividade consiste justamente em não poder deixar de nos encontrarmos. «o *Dasein* é em si mesmo ontológico»⁵⁹. Para ele o ser significa movimento, ou seja, ser é sendo. O nosso horizonte existencial consiste na procura de continuar a compreender-nos a nós mesmos, de modo a lidar com as vivências do nosso contexto existencial, «não há dúvidas de que o *Dasein* nos é não só onticamente próximo ou mesmo o mais próximo – pois nós o *somos* até cada vez mais nós mesmos»⁶⁰. E, segundo Esquirol, nisto consiste a passividade, um encontrar-se a si próprio na totalidade. O estado de espírito toma a pessoa por inteiro. O que sente alegria ou tristeza, sente-a na sua inteireza. Enquanto sujeito que é, a pessoa encontra-se em situação e é afetada por ela. E, portanto, a abertura do estado de espírito é a abertura do sentir.

Esquirol considera a centralidade do sentir como a chave da excecionalidade humana, da sua real maneira de ser. Deste modo, as coisas dão-se graças a esse modo de ser afetivo: «todas as coisas vêm até nós porque há um *pathos* da sua vinda, no sofrimento da vida, que como veremos é vida singular, absolutamente singular: eu».⁶¹ O ser humano caracteriza-se pela modalidade do sentir que causa uma espécie de redobramento ou de plissagem, plissa-se sobre si mesmo. A linha da passividade-sensibilidade dobra-se sobre si mesmo. A plissagem do sentir é o sentir do sentir. Esta conduz a uma afeição profunda que toca o coração. A sua amplitude permite ir da pele ao coração e vice-versa. É essa amplitude da plissagem que permite que as coisas que nos acontecem cheguem ao coração. Nisto consiste o símbolo do sentir, da pele ao coração. Deste modo, a plissagem do sentir pode ser, ao mesmo tempo, amplitude e redobramento. Essa dupla linha do sentir pode ser entendida como uma maior vulnerabilidade e maior capacidade de receber e de ser ferido. O coração é o símbolo da sensibilidade e da bondade. Sensibilidade é sabedoria, ou seja, lembranças que se levam no coração.⁶²

A proposta da plissagem do sentir, como chave interpretativa do ser humano, tem também a intenção aproximativo-metafórica de um modo de ser. É a duplicação da passividade que dá lugar a um sujeito diferente, literalmente reflexivo, mais afável e mais ativo – mais passivo e mais passional. Há uma intensificação do sentir que se redobra e se plissa sobre si mesmo, fazendo com que sua amplitude chegue até o coração e, ao mesmo tempo, uma separação entre pregas que possibilita o sentir do sentir. Quanto maior

⁵⁹ Heidegger, *Ser e Tempo*, 63.

⁶⁰ Heidegger, *Ser e Tempo*, 69.

⁶¹ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 32.

⁶² Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 32-33.

for a sensibilidade, maior será a abertura. A plissagem do sentir torna-se, assim, abertura e exposição à afeção das coisas e daquilo que nos afeta.⁶³

Esquirol fala de um finito trespassado pelo infinito, afeção esta que ele chama de sentir infinito ou afeção da alteridade-infinita. É pelo fato de ser alterado que o humano é humano, porque aí está a «vida». Neste processo de evolução e de crescimento surge o sentir do sentir que leva ao «eu», nome dado ao sujeito do sentir, ou seja, àquele que sente que sente. Um ente concreto, em que o corpo é a concreção do «eu» que sente. «O sentir do sentir é o início do eu, do si mesmo. [...] Este eu encontra-se a viver».⁶⁴

Contudo, o ser humano vive um dilema: por um lado, tem a experiência da vida como um prazer; por outro, a sombra da finitude que paira sobre este prazer. É justamente por experimentar a vida como gozo que a morte se torna ameaça e estremecimento. Por causa dessa experiência preciosa de gozo e prazer, temos que lidar com as adversidades para continuar a viver. A vida como plissagem do sentir que cada um de nós é, não indica patrimônio algum, consiste sim, numa afiada singularidade do «eu».⁶⁵

Esquirol propõe a plissagem do sentir como aquela que leva tanto à claridade, como, inseparavelmente, à afeção infinita. Deste modo, podemos entender o ser humano a partir da afeção, um ser tocado pelo mistério da vida, pela experiência do eu, do tu e do mundo. Para ele, não pode haver ontologia sem paixão. Diferentemente da vida vegetal e animal, o sentir do ser humano ultrapassa um limiar que, com a plissagem, conduz à claridade sobre a própria situação, à reflexividade basal e à afeção de sentir a vida. E isso faz do animal humano um singular, singularíssimo. Uma separação entre pregas que possibilita o sentir do sentir. Um atraso que é também possibilidade: relação reflexiva, diálogo comigo mesmo, poder de decisão.⁶⁶

A afeção, o estar tocado, é dinamismo da vida em movimento. São três os dinamismos fundamentais: o do prazer, o do amparo e o do saber-conhecimento. Sentir o prazer da vida na separação aberta pela plissagem do sentir significa, também, que no prazer já está contida a insatisfação e que a satisfação nunca poderá ser total. O «retorno» faz parte dessa dimensão, e surge com isso a intenção do ser humano de guardar o gozo relacionado com o outro, consigo próprio e com o mundo. Conservar o vivido, justamente pelo gozo e pelo prazer que lhe estão associados. Esquirol fala de um desejo que gera.

⁶³ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 34.

⁶⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 37.

⁶⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 37-38.

⁶⁶ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 39.

Sentirmo-nos a viver enquanto afeção, que é já movimento, dinamismo, mediação. Somos mediação e desejo. Para Lévinas, «viver é viver de».⁶⁷ Ser eu significa sentir o gozo e também a tristeza, a preocupação ou o sofrimento, que se definem a partir do gosto e do prazer de viver. A vida é uma relação contínua com os conteúdos, são experiências do eu que sente o gozo da vida, de um eu gozoso porque vive. E, por esta razão, podemos dizer que a vida é amor à vida.⁶⁸

Em suma, ao considerar a outra pessoa como expressão de alteridade, o que se quer é possuir a transcendência do outro, a infinidade do outro. O mistério da vida humana é o mistério da relação, da singularidade aberta e relacionada (passiva e apaixonada). O desejo é a expressão mais evidente desse mistério. Esquirol fala de um anelo infinito através da afeção infinita, que não aspira a nenhum paraíso terrestre, mas sim ao céu (alteridade infinita). O mistério já nos afetou. Poderíamos dizer que a pessoa espiritual é justamente aquela que responde a essa afeção e não a esconde. Somente aqueles que cuidam da afeção infinita mantêm uma vida espiritual. Viver sentindo e desejando também significa viver imaginando. No viver que é o viver de, já há gozo, embora o desejo que geramos, através da afeção infinita, seja desejo de infinito. Desejar pela estrela não vista que, no entanto, já nos afetou.⁶⁹ Vivendo desta forma seremos capazes de vida.

O autor refere-se à alteridade que traz consigo as três afeções mais nucleares e latentes: a do eu que sente numa vida breve, a do tu que ama e te ama, e a do mundo admirável que interpretamos.⁷⁰

1.3 - «Ferida infinita»

Um sentir redobrado, eis aqui o humano.⁷¹

Esquirol vai falar de um eu ferido, aberto e atingido definitivamente por algo que lhe acontece e o constitui. Esta ferida pressupõe uma verdadeira abertura: afetividade, vulnerabilidade, sensibilidade ou passividade. Esquirol propõe-nos a dobra do sentir, «um sentir redobrado». Deste modo, ser humano significa ter alcançado um tão alto grau de

⁶⁷ Emmanuel Lévinas, *Totalidade e Infinito*, trad. Miguel Garcia-Baró (Madri, Sígueme, 2012), 116.

⁶⁸ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 44.

⁶⁹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 53-58.

⁷⁰ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 34.

⁷¹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 60.

abertura que a linha ascendente da sensibilidade, de tão alta, se volta para baixo e se inclina sobre si mesma, dando origem a mais largura, mais profundidade. O humano é este sentir redobrado em que a clareza é uma das expressões da dobra do sentir.⁷²

A ferida infinita é, simultaneamente, expressão do infinito que afeta a gênese da interioridade. Na amplitude da interioridade, a dobra do sentir e a ferida infinita ocorrem ao mesmo tempo e completamente. A alma emerge como alma ferida, vibração pela ferida infinita. Assim, vamo-nos aproximando do objetivo desta reflexão, que nos ajuda a compreender o homem como alguém que tem nome, ferido pelo infinito. Podemos dizer que as feridas infinitas se encontram intersectadas, que o corte de cada uma toca o das restantes, de modo que cada uma partilhe um pouco das demais: feridas infinitas ou única ferida.⁷³

a) O significado e a experiência da contingência

Segundo Esquirol, o conceito medieval de *contingente* serviu como categoria ontológica, um modo de classificar as coisas que são. Esquirol tentará vincular e fazer surgir essa categoria na nossa experiência, tentará passar de um registo teórico para um mais existencial, da maneira mais radical. O autor começa por abordar a dificuldade de descrever o facto de estarmos aqui, por meio de conceitos que foram nucleares na filosofia medieval, tais como: necessidade, possibilidade ou causalidade – conceitos estes que, para Esquirol, atrapalham mais do que ajudam e que hoje são pressupostos do conhecimento científico.

Para Esquirol, a experiência de estar no mundo está ligada a este estar aqui, tendo começado e continuando a começar. Este autor opta pela fórmula alternativa: encontramos-nos enquanto início, aqui, na intempérie. O que se vai tentar esclarecer não é tanto o facto de estarmos aqui ou de existirmos, questões estas que são objeto de muitas explicações pela ciência. O que permanece inexplicável é o facto de sermos, de nos sentirmos inexplicáveis, de não sentirmos a nossa existência necessária ou devida e, por outro lado, não sermos frutos do puro acaso. Para explicar melhor esta questão, Esquirol propõe uma redefinição da palavra *contingente*. O seu significado é não necessário.⁷⁴ A questão é: o que é realmente necessário? Segundo algumas abordagens filosóficas,

⁷² Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 59-60.

⁷³ Cf. Esquirol, *Humano mais humano*, 60-61.

⁷⁴ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 37-38.

somente Deus é necessário, compreendido como o único ser que pode ser considerado *causa sui*, ou seja, causa, razão e fundamento de si mesmo. Também, algumas vezes, a necessidade das chamadas verdades eternas foi enfatizada, especialmente a necessidade das de natureza lógica e matemática. Também nas filosofias deterministas a ideia de necessidade tem valor universal, como se tudo o que ocorre dentro da totalidade fosse necessário.

Para Esquirol, a definição medieval foi a de contingência como possibilidade de ser ou não ser. Ideia essa que permitirá que abordagens metafísicas, com a de Leibniz, segundo a qual todas as coisas e todos nós faríamos parte do mundo dos possíveis, e que nos tornamos reais graças a uma decisão divina racional. E desse conceito é possível pensar que o facto de estar aqui era altamente improvável, mas que uma série de fatores o fizeram passar de possível a real. Na visão de Esquirol, os autores Bergson, Heidegger e Sartre tentaram redefinir o tema da contingência a partir da experiência humana de estar aqui. A partir desse conceito, é possível concluir que a possibilidade da minha inexistência só é possível pelo facto de eu existir.

Para entender a possibilidade dessa forma é preciso vinculá-la à experiência da liberdade e da criação, sendo que ambas transcendem qualquer explicação causal. E assim não passamos do possível ao real, mas do real ao possível.⁷⁵ Desta forma, abre-se espaço para um novo conteúdo para o conceito de contingente, que pode ser não necessário e não devido. Ou seja, não vem da possibilidade, mas cria-a. E poderíamos dizer que faz parte da família da liberdade e do acontecimento. Este novo conceito baseia-se e nutre-se da *minha* contingência, da experiência que tenho da minha situação, fora dos esquemas da necessidade, do acaso e da possibilidade *a priori*. É a experiência do nascimento que ajuda a compreender a categoria da criação e do monoteísmo judaico-cristão.

Em suma, recuperar o conceito de contingência tem como intenção resistir ao domínio da necessidade e sublinhar o inexplicável. Dizer contingência significa não colocar a necessidade no início – nem no meu e nem no do mundo. Por detrás do véu da necessidade aparece a maravilha dos eventos iniciais. Nisto consiste a redefinição de contingência, o início inacreditável ou o nosso inacreditável início.⁷⁶ A contingência, no seu uso coloquial, tem uma riqueza que a torna ideal para a transformar num conceito filosófico; faz-nos ver assim a vida como um mistério. O mundo inteiro é um início

⁷⁵ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 40.

⁷⁶ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 42.

incrível, mas, acima de tudo, cada pessoa é um início incrível, bem como algumas das coisas que ela faz e cria.⁷⁷

Quanto à questão do eu como poder e a sua capacidade de prometer devemos relacioná-la a representação do ser humano a partir do seu poder, que não deve ser entendido apenas em relação à história do progresso tecnológico. Tem a ver com a experiência básica que fazemos de nós mesmos enquanto podemos: andar, imaginar, decidir. Dessa experiência derivam a vontade e a liberdade, que se articulam como conceitos vizinhos: poder, vontade e liberdade. Para Nietzsche, além da capacidade de esquecer, o animal humano procurou ainda uma capacidade oposta, uma espécie de memória da vontade: não querer voltar a libertar-se. Já Esquirol, encontra uma definição genial: o poder de prometer como memória da vontade! Poder que exerce sobre o mais indomável: o futuro. A promessa concebe-se assim como uma reivindicação de domínio sobre si mesmo e sobre o futuro. Para Nietzsche, o poder de promessa está em processo de amadurecimento e, se o poder for visto em toda sua magnificência, o homem capaz de prometer dará um passo gigantesco em direção à sua aurora. Nietzsche entende que a promessa brota espontaneamente do eu que tende à soberania.⁷⁸

Para Arendt, o poder de prometer surge enquanto poder de aliviar a insegurança e a imprevisibilidade, que ela chama de dupla obscuridade e fraqueza dos assuntos humanos e, dessa forma, torna-se possível a vida comum, bem como salvaguardar as instituições. Diz ela:

A imprevisibilidade, eliminada, pelo menos parcialmente, pelo ato de prometer, tem dupla origem: decorre ao mesmo tempo da treva do coração humano, ou seja, da inconfiabilidade fundamental dos homens, que jamais podem garantir hoje quem serão amanhã, e da impossibilidade de se prever as consequências de um ato numa comunidade de iguais, onde todos têm a mesma capacidade de agir.⁷⁹

Diferentemente de Nietzsche, Arendt enfatiza que tanto o poder como a promessa têm a ver com os outros. Para ela, o perdão e a promessa expressariam perfeitamente aquilo que é o mais sublime do humano: a capacidade de agir, de começar, de iniciar. O ser humano é aquele que nasce e é capaz de fazer nascer, ele não está aqui para morrer,

⁷⁷ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 46.

⁷⁸ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 49.

⁷⁹ Hannah Arendt, *A Condição Humana*, trad. Roberto Raposo (Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1989), 255-256.

mas sim para começar. Assemelha-se, porém, a Nietzsche no fato de colocar o centro da gravidade no poder que se manifesta nas ações.⁸⁰ Sobre isso, diz-nos Arendt:

Nietzsche com sua extraordinária sensibilidade para os fenômenos morais – a despeito de seu moderno preconceito de enxergar a fonte de todo poder na vontade de poder do indivíduo isolado – viu na faculdade de prometer (a «memória da vontade», como ele a chamou) a verdadeira diferença que distingue a vida humana da vida animal.⁸¹

Paul Ricoeur desenvolve o tema da identidade humana como *ipseidade*. A identidade é pensada como uma articulação entre dois registros: *idem* e *ipse*. Ou seja, a pessoa é a mesma enquanto *idem*, no sentido em que mantém alguns traços, tem sempre o mesmo código genético, os pais, o lugar que nasceu. Outra é a identidade como *ipse*: a pessoa vai-se afirmando ao longo do tempo, e fá-lo através de compromissos, convicções, promessas... O *ipse* é o si mesmo reflexivo, que se compromete e se sente responsável pelas suas ações.⁸²

A total incapacidade de assumir o que diz e o que faz seria o desaparecimento da *ipseidade*. Segundo este autor, a ipseidade está atravessada pela alteridade – categoria teórica que corresponde às experiências radicais de passividade (de afeição), pensamento este concebido também por Esquirol. A ação humana é principalmente resposta. E responder ao que lhe acontece é o ponto crucial. Mais radical do que eu posso é o eu que, quando algo lhe acontece, responde. A promessa e o perdão são uma resposta ao que profundamente me acontece. A minha ação de iniciar é uma resposta. O meu movimento, que é o começo, é uma resposta.⁸³

O inolvidável, inesquecível memória, constitui-nos na parte mais íntima do nosso ser, não depende do nosso poder para esquecer, mas da vulnerabilidade já aberta. O inolvidável chegou, jamais partirá, e transborda-nos – com o seu excesso. O abraço da vida e a fricção da morte fazem parte dele. Cuidar do inolvidável, segundo Esquirol, é uma boa definição daquilo que pode ser a vida espiritual. Cuidar do inolvidável é uma

⁸⁰ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 51-52.

⁸¹ Arendt, *A Condição Humana*, 257.

⁸² Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 51-52.

⁸³ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 53-54.

forma de lhe responder. Ele transborda-nos, excede. O cuidado é a atenção e o esforço para seguir sua orientação, a rota que ele nos aponta.⁸⁴

Assim, concluímos que o homem que promete, perdoa e experimenta o inolvidável é alguém que *é tocado*. Como se o que mais lhe pudesse afetar estivesse perto do toque, do contato, da pele mais fina, que é símbolo da sensibilidade. A excelência do humano reside na delicadeza, fragilidade e ternura. Isso demonstra que o afastamento do mundo não aumenta a vida, pelo contrário, a vida intensifica-se através da relação e contacto com o mundo. A vulnerabilidade torna-se, assim, a situação mais fundamental da condição humana que, se caracteriza ao mesmo tempo pelo poder e impotência: a pele fina, o toque, simbolizam sensibilidade, abertura e recetividade. O contrário pode ser caracterizado como enclausuramento, indiferença e falta de humanidade. Para Esquirol, a delgadeza da pele fina concede o privilégio inassumível da ferida infinita, tema este que trataremos a seguir.

b) As feridas do eu (da vida, da morte, a do tu e a do mundo)

Ferida infinita é o termo que, no fim de contas, considero mais adequado para expressar a incisão, profundíssima e em forma de cruz horizontal, que nos atinge o centro da alma – ou melhor, que gera a nossa alma.⁸⁵

A lista de feridas proposta por Esquirol é quádrupla: a ferida da vida, a da morte, a do tu e a do mundo. Quatro feridas e um único entalhe. Quatro incisões e uma única ferida. Podemos entender assim o humano enquanto o ferido pela *vida*, pela *morte*, pelo *tu* e pelo *mundo*. Figura esta que unificada ajuda a compreender a grande proximidade das experiências fundamentais: gosto, angústia, amor e assombro. Heidegger argumenta que pensar o ser é pensar na cruz da quaternidade (uma espécie de estrutura, um jogo, entre os mortais, os deuses, o céu e a terra) e que o homem é um dos elementos da cruz. Ele não vê o homem como o centro, para ele centro é o ser. Segundo Esquirol, Heidegger quer pensar acima de tudo o ser; o eu, com o rasgo da ferida. Ele tenta pensar, acima de tudo, o humano. De um lado, a cruz do ser e, do outro, a ferida cruciforme do humano.⁸⁶

⁸⁴ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 55-56.

⁸⁵ Esquirol, *Humano mais Humano*, 17.

⁸⁶ Esquirol, *Humano mais Humano*, 62-64.

A essência da vida humana consiste nesta incisão cruciforme da ferida infinita; dobra do sentir – que proporcionou que se produzisse a ferida, e que a ferida provocou a profundidade e a interioridade da dobra. Na incisão cruciforme, a palavra *Deus* não está ausente: a arqueologia de Deus é o mistério do mundo no panteísmo, e é o mistério do tu nos monoteísmos, especialmente o cristão. Aquilo que afeta é, de certa forma, o infinito, que revela uma radical profundidade ou alteridade. Ou seja, a ferida infinita é como que um sulco do humano, que gera o humano e requer cultivo – a infinidade daquilo que fere deixa uma semente capaz de crescer, amadurecer e dar frutos. O cuidado da alma é o trabalho desses sulcos. A infindável vocação do humano consiste na crise da ferida e na paciência da resposta. Aí se encontra o humano mais humano, na ferida infinita e no cuidado para lhe responder. Pode ser entendido como *pathos* e movimento de resposta.⁸⁷

A ferida desvia a atenção para o que nos fere, mas, ao mesmo tempo, para nós enquanto sujeitos passivos da ferida. Podemos experimentar a transcendência e reflexividade juntas. A atenção ao que nos transcende é, ao mesmo tempo, atenção a nós mesmos enquanto transbordados. O gosto pela vida, que não nos vem de fora, mas do próprio interior, dá-se no facto de nos sentirmos a viver na claridade e no calor que se projeta em todos os conteúdos da vida. O abraço da vida, que incluirá todas as coisas, é a própria dobra do sentir, que vibra e faz vibrar tudo aquilo que abarca o que me acontece, o que faço. A ferida da vida faz-nos sentir a vida na manta das relações da situação fundamental.⁸⁸

Esquirol, ao referir-se à fricção da morte, caracteriza-a como a angústia, o temor e o estremecimento da dobra do sentir. Há no ser humano uma necessidade insaciável de consolo, cuidado, acompanhamento, a resposta interminável à ferida, porque ela é infinita. E, neste contexto, tanto o suicídio como a eutanásia devem ser entendidos mais a partir da antropologia da ferida do que da antropologia do poder, visto que têm a intenção de evitar o sofrimento no momento da morte. Esquirol argumenta que há uma continuidade ontológica entre esperar a chegada da morte e fazer algo para que ela chegue mais cedo e, assim, poder poupar o excesso do sofrimento. E tanto o suicídio como a eutanásia, vistos deste modo, não são ofensas, mas amparo e cuidado desesperados, porque o excesso da ferida da morte perturba a vida. A ferida infinita é uma necessidade de consolo insaciável.⁸⁹

⁸⁷ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 64-65.

⁸⁸ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 66-67.

⁸⁹ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 69-70.

No espaço da situação fundacional, a presença do tu é tão intensa que também abre uma ferida em nós. Presença tão presente, quase invisível, que gera todas as formas de amor. Presença do tu que dá presente, porque confere consistência ao mundo e dá confiança. Em contrapartida, o tu que esmaga é uma degeneração tirânica. A grandeza do tu pode ser relacionada com o espaço que te permite, com a oferta que te faz, característica das pessoas sábias e espirituais: pelo bem, pelo espaço que se abre, pela confiança que se dão. Deste modo, pode-se introduzir o amor do tu divino – que visita e se retira – uma alteridade que oferece espaço. A contenção seria a sua generosidade. Para São João da Cruz, o que fere é a flecha do amor, a chama do amor. Alma ferida pelo amor humano e pelo amor divino. Deste modo, podemos constatar que a ferida é primordialmente humana, muito humana.⁹⁰

O mundo, como uma das quatro feridas infinitas, faz parte da situação fundamental e esta, por sua vez, faz parte do mundo. Essa situação supõe as intempéries, mas, também, coisas benéficas e horizontes orientadores. Ao falar da situação fundamental, o autor quer enfatizar a nossa situação e aquilo que mais nos afeta. Somos afetados pela imensidão e pelo assombro ou pela sombra. No assombro, fica suspensa a clareza e evidência, situação esta que pode ser caracterizada como depressão da «normalidade», da evidência, da segurança e das coisas, experiência paradoxal de uma ocultação. O assombro, enquanto declinação da luz e do calor, relaciona-se com a intempérie.

O drama das feridas infinitas é o drama da vida. A ferida da vida é a primordial, e é como que uma condição das restantes. Aprender a viver é aprender a morrer, e vice-versa e nisto consiste a experiência da finitude. Porém, Esquirol entende que, «no palco da situação humana, existe também o tu e o amor. E o amor é tão forte como a morte. [...] Não estamos destinados apenas à morte, mas também ao tu. E o amor pelo tu (e ao tu), fazendo parte do gosto da vida transcende-nos».⁹¹ O sofrimento e o amor pelo tu é também orientação e significado, busca de sentido.

Assim, nessa tensão dramática, ligada à vida e à morte, ao amor e ao mundo, a situação que é intempérie, horizonte e luz, é também trevas. Nestas situações, acontecem os encontros da vida com o amor e a morte. E, na incisão cruciforme da ferida infinita, vai sendo gravado o extraordinário percurso de cada vida humana.

⁹⁰ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 71-72.

⁹¹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 76.

A alma é o centro da pessoa, o mais vivo que é vibração causada pela ferida infinita, simbolicamente chamado coração. Podemos ler no *Livro dos Provérbios*: «Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele jorram as fontes da vida» (Pr 4,23) Na ferida não há fora ou dentro. É simultaneamente profunda e aberta. O centro é a ferida e a ferida está aberta pelo infinito que nos chega, ou seja, a dobra do sentir e a ferida infinita permitem pensar uma interioridade que é, ao mesmo tempo, abertura perfeita – abertura aberta para as quatro infinitudes – onde aflora a vibração da alma: paixão da vida. Dizer que a ferida é o mais profundo do humano é o mesmo que dizer que ela é o mais alto – e que provém do mais alto. A verdadeira altura é a profundidade. A ferida infinita é a gravidade humana, que se converte em solo, base e fundamento da nossa vida.⁹²

Em síntese, neste primeiro capítulo, partimos da visão de um ser humano exposto a intempéries e à desagregação. Constatamos que o niilismo é um dos principais responsáveis, como um processo histórico, que nega o sentido da própria existência e aniquila valores e convicções. No contexto em que vivemos, o autor identifica duas modalidades de niilismo: a atualidade (a ausência de tempo, a perda de memória), e o dogmatismo (aquilo que é porque é, sem mais razões, que carece de razoabilidade).

Este ser humano, exposto às intempéries e sujeito à vulnerabilidade, habita a periferia, onde os recursos são os que provêm da própria condição de vulnerabilidade: «a condição humana não deve ser pensada a partir da ideia da plenitude, mas a partir da intempérie da periferia e da afeção infinita».⁹³ O autor fala da «afeção da periferia» como a vida que circunda a realidade dos que nela habitam, nas margens da periferia, na gênese, onde é ainda maior a intensidade da vida. Porque, mais do que estarmos vivos, o que mais importa é sermos capazes de vida.

Para Esquirol, este ser capaz de vida caracteriza-se pelo sentir, «a plissagem do sentir é a essência da vida humana».⁹⁴ Um sentir tão intenso que pode causar uma espécie de redobramento ou de plissagem, que vai da pele ao coração, um finito trespassado pelo infinito. Neste processo de evolução e de crescimento, surge o sentir do sentir, que leva ao «eu», nome dado ao sujeito do sentir, ou seja, àquele que sente que sente. Um ente concreto, em que o corpo é a concreção do «eu» que sente.

⁹² Esquirol, *Humano mais Humano*, 78-79.

⁹³ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 60.

⁹⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 26.

Vimos no tema da contingência que a ação humana é principalmente resposta. A promessa e o perdão são uma resposta ao que *profundamente me acontece*. O homem que promete, perdoa e experimenta o inolvidável, é alguém que *é tocado*. A vulnerabilidade torna-se, assim, a situação mais fundamental da condição humana, que é, ao mesmo tempo, poder e impotência: a pele fina, o toque, simbolizam sensibilidade, abertura e recetividade. Para Esquirol, a delgadeza da pele fina concede o privilégio inassumível da ferida infinita.

A infundável vocação do humano consiste na crise da ferida e na paciência da resposta. Aí se encontra o humano mais humano, na ferida infinita e no cuidado para lhe responder, visto que a ferida infinita é uma necessidade de consolo insaciável. Esquirol define o papel da filosofia em poder ser uma cura desta ferida: «a melhor filosofia é aquela que se curva sobre a ferida infinita para cuidar dela e responder-lhe».⁹⁵

Diante dessas ameaças, o autor propõe recuperar a ideia do ser humano, como alguém capaz de resistir às forças que concorrem para sua desagregação. Nisto consiste a tarefa da filosofia: pensar um movimento contrário, que resista ao niilismo, para assim poder derrotá-lo, como nos diz Esquirol: «cuidar da alma: porque o exercício do pensamento transforma»⁹⁶.

A filosofia da proximidade, proposta por Esquirol, é uma tentativa de «resistir ao niilismo aproximando-se da finitude. Em lugar do eterno retorno, o “retorno a casa”. [...] É precisamente o embate que há que resistir».⁹⁷ O pano de fundo da existência está na proximidade, no seu seio. A questão a ser estudada, de seguida, prende-se com a problemática de encontrar uma resposta, do autor em apreço, face as intempéries e à incisão da ferida infinita.

⁹⁵ Esquirol, *Humano mais Humano*, 82.

⁹⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 87.

⁹⁷ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 28.

Capítulo 2

RESPOSTA À INTEMPÉRIE E À INCISÃO DA FERIDA INFINITA

De acordo com os conceitos e os fundamentos analisados no capítulo anterior, relativos às forças negativas presentes no mundo, que concorrem para a desagregação do ser, entre elas o niilismo, entendido como o processo de se ir perdendo o fio, o enlace, a relação, Josep M. Esquirol propõe recuperar a ideia do ser humano como capaz de resistir a tais forças desagregadoras. Assim, ele procura entender o papel da filosofia como uma resposta à condição humana.⁹⁸

Como tentativa de resposta à questão, veremos como a filosofia da proximidade procurou pensar a radicalidade do humano e elaborar aquilo a que se poderia chamar uma antropologia filosófica. Para tanto, Esquirol serve-se de elementos primordiais da quotidianidade que nos remetem para a proximidade, tais como «a casa, o pão na mesa, o azeite», entre outros elementos. Outro aspeto a ser aqui abordado, e que contribui para compreensão do humano, é o cuidado da ferida.

Perante um ser humano vulnerável, são essenciais os gestos do amparo e do acolhimento, ou seja, a solicitude e cuidado pelo outro. Para explicitar melhor a existência humana, Esquirol usa a imagem da junção, o alinhavo, a costura provisória de dois limites. A morte significa o desfilar, a rutura do fio. Diante da provisoriedade e vulnerabilidade tem sentido o cuidado de nós mesmos e dos outros. A este propósito, diz-nos Esquirol: «somos uma articulação, uma *reunião*, uma *conjuntura*, tão precária como absolutamente admirável. Reunião da diferença».⁹⁹ A palavra genuína, o canto e o silêncio são formas de resistência frente às forças aniquiladoras, como a passagem do tempo, as nossas próprias intempéries, bem como as ideologias que tudo esmagam e consomem. A condição humana implica ainda um cuidado de si por meio do silêncio e da reflexão, de modo a criar a força interior capaz de resistir. Este cuidado supõe um curvar-se sobre a «ferida infinita».

Finalmente, a partir da abordagem de Esquirol na sua obra, propomo-nos descortinar possíveis caminhos que ajudem a elucidar a excelência do humano que pensa, reflete, interroga e, por isso, anseia por mais vida, com mais amor e sentido. A questão

⁹⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 14.

⁹⁹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 142.

central consiste em como formar o «humano» para ser «mais humano», mais pessoa, e qual o caminho a trilhar para se alcançar tal objetivo. O processo de humanização supõe um caminho de formação pessoal que passa pela aproximação e pelo cuidado da vida e das suas relações: consigo mesmo, com os outros, com os objetos e bens materiais e com a natureza (ecossistema – mundo).

2.1 - A lógica da proximidade

Na reflexão prosseguida até aqui, constatamos que a filosofia da proximidade é uma tentativa de resistência ao niilismo e aproximação à finitude. O caminho apontado é o de permanecer na proximidade, com o intuito de cuidar mais do que de dominar.

Com a filosofia da proximidade, procuro pensar a radicalidade do humano e elaborar aquilo que em termos mais académicos se poderia chamar uma *antropologia filosófica*, cujos principais conceitos seriam estes: «alguém», que é o pronome do humano; «intempérie», que indica a situação fundamental; «dobra do sentir» e «ferida infinita», que expressa a essência da vida humana; «curvatura poiética», que desenha o sentido da ação e «reencontro», que perfila o horizonte de toda a espera [...], «início», «resistência», «juntura», «canto», «companhia» [...].¹⁰⁰

Aproximar e cuidar expressam proximidade, são elementos essenciais da quotidianidade. A imagem da «casa» evoca o movimento do recolher-se e do resguardar-se, onde se estabelece proximidade, laços de familiaridade, o «prato na mesa, o azeite e o pão», elementos do quotidiano, que congregam e unem aqueles que se encontram em casa. Verificamos, portanto, que a filosofia da proximidade supõe a quotidianidade. Consciente da finitude da situação humana, a proximidade torna evidente a relação entre resistência e cura. Por outro lado, a reflexão que se baseia na resistência é uma tentativa de compreender o sentido da vida e o contexto da existência humana. O abrigo, o refúgio, a atenção ao gesto, a valorização do senso comum, o cuidado da linguagem, a atenção ao outro, que lhe é mais próximo, tem a função de amparo face às intempéries.¹⁰¹

¹⁰⁰ Esquirol, *Humano mais Humano*, 16.

¹⁰¹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 19.

a) A quotidianidade, o próximo e a casa

O «diálogo interior» que sou, o amigo, o prato na mesa, a casa..., são elementos de uma *filosofia da proximidade* cujo o oposto não é a distância, mas a abstração desligada da vida. [...] A filosofia da proximidade leva uma certa reivindicação da quotidianidade.¹⁰²

A quotidianidade de que nos fala o autor remete-nos para algumas imagens como «o prato na mesa, o azeite e o pão», imagens que expressam abrigo, cuidado, partilha. Lembram a terra firme, o céu, o fruto maduro, a partilha e remetem-nos para o primordial, para os outros. É uma proximidade que se distingue da experiência niilista, do isolamento, da solidão e da falta de sentido.¹⁰³ Outra imagem que ganha destaque ao falar da quotidianidade é a casa como símbolo da intimidade descansada, paragem do recolhimento e acolhimento.

A casa ou cabana é sinónimo de abrigo e repouso na intimidade. A casa é espaço de intimidade e de segredo, que é também caminho para o mistério, para o segredo, para o tesouro, para o descanso e para o alimento. O caminho contrário à intimidade caracteriza-se pela dificuldade, dureza, dispersão, desgaste e, até mesmo, pela exposição hostil. A casa como centro é condição necessária para que haja mundo. O recolhimento da casa permite-nos olhar e observar o mundo e nele orientar a nossa vida. Como centro discreto do mundo, a casa é o centro do mundo e a lareira é o centro da casa, que aquece, reúne e orienta. Pode dizer-se que é um centro existencial.¹⁰⁴

Para Esquirol, a casa é porto de abrigo, recolhimento, concórdia, paragem, consolo e refúgio da intempérie – não apenas atmosférica, mas também de gelo metafísico. Num universo de proporções inimagináveis, a casa é salvação. A casa é condição para haver mundo. Numa interpretação metafísica da casa e Esquirol concretiza:

Da casa que temos, a dádiva não reside em nela permanecer desde o princípio, nem em sair para não voltar, mas em voltar. Ficarmos nela é impossível, a não ser que se pague o preço do autoengano. [...] Pelo contrário, sair para não regressar não é um engano, mas sim uma perda. O êxtase sem retorno tem unicamente duas possibilidades: a paulatina desapareção orgiástica ou a enfermidade e o suicídio.¹⁰⁵

¹⁰² Esquirol, *A Resistência Íntima*, 18-19.

¹⁰³ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 11.

¹⁰⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 40.

¹⁰⁵ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 42.

O tema da casa é um convite a nos vincularmos à experiência da intimidade, como principal marco do caminho, não simplesmente interior ou dentro da casa, mas íntimo «em casa», o que supõe intimidade, familiaridade, proximidade, indicando amparo, refúgio e não «a minha casa», com sentido possessivo: «a instrumentalidade da casa é precedida e integrada pela maneira de ser do humano como proximidade e refúgio.»¹⁰⁶

Para o renomado filósofo francês Jacques Derrida, que inicia, nos anos 60 do século passado, o movimento da desconstrução em filosofia (termo cunhado por ele mesmo), a casa é entendida como abrigo, estabelecendo uma feliz comparação entre as mãos que erguem a taça e o teto da casa que a protege e ampara. Trata-se de um abrigo que conduz à dádiva. O dom deve ser por sua natureza gratuito. Quando há reconhecimento, deixa de ser gratuito e torna-se um dom que exige uma contabilidade, uma troca. A doação é o que faz com que o dom seja verdadeiramente dom. A potência do dom reside na sua impossibilidade da retribuição. Derrida propõe a desconstrução como impossibilidade do fenómeno do dom. O dom anula-se a si mesmo, não havendo reciprocidade. O autor citado faz uma ligação entre a hospitalidade e a dádiva. Uma casa não hospitaleira não é casa. Dar é servir aos outros de alimento, de companhia, de ternura ou de abrigo. O gesto manual da dádiva é próximo do de recolher.¹⁰⁷

Esquirol propõe uma filosofia do retiro, porque, para ele, a ação de retirar-se, de recolher, é prólogo e epílogo da dádiva. Recolher e retirar-se são gestos de quem se doa. Diz-nos ele que «a metafísica pós-niilista, regressando à origem, há de começar por ser uma metafísica da casa. Permanência não graças à substância e à identidade, mas ao abrigo e ao cuidado».¹⁰⁸

A consciência da própria finitude, tão presente na condição humana, deve levar-nos à resistência. Com a chegada da morte não se abala o sentido da casa. A metafísica da casa vem acompanhada por uma ontologia das formas, das maneiras, dos gestos. A casa é feita de gestos, palavras e amparar. Acerca da aceitação e acolhimento deste movimento da existência humana, diz-nos Patocka:

A dimensão básica da vida humana consiste na busca e descoberta do outro em si mesmo e de si mesmo no outro [...] Eu e o outro nos descobrimos um no outro na unidade de

¹⁰⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 43.

¹⁰⁷ Cf. Jaques Derrida, *Donner le temps* (Paris: Galiléé, 1991), 42 (referência bibliográfica cedida pelo Prof. João Duque num seminário de mestrado).

¹⁰⁸ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 46.

uma situação significativa». Para ele, o homem se encontra no outro, enraizado nele e os outros são o lar original. Primeiramente o outro é quem se preocupa com nossas necessidades, antes mesmo que nos preocupemos com elas. O outro nos protege de nossas necessidades. [...] No entanto, o lar, o enraizamento, não é possível por si só nem em si mesmo.¹⁰⁹

O acolhimento essencial é o que provém do próximo. A casa primordial é o outro, terra para trabalhar, família, companhia, pomar, intimidade: lugares que se oferecem como centro de resistência, mesmo que não se apague completamente «a névoa do niilismo [...] já que faz parte da situação humana».¹¹⁰ A existência humana tem início na casa, que é o outro, e se impõe como referência fundamental, significando acolhimento e condição de existência, ternura e cuidado. A existência é sempre, no melhor dos casos, existência exposta, aberta e interpelada e o seu caminho vai em duas direções: intimidade e exterioridade. A resistência íntima é brecha que nos vincula à exterioridade. À casa se volta porque se saiu. A casa e a dádiva são o eixo articulador. É ao mesmo tempo recolher e ajuntar. A casa pertence ao ajuntamento humano, que é, principalmente, abrigo, palavra de consolo, que aquece o ser humano por inteiro.¹¹¹

O tema da proximidade encaminha-nos para a vivência da quotidianidade e da simplicidade da vida como o que nos pode salvar. Porque é justamente na rotina do que se vive todos os dias que podemos experimentar não a repetição do idêntico, mas do similar, feita também de contrastes: trabalho e descanso, noite e dia... É uma espécie de síntese entre o já conhecido e o novo e aí pode residir uma discreta esperança. Os conteúdos e experiências vividas no dia são feitos de esforço e trabalho, mas também trazem satisfação e mantêm as relações humanas, num contraste entre dificuldade e satisfação. Este movimento da existência não existe isento de esforço, ele vem acompanhado de uma série de dificuldades inerentes à própria natureza humana: doenças, fadigas, frustrações, conflitos... A repetição do quotidiano tem como aspeto determinante a proximidade.

Esquirol ressalta que o discurso filosófico contemporâneo pouco contribuiu para a valorização da quotidianidade, para Heidegger, é um fenómeno constitutivo e básico a partir do qual o movimento da existência é um movimento mais apropriado, mais próprio. A quotidianidade, como parte mais deficitária, é compreendida por ele como indiferença,

¹⁰⁹ Patocka, *El movimiento de la existencia humana*, 41 (tradução nossa).

¹¹⁰ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 37.

¹¹¹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 47-49.

mediania e anonimato. Para Heidegger, o cotidiano, o si-mesmo do *Dasein*, é um si-impessoal e não o si-mesmo próprio, isto é, assumido expressamente.¹¹²

A quotidianidade é um permanecer da própria quotidianidade, pelo facto justamente de ela não ter sido enfrentada:

A cotidianidade significa o como, conforme-o-qual o *Dasein* vive no dia-a-dia, quer o ser-um-com-o-outro predomine em todos os comportamentos ou somente em alguns, delineados previamente pelo ser um-com-o-outro [...] O *Dasein* pode “suportar” embotado a cotidianidade, afundando em seu embotamento ou evitando-o, buscando nova distração na dispersão de seus afazeres.¹¹³

A quotidianidade é um permanecer, mesmo que o apropriar-se seja uma saída da quotidianidade. Há uma dupla via para não «superar», evadir ou afundar-se nela. Para Heidegger, trata-se do nosso ser-para-a-morte, e assumi-lo significa ir mais fundo na consciência da nossa mortalidade. Para ele, a consciência da morte é a consciência do fim e do nada da existência. Esquirol concorda com Heidegger quando concebe que a evasão não é evasão do mundo, mas do próprio eu, do nada que sou, do ser para o fim que sou. A diferença consiste em entender a quotidianidade não como queda, mas antes como resposta inerente ao abismo, o que significa que a quotidianidade não alude ao mesmo e que a divergência é basicamente terminológica. O facto de assumirmos a própria existência não significa que nos afastemos da vida quotidiana, mas que nos responsabilizamos por ela e nos relacionamos com o mundo sem dispersão, deixando que as coisas transpareçam à luz da finitude que somos.

O êxtase da existência consiste na clareira (ajuntamento). Graças a ela, é possível experimentar a proximidade com as coisas, proximidade da companhia que reúne. Proximidade reveladora e orientadora: das coisas, da terra, do céu e, sobretudo, do tu. Perder o norte significa perder essa orientação fundamental, ou seja, estar desorientado: «a nossa existência é um permanecer na proximidade, cuidando mais do que dominando».¹¹⁴

A quotidianidade não é sinónimo da repetição do mesmo, mas uma síntese entre o conhecido e o novo: dias de trabalho e feriados, esforço e descanso, pés no chão e voo.

¹¹² Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 55.

¹¹³ Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, 1005.

¹¹⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 58.

Portanto, resistir é, neste sentido, assumir, sem evasão. O sentido da existência está na própria proximidade, no seu seio.

A apropriação da quotidianidade significa também a revelação do originário, a revelação que se dá ao partilhar o pão. Para aqueles que voltam para casa e se sentam ao redor da mesa torna-se presente o mais sublime. O que não tem nome, o mais originário do originário, revela-se no momento da repetição comensal.¹¹⁵

Acompanhar e cuidar são expressões de proximidade, distintiva qualidade da quotidianidade. É o que trataremos a seguir.

b) O cuidado: movimento que se curva sobre a ferida infinita

A melhor filosofia é aquela que se curva sobre a ferida infinita para cuidar dela e responder-lhe.¹¹⁶

Ao tratarmos da ferida infinita, no primeiro capítulo, vimos que a ferida significa modificação, transformação, comoção; corte e início instantâneo da sutura. O ser humano é um ser afetado, comovido; somos sujeitos passivos da ferida, o que recebe e o que responde.¹¹⁷ Na ferida infinita e no cuidado e atenção para lhe responder está o humano do humano. A sua infindável vocação está em responder. Depende, porém, de cada um se determinar neste permanecer na crise da ferida e na paciência da resposta. E, porque a ferida é infinita, estamos diante de um humano que tem necessidade de um consolo impossível de satisfazer. Porque a ferida é primordialmente humana, muito humana, necessita de cuidado e amparo: «o consolo é o cuidado, o acompanhamento, a resposta interminável à ferida».¹¹⁸ Como já referimos, Esquirol concebe a melhor filosofia como aquela que é capaz de curvar-se sobre a ferida infinita, para cuidar dela e responder-lhe.

Apercebemo-nos do quanto a quotidianidade e o gesto da casa são importantes modalidades para a experiência da quotidianidade. A cura de si, que é a reflexão, ajuda-nos a ir em direção à originalidade. O pensar situa-nos num caminho de transformação. Pensar é refletir, um voltar-se para o si-mesmo e para a originalidade da vida, que se revela como transformação, conversão. A excelência de um grande pensador está no

¹¹⁵ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 59.

¹¹⁶ Esquirol, *Humano mais Humano*, 82.

¹¹⁷ Cf. Esquirol, *Penúltima Bondade*, 31.

¹¹⁸ Esquirol, *Humano mais Humano*, 69.

modo como entende e percorre este caminho. A questão do cuidado implica um caminho para si mesmo, que anda de mãos dadas com o da transformação da quotidianidade, porque o cuidar de si não é fuga, mas, pelo contrário, constitui uma transformação dessa quotidianidade. Por isso, o filósofo deve aproximar-se do mundo e da vida com um olhar transformador, de modo a ver as coisas e o mundo no seu mistério. Para Esquirol, o papel da filosofia consiste em cuidar da alma, porque o exercício do pensamento transforma. O autor trata de um pensar que exige recolhimento e diálogo interior, que permite receber a palavra e iniciar o pensamento. Companhia e acolhimento surgem como uma forma própria de cuidar do outro.¹¹⁹

Deste modo, a vulnerabilidade torna-se uma questão de sentido. O mais humano do humano é, sobretudo, o cuidado da ferida e a resposta responsável está justamente em acompanhar a ferida infinita, porque nos encontramos atravessados pelo infinito e pela alteridade. Acompanhar e cuidar da ferida é resposta e orientação. Curvatura poiética é aquela ação humana que se curva diante da gravidade da ferida infinita, que a atende e cuida. Estamos diante de uma ferida que pede companhia, atenção e cuidado. E como o desenvolvimento particular do drama da ferida de cada um se confunde com a própria vida, o que importa verdadeiramente é a vida de cada um, porque cada uma das vidas é singular e única.¹²⁰

O autor ajuda-nos a assumir um olhar atento relativamente à palavra *poiesis*, que encontra o significado no «fazer», no «elaborar», no «produzir» e no «criar». Dela deriva a *poética* e *poiética*, que, num sentido amplo, significam «fazer» e «fazer o bem». Este sentido é capaz de condicionar a filosofia moderna. Esquirol, no entanto, percebe a necessidade de reformular a *poiesis* como um conceito amplo, capaz de consignar o *fazer de verdade*, enquanto soma de *fazer bem* e *fazer o bem*, sendo que o seu intuito consiste em incluir este conceito entre os pontos rutilantes da constelação da proximidade. A filosofia, com o seu pensar poiético, abre o significado das palavras e amplia o olhar e esforça-se para que as palavras produzam maior sentido. A curvatura poiética vai na direção do bom e do bem. Fazer o bem é o mesmo que uma boa obra, enquanto que a má obra tem como resultado desdobrar, desfazer e degenerar.¹²¹

De forma mais explícita diz-nos o autor:

¹¹⁹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 85ss.

¹²⁰ Aida Palacios Morales, *Resistencia y amparo: vulnerabilidad en la filosofía de la proximidad de Josep Maria Esquirol* (en-claves del Pensamento, 2022), n.º 31,12.

¹²¹ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 83-84.

*A curvatura poiética é cura, enquanto acompanhamento da ferida infinita; e, obra, enquanto movimento que a segue [...] A cura como acompanhamento, cuidado e vizinhança com a ferida é já o início da curvatura poiética, cujo desdobramento se produz em três direções, parcialmente sobrepostas: poiética da vida, poiética do mundo e poiética do sentido, com seus três respetivos horizontes: mais mundo, mais vida e mais sentido.*¹²²

Esquirol entende o cuidado como acompanhamento e vizinhança, com o centro da gravidade que está relacionado com o movimento da *poiesis*. Para o autor, o cuidado é uma reflexão e ação sobre e a partir da ferida. Cuidar de si mesmo supõe fazer algo por si mesmo, com os outros e com o mundo. «O cuidado é, ao mesmo tempo, observação e transformação. A ferida infinita é literalmente uma co-moção».¹²³ Estamos perante um ser humano capaz de comover-se, comoção esta que gera movimento. Isso significa que, no seu ser mais profundo, pulsa a sensibilidade. Estamos diante de um ser tocado e extremamente sensível, capaz de comover-se até o extremo um ser comovido por algo que o ultrapassa, algo que lhe é infinito. Há, no mais profundo do coração humano, uma capacidade incrível de ser afetado, ao mesmo tempo que o comove a ferida infinita da morte e o desejo de vida. Deparamo-nos, assim, com um ser humano portador de uma ferida infinita. E, por estar ferido, precisa de acompanhamento, trabalho e mais vida, para seguir vivendo. É preciso cuidado, porque a falta de cuidado pode gerar fuga e incapacidade de ser o próximo de si mesmo.

Se a ferida infinita é, já por si, um excesso, a incapacidade de companhia e cuidado pode tornar esse excesso ainda maior, gerando inclusivamente situações doentias ou sentimento de aniquilamento e perda do sentido da vida. É preciso responsabilidade para assumir a própria existência e a nossa relação com o mundo sem dispersão. Como seres finitos que somos, importa deixarmos que as coisas transpareçam à luz dessa mesma finitude. Como vimos na reflexão anterior, a nossa existência é um permanecer na proximidade, cuidando mais do que dominando.

O cuidar de si, sem qualquer conotação narcisista, consiste justamente em saber e poder acompanhar o excesso da ferida e, nessa perspetiva, encontrar o sentido da existência. Segundo o autor, a finitude e a morte não se superam: enfrentam-se. A

¹²² Esquirol, *Humano mais Humano*, 85.

¹²³ Esquirol, *Humano mais Humano*, 86.

experiência do si-mesmo é solidão e também inquietude; experiência da própria intempérie e solicitude pela vulnerabilidade do próximo. O si-mesmo surge a partir da reflexão, porque refletir é já cuidar de si.¹²⁴ A afeição faz parte deste movimento de estar tocado – comovido. E o facto de se sentir a vulnerabilidade própria e alheia leva ao amparo, ou seja, ao cuidado e à proteção dos outros e de nós mesmos.¹²⁵ Esquirol diz que o humano é um curador ferido, um médico ferido ou um sábio ferido e, por estar ferido, está ainda mais atento ao cuidado de si e dos outros.¹²⁶

Juntamente com o movimento que nos vem da comoção, surge ainda a paixão. Somos seres apaixonados, porque antes fomos comovidos. O movimento da paixão é o movimento da vida, da vitalidade. A vibração que nasce da paixão, que nos faz viver, vem acompanhado pelo amar e pelo pensar, «infinitivos essenciais» da condição humana. Assim, a poiética da vida intensifica-se a partir do amar e do pensar, dois verbos que tornam a vida humana ainda mais humana. Até porque, no nosso entender, não podemos pensar bem se antes não tivermos amado. E a poiética da esperança articula-se e cria mais confiança no sentido. Esquirol fala ainda de *cosmo* poiéticos, criadores de cosmicidade do mundo, de harmonia, de justiça interpretada a partir do ajuntamento e cosmicidade - e este é o papel do poeta: contribuir para a harmonia e beleza do mundo. Segundo Esquirol, «poeta é aquele que sabe curvar a ação sobre a gravidade da ferida infinita. É aquele que, da ferida infinita, extrai sua paixão para criar mais vida, mais mundo e mais sentido. Poeta é aquele que, no sulco da ferida e na palma da mão aberta, segura e junta tanto quanto pode».¹²⁷

A intempérie é a condição que possibilita o sentido da vida. Resistir e proteger são atitudes de resposta à própria vulnerabilidade: assim como no deserto se encontra o sentido e a responsabilidade para resistir à desintegração, do mesmo modo, perante a vulnerabilidade, sentimos que é preciso proteger o que é humano. Desta forma, a intempérie e a desintegração, associadas à periferia, levam à resistência e à proteção, porém, o deserto e a periferia não buscam somente cuidar da vulnerabilidade do ser humano, mas também ser uma presença generativa, que busca amparar e resiste com a generosidade.¹²⁸

¹²⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 81ss.

¹²⁵ Cf. Esquirol, *Penúltima Bondade*, 40-41.

¹²⁶ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 86-87.

¹²⁷ Esquirol, *Humano mais Humano*, 91.

¹²⁸ Cf. Morales, *Resistencia y Amparo*, 13.

Em suma, para Esquirol, o ser humano é pele aberta e coração ferido, lugar privilegiado onde reside também a luz do humano. Diz-nos ele: «Cuidar de nós mesmos é dar-nos luz, ou seja, não permitir que a ferida feche – respiramos por ela – nem que se perca a profundidade – é o mistério que somos»¹²⁹. A curvatura, o ajuntamento e a doçura são elementos essenciais da *poiesis*. Amar é o principal objetivo da vida, tornando também mais concreto o encontro com os outros e com o mais vivido, que é encontro com a ferida infinita: da vida, do amor e do mundo, encontros estes que salvam o sentido.¹³⁰ Amparo ou acolhimento referem-se, justamente, à solicitude e ao cuidado pelo outro. Este será o tema da próxima secção.

2.2 - O amparo da vulnerabilidade

Amparo ou acolhimento referem-se, justamente, a solicitude e ao cuidado pelo outro [...].¹³¹

Neste caminho que nos leva à reflexão e aprofundamento do ser humano, deparamo-nos com a sua condição de vulnerabilidade: para Esquirol, «ser humano é ser vulnerável»¹³², ou seja, a vulnerabilidade é apresentada como um elemento nuclear do ser humano, que se articula e tem uma relação estreita com a alteridade, a abertura e a bondade. A resposta a esta condição de vulnerabilidade encontra-se justamente no cuidado: «o cuidado leva-nos a uma reflexão e ação sobre e a partir da ferida [...] Cuidar de si mesmo para, acima de tudo, fazer algo consigo mesmo, com os outros e com o mundo».¹³³

Este ser humano que vive na intempérie tem como condição fundamental o estar exposto, o ser vulnerável e sem proteção. É por causa desta sua vulnerabilidade que tem sentido o gesto de cuidar, de amparar. Nisto consiste o sentido mais profundo da proximidade e, para Esquirol, este deve ser o horizonte da verdadeira educação. A escola é o lugar por excelência onde se introduz essa iniciação ao cuidado. Este é o movimento mais fundamental e humano, o amparo do outro na sua vulnerabilidade.

¹²⁹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 153.

¹³⁰ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 153ss.

¹³¹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 123.

¹³² Esquirol, *Humano mais Humano*, 8.

¹³³ Esquirol, *Humano mais Humano*, 86.

No seu recente livro, intitulado *A Escola da Alma*, Esquirol afirma que «a escola da alma cuida e cultiva a alma»¹³⁴. Ele concebe a verdadeira escola, tal como a casa, lugar onde se cultiva o humano, símbolo de acompanhamento e cuidado, onde se conduz e orienta. Acredita num ser humano, trespassado pelo infinito, cujo fio condutor deste percurso é a *chave* da proximidade. A educação do ser tem em vista, assim, alcançar não um estado de plenitude, mas de orientação e resposta eficaz face às multifacetadas situações, na sua busca pelo essencial, tornando-se assim um ser vinculado às coisas, aos lugares e, sobretudo, aos outros. A escola é, portanto, o lugar onde se treina a atenção e se cultivam relações com as coisas e com os outros.¹³⁵

Na tentativa de ultrapassar o provisório e o vulnerável, trataremos a seguir, da condição humana como ajuntamento, o limite e o limiar, o extremo que nos é permitido alcançar enquanto seres frágeis e incompletos que somos. A vulnerabilidade é uma característica essencial do ser humano. A resistência surge quando o nosso esforço se orienta para manter firme uma junção: «cada um de nós é uma sutura que pede atenção por parte dos outros».¹³⁶

a) A metafísica da junção humana

O «sentido» da junção é claridade e amparo, compreensão e compaixão.¹³⁷

O autor vai oferecer-nos uma visão ontológica do ser humano enquanto «junção» ou «ajuntamento», o que consiste em encaminhar-nos em direção às experiências constitutivas da condição humana, ou seja, um movimento da existência em que o limite é o humano. Esquirol propõe uma «metafísica do ajuntamento», um pensar o limite como *zona limítrofe*, ou seja, zona do costurado, da junção, o lugar onde os pontos se unem, sem os confundir, dois limites, que pedem relação.¹³⁸

Esquirol começa por afirmar que, para falar da existência humana, é necessário deixar para trás a compreensão tradicional de uma essência entendida como ato. Ele apresenta-nos uma maneira de ser em que o cuidado, a solicitude e o amparo estão ligados à experiência da finitude e da vulnerabilidade e ainda da claridade parcial da luz e do

¹³⁴ Esquirol, Josep Maria, *A Escola da Alma*, 14.

¹³⁵ Cf. Esquirol, *A Escola da Alma*, 14-17.

¹³⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 149.

¹³⁷ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 148.

¹³⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 144.

conhecimento. Para esclarecer esta realidade, ele usa a imagem da junção, do alinhavo e da costura provisória de dois limites. A morte significa o desfilar, a rutura do fio. Diante da provisoriedade, até então vista como cosmicidade precária e vulnerável, faz sentido o cuidado de nós mesmos e dos outros: «somos uma articulação, uma reunião, uma conjuntura, tão precária como absolutamente admirável. Reunião da diferença».¹³⁹

A questão mais importante é a junção, que relaciona e une, tornando-se religião. Somos uma articulação, uma reunião, uma conjuntura – precária e admirável – reunião da diferença: a junção requer articulação do diferente. Para Paul Ricoeur, a nossa identidade requer alteridade: um-si-mesmo enquanto outro. E esta é a missão filosófica: o cuidado e o respeito, a articulação sem confusão, que é proteção em busca de sentido. A metafísica, como hermenêutica da junção, consiste num encaminhar-nos em direção às experiências constitutivas da condição humana. Significa, então, não se deixar seduzir por qualquer compreensão empírica e homogênea da existência e, por outro lado, implica uma tentativa de interpretar a realidade como um conjunto de contradições radicalizadas, sem possibilidade de relação, estando ambas tão presentes no pensamento hodierno. Unir é um movimento da existência a partir da articulação de sentido, que não deixa de reconhecer a diferença entre as coisas; o significado está no próprio encontro; o limite é o humano.¹⁴⁰

Esquirol ajuda-nos a pensar o limite como *zona limítrofe*, ou seja, zona do costurado, da junção, o lugar onde os pontos se unem, sem os confundir: corpo e alma, céu e terra, tempo e eternidade, finito e infinito, para sempre e nunca mais, horizontalidade e verticalidade. O limite funciona como chave interpretativa, que revela a sua eficácia e permite pensar e fecundar temas importantes sob uma nova luz. Permite pensar a abertura, a finitude, a estranheza interior, o cuidar do outro e a diferença. Heidegger traduziu a temática tradicional da capacidade intelectual, ou da luz natural, como abertura do *Dasein*.¹⁴¹

A abertura é o modo-de-ser fundamental do *Dasein* [...]. A abertura é constituída pelo encontrar-se, pelo entender e pelo discurso e concerne, de modo igualmente originário, ao mundo, ao ser-em e ao si-mesmo [...]. Na medida em que o *Dasein* é essencialmente

¹³⁹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 141-142.

¹⁴⁰ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 142-143.

¹⁴¹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 145.

sua abertura e, aberto, abre e descobre, ele é essencialmente «verdadeiro». O *Dasein* é «na verdade».¹⁴²

O estar aberto para Heidegger significa o «lugar» onde as coisas se podem manifestar, lugar da aparição e da luz. Esta abordagem heideggeriana complica-se quando se interpreta esse *ser no mundo*, que é o homem, como vizinhança e proximidade com o próprio ser.

O convite é manter a leitura acerca da reflexão como uma flexão sobre si. A consciência, vista deste modo, consiste em dar-se conta da reflexão e do movimento que se curva sobre si mesmo, como quando curvamos um junco, fazendo com que a ponta toque na raiz. Nisto consiste o grande mistério da luz: a luz ilumina tudo, mas, ao fazê-lo, ilumina-se também a si mesma. A luz ilumina e ilumina-se. Coincidem, assim, consciência e autoconsciência e a situação humana é a região onde o mistério se intensifica, porque a reflexão é parcial e existe sempre luz e escuridão, presença e ausência, aparição e retirada. A junção como zona limítrofe alude à implicação da verdade.¹⁴³

Somos, na verdade, uma junção inacabada, finita e temporal, e superamos nossa finitude com o propósito que vem do recuo dos limites. Somos junção precária, legível enquanto vulnerabilidade. Esta precariedade assume-se como possibilidade de ferida e acidente, enfermidade e sujeito passivo de violência. Diz-nos Esquirol: «a junção é criação, início: um fio de dois limites e, com isso, reflexão e vulnerabilidade entram no mundo».¹⁴⁴ Resistir, portanto, consiste em aspirar para que essa junção não se desfaça, porque o seu sentido está na claridade e amparo, compreensão e compaixão.

Nietzsche, na sua obra *A Gaia Ciência*, qualifica a compaixão como possessão, ao afirmar que «quando vemos sofrer uma pessoa aproveitamos de bom grado essa ocasião que se oferece para nos apoderarmos dela».¹⁴⁵ Para ele, a debilidade é um convite à possessão e ao repúdio. Para Esquirol, não se trata de possuir, mas de amparar. O sentido da junção humana está no ajuntamento como amparo da vulnerabilidade e ajuntamento como intenção. Já o *Dasein*, como clareira (Heidegger), não tem a ver com a vulnerabilidade nem com o sentido do amparo. Para Esquirol, por outro lado, «o sentido da existência é a intenção de claridade e de abrigo. *Perceber o humano é estar implicado*

¹⁴² Heidegger, *Ser e Tempo*, 616.

¹⁴³ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 146.

¹⁴⁴ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 147.

¹⁴⁵ Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*, trad. Alfredo Margarido (Lisboa: Guimarães Editores, 1997), 52.

na sutura da sutura».¹⁴⁶ Para Deleuze, o próximo não é um buraco, é rosto, expressão de uma junção provisória. O homem é junção, porque faz junção. É o seu modo de ser. Relacionamos, unimos, juntamos. A sua característica ontológica reside no facto de que existe o unir e o suturar. Discurso e amparo são formas do juntar, que vão do *eros* ao *ágape* e do *ágape* à *philia*. E, neste sentido, podemos afirmar o paradoxo da filosofia, em conseguir falar daquilo que é inefável. Com a palavra *poiética*, torna-se absolutamente claro que ao ajuntar se ampara.¹⁴⁷

Esquirol diz-nos que é necessário ir ao mais fundo de nós mesmos para contemplarmos a velada presença do infinito. A junção é onde o superficial se faz profundo e o profundo se faz superficial; o lugar onde se sente a tensão misteriosa da zona limítrofe. O problema da filosofia não é tanto o ser, mas o sentido do ser. Há um esforço da filosofia contemporânea, um esforço para pensar o sentido do ser, como ponto de encontro e início. A dificuldade e tanto trabalho pendente que nos é apresentado é tão grande que devemos ter a paciência de esperar, ou seja, com esperança, com o mistério de um novo começo, em que novas articulações possam criar um novo sentido, com mais mundo, vida e significado. Trata-se de uma espiritualidade combativa que tira força ao que está mais próximo e ao infinito, que nos constitui misteriosamente. Somos esta junção entre o nosso próprio nome e a abertura que nos diz que nada é definitivo ou acabado. A existência é sempre traumática, porque a experiência niilista nunca se acaba, ganhando todo o sentido o retorno à normalidade, à distração e à luta. A tarefa de apropriação do dia a dia é um convite a resistir, apesar de tudo. A resistência íntima revela-se como sentido da vida, na medida que este sentido difere de si mesmo.¹⁴⁸

Em suma, o próximo, a casa, a quotidianidade, a cura, são elementos de uma filosofia da proximidade e que reconheceu a experiência do niilismo e da intempérie como fundadores. Esses elementos deixam-se integrar, no sentido da resistência. A reflexão filosófica faz parte da resistência – descobre que a interrogação é também prece. Esquirol elabora, de forma breve, uma visão ontológica do ser humano enquanto «junção», ou «ajuntamento» que, na sua precária situação, cheia de limites ou «zonas limítrofes», é «sutura da sutura» – uma defesa do que Esquirol propõe como «metafísica do ajuntamento», e que, portanto, pede a relação.¹⁴⁹ No livro *A Escola da Alma*, Esquirol

¹⁴⁶ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 149.

¹⁴⁷ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 149-150.

¹⁴⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 151.

¹⁴⁹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 152.

diz-nos: «a filosofia do ajuntamento é uma filosofia do umbral, do confim, do limite que reúne sem confundir. É uma filosofia de portas entreabertas».¹⁵⁰

A seguir mostraremos em que medida a palavra genuína, o canto e o silêncio são formas de resistência a frente às forças aniquiladoras; tal como o são a passagem do tempo, as nossas próprias intempéries, bem como as ideologias que tudo esmagam e consomem. A condição humana implica ainda um cuidado de si por meio do silêncio e da reflexão, de modo a criar a força interior capaz de resistir. Este cuidado supõe um curvar-se sobre a «ferida infinita».

b) Vibrações: o canto, a palavra e o silêncio

A filosofia é uma forma de curvatura poética, dedicada a gerar juntas e pontes, materiais e imateriais, acabáveis e inacabáveis. Do humano para o humano; do mundo para o mundo – mais autenticamente mundo; do incrível para o incrível.¹⁵¹

Esquirol diz-nos que «a primeira palavra é o rogo, e a segunda é o amparo. A filosofia é o reflexo do rogo: interrogamo-nos. O grito e o rogo, e o rogo e a interrogação, são expressões do movimento da existência; desde a primeira fase deste movimento até às expressões de acolhimento que se lhe seguem»¹⁵². A língua materna é a palavra materna que é palavra de acolhimento. A linguagem é parte importante da reflexão acerca da ação, especificidade do humano. A essência da linguagem está no amparo. O amparo e a prece conduzem à essência da fala. Amparo e acolhimento referem-se à solicitude e ao cuidado pelo outro.¹⁵³

A essência da palavra é o canto. E o canto existe, sobretudo, para nos fazer companhia, expressa um conhecimento essencial da situação, com ele mantemos uma relação especial de conexão com o mundo. A sua riqueza está na tonalidade e na variação cordial que sintoniza com a frequência das coisas, o tom que traduz a visibilidade e a própria sonoridade das coisas e não um conhecimento preciso sob um ponto de vista «objetivo». Aí reside a razão pela qual a melhor poesia é aquela que sabe conectar de novo e renovar o assombro.¹⁵⁴

¹⁵⁰ Esquirol, *Escola da Alma*, 39.

¹⁵¹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 156.

¹⁵² Esquirol, *A Resistência Íntima*, 117.

¹⁵³ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 121-122.

¹⁵⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 123.

Poesia e canto mendigam-se mutuamente. O canto é comparado a um autêntico diálogo a duas vozes; num dizer que é pensar, dizemos o mundo e a nós mesmos. O diálogo é, assim, um pensar que é contacto e companhia, em que se celebra e se encontra a proteção do mundo. Na simplicidade de um poema, o que importa é conectar-se com o tom das coisas e das situações, em si mesmo e poder alcançar, através de uma canção, a perfeita sintonia com aquilo que canta. É como a sintonia que mantém uma mãe que canta para sua criança, a balbuciar de pranto, a beleza da maternidade e do cuidado que ressoa como uma oração. O canto tem a força de acalmar frente à escuridão do mundo e às sombras, tal como nos protege do desumano frio. O canto anima ainda mais quando é realizado por várias vozes, porque vem tecido de abrigo e proteção. O canto com muitas vozes não anula quem canta; pelo contrário, cria harmonia, vínculo, estabelece comunhão com as coisas, com o mundo e com os outros.¹⁵⁵

No cuidar de si é de fundamental importância a palavra, especialmente o discurso que tem por princípio a franqueza e a liberdade. Daí que se tenha traduzido a palavra grega *parrhesia* para o latim *libertas*. Na sua essência, a linguagem tem a ver mais com a sinceridade do que propriamente com a verdade. A deterioração da linguagem consiste no afastamento da essência, na traição à palavra. O oposto da palavra é a violência; por isso, a melhor cura para as doenças degenerativas da palavra é aceder ao essencial por meio do silêncio: exercício de saída do ruído que asfixia e de acesso a serenidade para ouvir o eco do essencial.¹⁵⁶

O silêncio é uma vibração do profundo, tal como a palavra e como o canto. É uma vibração de profundidade. «O silêncio é silêncio, é algo e não nada. O silêncio genuíno não é uma *vacuidade* que pudesse ser preenchida, porque a sua aparente pobreza é já uma riqueza».¹⁵⁷ O silêncio também é cuidado. Quando guardamos o silêncio, ele também nos guarda. O silêncio é possibilidade aberta, é criadora, cria espaço, palavra, outro silêncio. É um ninho que incuba o que pode crescer, o silêncio molda e faz entender a vida. Ao contrário, o vazio e o ruído não criam nada, traem a palavra. Como estado de profundidade, junto com a palavra e o canto, o silêncio é profundidade acalmada.¹⁵⁸

O canto é autêntico *logos*. Do início ao fim: *pró-logos*, *logos* e *epí-logos*. Como a alma, o canto é a vibração da profundidade. Para poder ser alimento, é preciso ter alma.

¹⁵⁵ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 124-125.

¹⁵⁶ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 129-130.

¹⁵⁷ Esquirol, *Humano mais Humano*, 92.

¹⁵⁸ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 93.

A palavra é o canto, que nasce da vibração e recria, nutrindo-se a si mesmo e aos outros. O canto é comparado à sementeira. Há uma continuidade entre semear trigo e cantar uma canção: o pão e a canção nutrem o corpo e o espírito. Porque o corpo e o espírito são um só, uma só dobra do sentir:

O canto, sim, e a palavra e o silêncio, todos os três definidos como criação, a partir das vibrações da profundidade; criação no humano, não a partir do nada, mas da palavra e do canto e do silêncio que já vêm com as infinitas feridas da vida, da morte, do tu e do mundo.¹⁵⁹

A palavra e o espírito representam a criação primeira e principal: *poiesis* e *logos*, uma união de elementos fundamentais. A palavra e o canto provêm da profundidade e da ferida infinita, instituindo-se como celebração e amparo, bênção e consolo. O canto ajuda-nos a celebrar a vida e a não ter tanto medo da morte.

Esquirol ousa afirmar que a essência da linguagem é hospitaleira e faz referência a Lévinas e a Derrida, que encontram na hospitalidade a essência da linguagem.¹⁶⁰ Para Lévinas, o ser humano é hospitaleiro, centrado no acolhimento do outro. Ele descreve a relação intersubjetiva como encontro com o rosto do outro homem. No encontro com o rosto do outro, superamos o mundo dos fenómenos e, só assim, é possível alcançar o terreno sólido do ser em si. O rosto do outro é uma experiência não empírica e, no entanto, real, que se dá no encontro face-a-face, onde a transcendência e o Infinito se manifestam. Para Lévinas, o próximo é o desenraizado, o sem pátria, o exposto ao frio e ao calor das estações, o que está dependente de mim. Estas são situações-limite que interpelam a responsabilidade, que não nos podem deixar indiferentes.¹⁶¹

Para Esquirol, esta é uma ferida hospitaleira, a ferida do amor. Entende o filósofo que apenas porque estamos infinitamente feridos podemos ser hospitaleiros, acrescentando que é porque estamos feridos que podemos ser médicos. É porque somos afetados pela própria ferida que somos capazes de abrir-nos e acolher a vulnerabilidade da vida humana e sermos hospitaleiros: «A criação – *poiesis* – do amparo produz-se a

¹⁵⁹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 94.

¹⁶⁰ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 95.

¹⁶¹ José Carlos da Costa, *Emanuel Lévinas: o rosto do outro ou abertura à transcendência problemática antropológica* (Porto: Humanística e Teologia, 1997), 48-51.

partir da ferida infinita, da ferida hospitaleira. Do sulco da ferida infinita surge um canto que faz ressoar as notas gravadas no mesmo sulco, e que arrebatava quem o ouve». ¹⁶²

A música e o canto andam de mãos dadas. Delas nos vem o lirismo e também o consolo, o canto e os salmos. É eco que perdura e, enquanto durar, haverá esperança. Não é mais, afinal, do que pessoas habitadas por salmos e os salmos habitados por pessoas. A palavra genuína, o canto e o silêncio são resistência frente às forças aniquiladoras: a passagem do tempo, as nossas próprias intempéries, bem como as ideologias que tudo esmagam e consomem. A poética imaginativo-simbólica é uma faceta dessa resistência. A palavra, diante da aniquilação, dureza da realidade e redução ideológica suaviza, oxigena e guarda a esperança, mantém a surpresa e assombro pelo prodígio do mundo.

Frente à intempérie, o ser humano precisa de abrigo e de orientação; daí a importância de um pensar filosófico que gera mais sentido e resistência perante a aniquilação e a fatalidade. A fala é importante porque estabelece relações: «só a palavra amiga nos apazigua, aquela que não exhibe a verdade dos factos, mas que transmite o abraço da alma». ¹⁶³ A palavra é geradora, movimento que faz parte da arte de viver, remete para gestos originários de acolhimento, de amparo e de cuidado. A palavra e a imaginação criam e fazem companhia. Pensar e imaginar proporcionam refúgio e intensificam a vida. ¹⁶⁴

Esquirol, alterando o *dictum* de Heidegger, propõe a ideia de que a palavra – do outro – é casa do homem e, conseqüentemente, também do ser. Efetivamente, a fonte de Esquirol foi a obra *Carta sobre o Humanismo*, de Heidegger, onde podemos ler logo no início:

A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam a linguagem e nela a conservam. ¹⁶⁵

Em síntese, podemos afirmar que o homem pede e roga porque se encontra num estado de precariedade, sendo este rogo feito sobretudo em prol dos outros.

¹⁶² Esquirol, *Humano mais Humano*, 95.

¹⁶³ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 139.

¹⁶⁴ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 98-99.

¹⁶⁵ Heidegger, *Carta sobre o Humanismo*, trad. revista de Pinharanda Gomes (Lisboa, Guimarães e Companhia Editores, 1980), 37.

2.3 - Ser capaz de Vida: excelência do humano

Quem pensa e ama não só vive como também é capaz de vida. E é justamente aí que radica a excelência do humano.¹⁶⁶

A reflexão feita acerca da plissagem do sentir, que vai da pele ao coração, possibilitou-nos distinguir entre o mero estar vivo e a excecionalidade humana de sentir-se vivendo, que é, ao mesmo tempo, sentir-nos irmãos dos que vivem e poder ampliar, intensificar, avivar e fazer vibrar a vida. O amor e o pensamento são, na verdade, as paixões que nos fazem vibrar e tornar-nos capazes de vida; nisso radica a excelência da própria vida.¹⁶⁷

Ser capaz de vida é ser capaz de cultivar a alma, é acima de tudo um aproximar-se, especialmente do outro, das coisas e do mundo, ou seja, fazer algo consigo mesmo significa mudar a relação de si com o mundo e com os outros. A proximidade coloca-nos no caminho das relações, um caminho reflexivo e essencialmente acompanhado pela claridade. A reflexão é inerente à vida humana e esta encontra-se na reflexão e tenta intensificá-la. Reflexão que pede sempre mais reflexão e mais vida.¹⁶⁸ Diz-nos Esquirol: «viver é aprender a viver. Viver é preparar-se para viver. Viver é tentar encontrar a forma, a maneira».¹⁶⁹ E aprender a viver é, também, uma forma de resistência.

Trataremos a seguir de apontar possíveis caminhos que poderão ajudar a descobrir e cultivar a excelência do humano que pensa e, por isso, anseia por mais vida, mais amor e mais sentido.

a) Habitar a periferia do humano que pensa e vive

Aqui, na periferia, quem pensa e ama, vive. Na periferia há zonas muito áridas, onde quase nunca chove. Quando isso acontece, cada gota dá lugar a um rebento de erva. Quando uma gota cai na periferia, no deserto, faz nascer e é geradora.¹⁷⁰

¹⁶⁶ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 153.

¹⁶⁷ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 15.

¹⁶⁸ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 133-135.

¹⁶⁹ Esquirol, *Escola da Alma*, 135.

¹⁷⁰ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 155.

No seu livro *A Penúltimo Bondade*, o autor trata do pensar como expressão eminente da vida – «pensar é gerar enquanto se espera»¹⁷¹. Esta é uma espera própria da vida da periferia, vigilante, fraterna, generosa e fecunda, que gera conceitos, palavras e ações, curadoras, vivificadoras e profundas, onde se conjugam o pensar e o viver e pensar. É a experiência de sentir-se vivendo, em que o não-finito atravessa este mundo em forma de vida vivida. O autor fala-nos de um pensar solidário, infinitivo da vida em que todos os pensamentos são penúltimos, nunca terminam:

Pensar e amar, como ações que intensificam a vida e a orientam, são paradigmas do concreto. Pensamento claro e amor hospitaleiro, nascidos da sensibilidade mais profunda – do mais profundo da alma –, de onde afloram o olhar médico e o filosófico como um mesmo modo de acolher a vulnerabilidade humana, com tato e doçura. Proposta ética em que o cuidado de si é junção de resistência e amparo, com os outros e no mundo.¹⁷²

Para o autor, «a paixão do pensamento e do amor dobra a vida e projeta-a em direção ao amanhã na penúltimidade».¹⁷³ Trata-se de um pensamento gerado pela vida. É um prolongamento do sentir, é sua principal paixão, na qual nos encontramos e temos possibilidade de intensificá-la. É no sentir que está o berço do pensar: *cogitare*, isto é, *co-agire*, pensamento este que acompanha a nossa abertura ao mundo e a toda a ação. Por meio da nossa inteligência, somos capazes de ler e discernir a realidade, ou seja, as situações concretas para melhor nos orientarmos no caminho e abertura afetiva ao mundo.¹⁷⁴

Pensar e conhecer constituem uma bifurcação em dois movimentos. A ciência está fundada na ordem do conhecer, isto é, da objetivação e da representação, daquilo que temos à frente e pode ser descrito como ele é. Já o pensar está na ordem do assinalar, do aproximar e do aprofundar, que aspira ir além da presença e da representação, procura pensar a significação das coisas, na sua relação essencial com o «sentido da vida».¹⁷⁵ Pensar é uma concentração, um esforço reiterado e infatigável para reconduzir «as coisas da vida» a uma direção essencial e confirmação silenciosa. O pensamento é, deste modo,

¹⁷¹ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 141.

¹⁷² Palacios Morales, *Resistencia y Amparo*, 12 (nossa tradução).

¹⁷³ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 154.

¹⁷⁴ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 144.

¹⁷⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 145.

uma aproximação inacabável e uma tentativa de dizê-la tem a ver com o sentido e com a significação das coisas, no seio da nossa vida. Pensar com lógica e além da lógica. Um pensar que é paixão, porque só uma alma comovida é capaz de verdade.¹⁷⁶

A espera/esperança, aponta para o reencontro com o sentido da ferida infinita da vida, a do mundo e a do tu. Já a ferida da morte é a impossibilidade do reencontro, é uma ameaça da fatalidade de que todo o encontro seja para sempre interrompido. A morte, desse modo, torna-se o reencontro impossível, e o mal parece não deixar cumprir a promessa. A questão é a seguinte: como manter a esperança e não se render diante do desespero?! Como resistir e esperar apesar de tudo?! Esquirol diz haver uma espécie de significado inerente à ferida, à do tu, à do mundo e até à da morte. Ele vai falar de uma esperança, que é essencialmente a *espera de um pouco mais de sentido*: de um sentido diferente. Uma esperança que é a confirmação da promessa que está presente em cada início.¹⁷⁷

Em resposta às investidas do niilismo, Esquirol propõe uma filosofia que gera sentido, que devolve ao ser humano a esperança, um ser que concebe, que trata com tato e respeito, como uma mãe que acolhe o filho e o recebe nos braços e o sente verdadeiramente. Acalentar e acariciar: isso é metafísica, ou seja, um pensar que concebe, e um conceber que espera e acolhe, é uma forma de amar. A criatura, o sujeito, que pensa profundamente, que olha o mundo com perspicácia, também ama o que há de mais vivo. Não há pensamento ou amor impessoal, o que existe de mais vivo manifesta-se no rosto da outra pessoa. Relativamente aos verbos *pensar e amar*, Esquirol insiste na ideia de que esses verbos necessitam do destaque do seu sujeito, isto é, de um *quem*. Por isso, é sempre *alguém* «quem se sente vivo, quem pensa e quem ama e, além disso, neste último caso, sobretudo – embora não só – as outras pessoas, as destinatárias do amor»¹⁷⁸. As outras pessoas são os destinatários do amor.¹⁷⁹

Para Esquirol, o quem que ama é pessoal e ilumina o pensar. Deste modo, entendemos que o amor e o pensamento são vibrações, intensificações, paixões e infinitivos da vida. Amor e pensar expressam vida. Deste modo, o pensamento é o prolongamento da vida. Pela sua intensidade, pensar é a perspicácia, a vitalidade e a paixão da vida sentida, o pensamento que é gerado enquanto espera. Nesta perspectiva,

¹⁷⁶ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 147.

¹⁷⁷ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 146.

¹⁷⁸ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 149.

¹⁷⁹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 148-149.

pensar é o mesmo que dizer para que serve viver e para que serve amar. Na periferia, experimenta-se a vida que ama e a vida que pensa.¹⁸⁰

Manter a esperança é um combate de resistência, frente à intempérie e perceber a profundidade do que nos fere. Porque é somente quando somos capazes de perceber a profundidade do que nos constitui, que nos alimentamos para continuarmos a resistir frente às investidas do niilismo, que atenta contra o sentido da vida e que nos arrebatava a esperança. A esperança está relacionada com o infinito que nos constitui. Importa procurar o sentido que procede da articulação entre a profundidade da ferida e a profundidade do que nos fere: «a profundidade do que me *traspassa* (me fere) e me *transcende*. A vida, a morte, tu e o mundo são infinitudes que me ferem, mas que não se reduzem a mim mesmo. A profundidade excede-me, transcende-me. Todo o humano, pela dobra do sentir, está atravessado e traspassado pelo infinito».¹⁸¹

Esquirol descreve sobre um pensamento capaz de gerar e de um esperar que, silenciosamente, frutifica e, silenciosamente, espera. A filosofia é o pensar que gera sentido enquanto espera, o infinito de significado. Curva-se diante do humano mais humano, dobra-se diante das curvas curadoras do quotidiano, a fim de resistir à petrificação.¹⁸²

Para Esquirol, é na periferia que se encontra a melhor luz do mundo, como claridade e penumbra. É possível dar-se bem com ambas. A nossa capacidade de ver e de viver reclama uma claridade como a do meio da tarde, ou uma penumbra como a do crepúsculo. A condição humana na periferia aponta para o «mistério», que não deve ser confundido com um problema. Este é suscetível de resolução, é objetivo, enquanto o mistério não se compreende deste modo. A vida humana está envolta no mistério que, por sua vez, reclama atenção e respeito», mas que é diferente de enigma.¹⁸³

Aquilo que nos une é «a exposição da periferia - a intempérie -, o horizonte do meio palmo e, também, a alteridade que afeta radicalmente a vida»¹⁸⁴. A pessoa é fundada por um mistério, que implica a criação e a alteridade. Estamos, na verdade, cercados pelo mistério da vida, que acontece em cada instante do mundo que habitamos. Esquirol ajuda-nos a perceber que «a condição humana não pode ser pensada a partir da ideia de *plenitude* (ideia que opera na especulação edénica e pós-histórica), mas a partir da intempérie da

¹⁸⁰ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 150 -152.

¹⁸¹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 148.

¹⁸² Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 156.

¹⁸³ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 10-12.

¹⁸⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 20

periferia e da afeção infinita»¹⁸⁵. Deste modo, nesta nossa condição de periferia, não podemos pretender que haja um estado perfeito e permanente de felicidade. A felicidade (*eudaimonia*), significa «o divino da proximidade» ou a «proximidade do divino»; deste modo, a felicidade não é propriamente um estado de plenitude, mas antes de tudo um itinerário a percorrer. Feliz, portanto, é a pessoa que é capaz de doar-se e ser geradora de vida. Deste modo, felicidade e generosidade relacionam-se e completam-se, porque a generosidade é uma completa doação.¹⁸⁶ Para tanto, na periferia do paraíso impossível, a felicidade atinge-se ao darmos conta que somos geradores e criadores de vida, de amparo e de fraternidade em todas as realidades da existência humana.

Esquirol fala de superação, mas também de cura, uma das mais relevantes formas de humanizar e promover a qualidade de vida, referindo-se à resiliência relativamente ao sofrimento, ao perdão, ao trabalho humanitário, bem como a solidariedade face a um sistema que exclui os vulneráveis. É da condição de periferia que surge o princípio de humanização e de cuidado, capaz de permitir que pessoas comuns sejam capazes de fazer coisas extraordinárias em função dos vínculos e relações que são criadas a partir de situações de vulnerabilidade.

Em suma, a dignidade humana reside no facto de sermos capazes de vida, mesmo diante da ameaça da morte, um paradoxo que dá sentido à vida, que para nós é tão breve. E, não há nada mais vivo e verdadeiro que o pensamento e o amor, porque são geradores de vida e toda geração anseia por um futuro. Habitamos uma periferia de quem pensa e ama, e, por isso, a vida humana se realiza em plenitude.¹⁸⁷

b) Formar o Humano enquanto humano: Humana doçura – desumana frieza

Ora, o humano é uma forma de ser, capaz de adquirir ainda mais forma, capaz de gerar novas *formas*.¹⁸⁸

Nas notas introdutórias do livro *A Escola da Alma*, Esquirol, ao escrever sobre o caminho que leva ao amadurecimento, vai dizer que «a vida humana é uma resposta

¹⁸⁵ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 60.

¹⁸⁶ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 80-81.

¹⁸⁷ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 154 -155.

¹⁸⁸ Esquirol, *Escola da Alma*, 81.

interminável»,¹⁸⁹ um caminho para toda vida do homem visto na sua integralidade. A importância da educação está no facto de ajudar a esboçar alguns dos traços dessa resposta. Para Esquirol, a verdadeira escola consiste num lugar onde a pessoa humana é convidada a prestar atenção às coisas do mundo e aos outros. A educação está relacionada com o processo de amadurecimento das pessoas e com os frutos que esta lhe pode oferecer. Refere-se como a quintessência da educação, que esta deve coincidir com a vida, que é *claridade e calidez*, ou ainda com a *não indiferença*, que é o cultivo do umbral, do encontro, da origem, da atenção, da bondade. A não indiferença é o cultivo da vida espiritual e comunitária. A indiferença é uma ameaça que desumaniza, gera frieza, insensibilidade, confusão e todo tipo de totalitarismo.¹⁹⁰

Com a definição «a escola da alma cuida e cultiva a alma»,¹⁹¹ o autor parte do termo *epimeleica*, educação do cuidado, na tentativa de recuperar o tema grego do cuidado da alma realizado por vários autores contemporâneos, como por exemplo Jan Patocka, Pierre Hadot ou Michel de Foucault. À semelhança da interpretação de uma peça musical, a clave da filosofia que Esquirol desenvolve é a da proximidade. Ele acredita que o ser humano se revela constitutivamente comovido e trespassado por quatro infinitos: a própria vida, a morte, o tu e o mundo em que ele vive, trabalha e cria, a partir desta quádrupla comoção. A questão primordial reside na forma como ajudamos a pessoa a responder à comoção.¹⁹²

Esquirol, ao falar do campo da educação, e no cuidado de si em geral, faz referência a Sócrates e propõe a doçura como caminho: «cuidar da alma requer paciência e gentileza»¹⁹³. O autor reconhece a importância dessa atitude no mundo grego e propõe-se analisar a revolução que o Cristianismo representa, por considerar a doçura como maneira de ser do próprio Deus, que é revelado não pelo poder ou pela força, mas pela humildade, vulnerabilidade e amor compassivo de Jesus Cristo. A *Kenosis*, a Encarnação como abaixamento é o mais divino que se revela no mais humano. Podemos encontrar essa realidade expressa na carta de São Paulo aos Filipenses: «Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz» (Filip 2,7-8). É possível também fazer a analogia acerca do Cristianismo primitivo com os textos

¹⁸⁹ Esquirol, *Escola da Alma*, 12.

¹⁹⁰ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 12-13.

¹⁹¹ Esquirol, *Escola da Alma*, 14.

¹⁹² Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 17-18.

¹⁹³ Esquirol, *Humano mais Humano*, 112.

socráticos em que a doçura, e não a força, está unida à essência da revelação. Podemos ler na carta de São Paulo: «[...] Pelo contrário apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que acaricia os seus filhinhos» (1Tess 2,7)¹⁹⁴. A doçura e sensibilidade, fazer o bem e deixá-lo crescer, nisto consiste a verdadeira cultura e educação que nos humaniza.

Por outro lado, quer relativamente à abordagem da essência da vida humana como na dobra do sentir, quer na atenção dada ao tom doce da curvatura *poiética*, deparamo-nos também com a realidade da degeneração do bom caminho e do bem fazer, que se revela na insensibilidade, que é caudalosa fonte do mal, uma inércia que não se curva por nada e não sente compaixão por ninguém. Nisto consiste a desumanidade que reside na frieza e na insensibilidade. Como nos diz Esquirol, «o coração é a curva da cordialidade, da mansuetude, da ternura»¹⁹⁵. A pessoa desumana é insensível, de coração duro. Nela, nem a dobra nem a ferida infinita conseguem produzir-se, porque, por fatores diversos, os seus corações se endureceram. A desumanidade leva à desagregação. A este propósito, Esquirol cita João Clímaco, que vê no homem insensível um filósofo idiota, isto é, fechado sobre si mesmo, no rol dos intelectuais que não entenderam que a ilustração e a maioria nunca se podem traduzir na altivez ou na superioridade. Não ser um filósofo idiota exige um esforço constante sobre si mesmo e um constante regresso aos outros. É preciso procurar no serviço aos outros a principal cura e a principal terapia.

Esquirol, ao afirmar que «o humano é uma forma de ser, capaz de adquirir ainda mais forma, e capaz de gerar novas formas»¹⁹⁶ e ao referir-se à poesia como «alma inaugurando uma forma», pretende ajudar-nos a refletir acerca de um humano que possui uma alma capaz gerar proximidade e novas formas. Deste modo, considera o exercício da atenção como um treino da alma. Ao referir-se a S. Tomás de Aquino e Leibniz, acerca do conceito de educação, quando a usam no sentido de «começar a adquirir formas», Esquirol pretende fazer corresponder educação e formação. Neste sentido, relaciona a educação como a orientação e formação do ser humano como humano, capaz de ensinar a ver como o mundo se manifesta. Tanto a educação como a formação se referem a um processo capaz de apontar uma direção.¹⁹⁷

¹⁹⁴ Ao longo da dissertação, para as citações bíblicas, faremos uso: A Bíblia de Jerusalém, Nova Edição, revista (São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional e Paulus, 1973).

¹⁹⁵ Esquirol, *Humano mais Humano*, 115.

¹⁹⁶ Esquirol, *Escola da Alma*, 81.

¹⁹⁷ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 17-18.

A questão apresentada pelo autor refere-se ao modo como formar o humano para ser mais humano, mais pessoa e qual o caminho para alcançar tal objetivo. E a resposta aponta para a forma madura do humano, que deve ser uma fonte de formas. A maturidade humana exprime-se na capacidade de fazer, de irradiar e de criar. Consiste em ser fonte, gerar mais mundo e mais vida.¹⁹⁸

Humanizar-nos supõe um caminho de formação, que passa pela aproximação e pelo cuidado: da vida, de si próprio, das relações com os outros, com as coisas e com o mundo. Trata-se de um caminho que seja contrário à indiferença, ao egoísmo, à violência e a toda a forma de degeneração, que desintegra e aniquila os valores e a própria consciência da dignidade humana. Daí a importância de educar para o espírito crítico, ou seja, para o juízo de valores.

Esquirol refere-se às boas formas que «formam» e propõe uma dupla dimensão que manifesta a maturidade humana: vida reflexiva e vida generativa. A pessoa reflexiva não é estéril e centrada em si, é fonte geradora de vida. Gera, cria e faz o bem. A reflexividade é uma forma peculiar do humano que coincide com a bondade e a generosidade. Por outro lado, o mal é a antiforma, pseudoforma vinculada aos dogmatismos contemporâneos que interrogam o ser humano e o colocam em tensão sobre si mesmo, levando-o a equívocos e à intempérie, de modo a substituir o cuidado da alma por outros modelos dogmáticos que, influenciados pelas ciências humanas e sociais, reduzem o humano a factos e a dados, afirmando um modo de ser niilista, de uma vida sem sentido.¹⁹⁹

Uma boa formação possibilita ao ser humano amadurecer e transcender o conceito de forma em favor do conceito de «fonte de forma» e «reflexividade». Deste modo, formar-se traduz-se num interminável cuidado de si mesmo e na interminável procura de significado. Diz-nos Esquirol:

A tensão da alma não procura um modelo, mas sim um *sentido*. O problema de hoje não é [...], a falta de um modelo, bem pelo contrário: é a admissão rápida e fluida de modelos e integração acrítica na atualidade, suportadas pela indiferença institucional e pela redução das ciências humanas a ciência de factos.²⁰⁰

¹⁹⁸ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 85-86.

¹⁹⁹ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 97-99.

²⁰⁰ Esquirol, *Escola da Alma*, 100.

É necessário resistir e buscar o horizonte da formação que transcende a forma para que se torne reflexividade geradora e fonte de formas, que significa maturidade humana, vida reflexiva e vida atenta. Buscar a maturidade humana é empenhar-se numa vida reflexiva que gera, é estar desperto, vigilante, gerar mais sentido, mais mundo, mais vida. Podemos gerar formas técnicas e artísticas, formas éticas e políticas, porque a reflexividade gerada é capaz de tornar-se, ela mesma, fonte de boas formas e, em consequência, de mais mundo.²⁰¹

Através da educação, cultiva-se aquilo que somos capazes de ser para que cheguemos a sê-lo, ou seja, sermos capazes da não indiferença. E nisto reside o mistério supremo do humano: cultivar a profundidade aberta que somos, para evitar o fechamento, a indiferença e a diminuição da humanidade. Este mistério humano conduz-nos a uma profundidade aberta, trespassada por experiências infinitas, o que implica que «a resposta que a educação deve cultivar em nós é a da proximidade [...]. Núcleo da educação: proximidade, cuidado, atenção por oposição à frieza, indiferença, insensibilidade».²⁰² Esquirol subscreve a importante contribuição de Adorno: «o *pathos* da escola, a sua seriedade moral, reside hoje no facto de, no quadro do que existe, ser a única que consegue trabalhar de modo imediato, se disso tiver consciência, no sentido de superação da barbárie por parte da humanidade».²⁰³

O sentido da escola reside neste *pathos*, capaz de superar a barbárie e a violência. E daí que a educação para fazer mais humano o humano supõe «[...] educar na sensibilidade, na não indiferença, no espírito crítico, na consciência, ou seja, no estar desperto»²⁰⁴. Um horizonte da educação prende-se com o combate a insensibilidade e a promoção da autorreflexão crítica, porque o mal isola e endurece e a bondade se impõe como vínculo e sensibilidade; daí a importância de cultivar para a sensibilidade e não para a indiferença. Não fazer o mal significa cuidar do outro e fazer-lhe companhia.

Paul Ricoeur, corroborado por Esquirol, refere-se, em concreto àquela regra de ouro de tratar os outros da mesma forma como desejamos que os outros nos tratem. O que se traduz numa relação gratuita, que não espera nada em troca. É no amor ou na lógica da

²⁰¹ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 101.

²⁰² Esquirol, *Escola da Alma*, 109.

²⁰³Theodoro W. Adorno, *Educación para la Emancipación*, trad. Jacobo Munõz (Madrid: Morata, 1998), 78.

²⁰⁴ Esquirol, *Escola da Alma*, 111.

superabundância que encontramos o rosto do outro, que pede companhia e o dom da graça, ou seja, a consciência de que vivemos na graça²⁰⁵.

O objetivo principal da educação e da cultura consiste, como dizíamos, em lutar contra a frieza, considerada pelo autor como *antipoiesis*, ação que destrói e provoca a degeneração extrema. É contrária à *poiesis*, porque não se curva amavelmente sobre a gravidade da vida, nem se vincula a nada, cortando antes tudo. A frieza da *antipoiesis* acentua a angulosidade e a aspereza. Por sua vez, a doçura da *poiesis* é suave e cordial. Porém, nunca abandona a convicção de que cada ser humano é alguém capaz de curvar e suavizar o gesto, em vez de lançar o insulto ou de cravar o punhal.²⁰⁶

Em jeito de síntese, ao explorarmos as diferentes formas de resistência face à intempérie, constatamos, neste capítulo, que o tema da quotidianidade é um convite a apreciarmos o mais simples, porque é na simplicidade das pequenas coisas que podemos encontrar o extraordinário, o mais sublime. A existência humana tem início na casa, que é o outro, como referência fundamental, e o acolhimento é a condição da existência - ternura e cuidado. A casa pertence ao ajuntamento humano, que é, principalmente, abrigo, palavra de consolo, que aquece o ser humano por inteiro. O intuito de Esquirol é intensificar e aprofundar o humano mais humano, que se manifesta justamente na sua vulnerabilidade, cuja resposta reside no cuidado. O cuidado, a solicitude e o amparo estão ligados à experiência da finitude e da vulnerabilidade e ainda da claridade parcial, da luz e do conhecimento. Diante da provisoriedade e vulnerabilidade do humano, faz sentido o cuidado de nós mesmos e dos outros. A resposta encontra-se, então, no acompanhamento da ferida infinita, porque nos encontramos atravessados pelo infinito e pela alteridade.

A proposta aqui apresentada é uma filosofia que gera sentido, que devolve ao ser humano a esperança, ou seja, um pensar que gera sentido e que se curva diante do humano mais humano, dobra-se diante das curvas curadoras do quotidiano, de forma que resista à frieza. Nesta linha de entendimento, a educação pode instituir-se como um caminho de cultivo desta profundidade aberta que somos, para evitar o fechamento, a indiferença e a diminuição da humanidade. O seu núcleo está no cultivo da proximidade, no cuidado e na atenção em oposição à frieza, à indiferença e à insensibilidade.

No último capítulo, trataremos de analisar, ao nível da espiritualidade e também da religião, concretamente do cristianismo, os elementos de proximidade que ajudam a entender o sentido da vida humana como resposta à condição de vulnerabilidade que lhe

²⁰⁵ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 113.

²⁰⁶ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 115.

é inerente. Iremos, assim, tentar demonstrar como no cristianismo se encontram formas de realização do ser humano, que se consciencializando com o mistério é capaz de se transcender e encontrar na fé, na Palavra de Deus, respostas para a suas inquietudes cujo caminho é a busca da plenitude.

Capítulo 3

A ESPIRITUALIDADE COMO PROXIMIDADE E BUSCA DE SENTIDO, A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DE ESQUIROL

Trataremos, neste capítulo, de explorar algumas ideias de Esquirol a partir do diálogo com outros autores que se inscrevem na linha da antropologia e da espiritualidade religiosa tais como Francesc Torralba, Tomás Halík e José Tolentino Mendonça, fazendo uma alusão, sempre que pertinente e oportuna, à Sagrada Escritura e a documentos do Magistério da Igreja Católica. Desta forma, iremos refletir sobre o ser humano como um ser em busca de um sentido para a sua existência.

Teremos em conta o pensamento de Esquirol acerca da dimensão paradoxal em que vive o ser humano: absoluta e relativa, por um lado; onipotente e limitada, por outro. É que faz parte da condição humana, onde cada homem busca a realização como pessoa, procurar uma resposta plausível face ao sentido da sua existência, tendo para isso que se entrelaçar com o outro, numa atitude de alteridade, bem como de se transcender a si mesmo.²⁰⁷

Torralba, no seu livro *Antropologia do Cuidar*, concebe um ser humano exposto a inúmeros perigos, entre eles a doença, a agressão, o fracasso e até a própria perda da vida. Viver humanamente, neste sentido, significa viver na vulnerabilidade, facto que o torna universal e entrelaçado com a condição humana, numa experiência pessoal, coletiva e quotidiana. Esta realidade envolve todas e cada uma das suas dimensões fundamentais de vulnerabilidade: física, psicológica, social e espiritual.²⁰⁸

A antropologia cristã, fundada na palavra do Génesis «Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança [...]» (Gn 1, 26), coloca o ser humano numa posição privilegiada no universo criado, porque lhe dá o sentido profundo do seu existir ao reconhecer que ele participa no ato criador de Deus, com o qual participa da vida divina. A criação dá ao ser humano um valor íntimo e particular, um carácter transcendente, que o faz superior.

Esquirol, ao afirmar que «cuidar da alma significa empenhar-se numa maneira de viver»,²⁰⁹ quer sublinhar que esse cuidado exige recolhimento e diálogo interior, que

²⁰⁷ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 39.

²⁰⁸ Francesc Torralba Roselló, *Antropologia do Cuidar*, trad. Guilherme Laurito Summa (Petrópolis: Vozes, 2009), 57.

²⁰⁹ Esquirol, *A Escola da Alma*, 135

permite receber a palavra e iniciar o pensamento, constituindo a companhia e o acolhimento, formas concretas de cuidar do outro. *Cuidar da alma*, então, talvez defina também o pensamento religioso, dado que ajuda o ser humano na transformação interior.

Convidando-nos a conceber a religião como proximidade e amparo na vulnerabilidade, o teólogo Tomás Halík dá-nos um contributo valioso ao defender que a fé em Jesus supõe também um tocar nas feridas, quer nas nossas quer nas dos outros. Não podemos ficar, assim, indiferentes àquilo que é mais profundo no ser humano, que são as dores ocultas das pessoas, as feridas abertas e por sarar nos outros e em nós mesmos, detendo-nos apenas nos «problemas sociais», ainda que também esses sejam importantes. Esta nossa condição de fragilidade e vulnerabilidade diante da intempérie tornar-nos-á, inevitavelmente, mais sensíveis à dor do outro e mais dispostos a ajudá-lo. A força que provém da fé é capaz de nos fazer suportar também as dúvidas e as obscuridades, bem como de perceber o mistério que somos, mantendo-nos em fecunda esperança.²¹⁰

Trataremos, portanto, neste capítulo, de tecer um olhar acerca do ser humano como mistério, aberto a transcendência e em busca de uma vida com sentido. Apresentaremos uma visão antropológica e religiosa acerca do cuidado, como elemento essencial de uma filosofia da proximidade. Veremos que a experiência da vulnerabilidade nos abre aos outros, faz-nos tomar consciência da nossa fragilidade e dá fundamento à ética do cuidado do humano e do planeta. É da condição de periferia que pode surgir a consciência da humanização e do cuidado.

A consciência da própria finitude, tão presente na sua condição, implica um cuidado de si, por meio do silêncio e da reflexão, de modo a criar a força interior que o torna capaz de resistir. Vamos falar de um Deus, que, pelo mistério da Encarnação, habita a periferia humana, se faz próximo e se revela na humanidade de Jesus Cristo, que se compadece diante da fragilidade humana. A Igreja, deste modo, a exemplo das primeiras comunidades cristãs, esforça-se por ser esta casa de acolhimento no quotidiano da situação humana, por meio da comunhão fraterna, da partilha da Palavra e da fração do Pão Eucarístico. É na relação com Deus, com o próximo e com o universo que a criatura humana, amada por Deus, é chamada a realizar-se plenamente, para ser feliz.

²¹⁰ Cf. Tomás Halík, *O Meu Deus é um Deus Ferido*, Trad. Artur Mourão (Prior Velho: Paulinas 2015), 23-24.

3.1 – A Dimensão antropológica e espiritual do cuidado

Cuidar de nós mesmos é dar-nos luz, [...] é o mistério que somos.²¹¹

Esquirol, ao tentar compreender a condição humana e o seu sentido, propõe o aproximar e o cuidar como elementos essenciais da quotidianidade. O cuidado é condição fundamental de possibilidade da existência humana, que o autor ilustra usando uma imagem muito feliz da luz e do respirar, como formas de cura e de cuidado de si próprio, em íntima comunhão com a natureza.²¹² Diz-nos Esquirol que precisamos de céu, mais do que nunca, «céu, isto é, proteção, tenda, orientação e ligamento azul para a ferida infinita».²¹³ A humanidade habita o ambiente, nele ganha luz e respiração, que é também, condição de vida do ser humano. Para Esquirol, o filósofo deve aproximar-se do mundo e da vida com um olhar transformador, a fim de vê-los no seu mistério, o que implica sempre uma mudança na maneira de se posicionar no mundo e de sentir a vida.²¹⁴

Torralba, na sua obra *Antropologia do Cuidar*, fala de uma Ética do cuidar, que tem por fim «regular eticamente a ação de cuidar, ou seja, analisar sob uma perspectiva racional e crítica o que significa cuidar de um modo virtuoso».²¹⁵ Diante dos graves e profundos desafios de caráter ético, a ação de cuidar deve-se desenvolver dentro de categorias da *liberdade, intimidade, justiça e bem*, quais caminhos éticos que permitem alcançar o seu grau de excelência. Como ação humana que é, o cuidar deve considerar também a *estética do cuidar*, que tem raízes na reflexão filosófica, que supõe a beleza do cuidar como ação bela e boa, porque tem como objetivo central o bem alheio, seu desenvolvimento e integridade.²¹⁶

O cuidar é um ato da vontade e poderíamos dizer que significa dar a um outro ser especialmente ao ser humano, mas também ao planeta e a tudo aquilo que necessita e que não é capaz por si só de assegurar, e que pode ser entendido também como amparo. Cuidar é o que possibilita e garante a existência humana. Diz-nos, a este propósito, o Papa Francisco que o ser humano é imagem de Deus e que todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus pela humanidade. O solo, a água, as montanhas, são carícias

²¹¹ Esquirol, *Humano mais Humano*, 153.

²¹² Cf. Esquirol, *A Escola da Alma*, 37, 69, 122.

²¹³ Esquirol, *Humano mais Humano*, 128.

²¹⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 85.

²¹⁵ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 161.

²¹⁶ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 161-162

de Deus. A nossa amizade com Ele desenvolve-se num espaço geográfico, cujos lugares ficam gravados na nossa memória e nos fazem bem.²¹⁷

a) A ética do cuidar: edificação de uma vida com sentido

A tarefa de cuidar se relaciona intrinsecamente com a tarefa de edificar.²¹⁸

A reflexão de Torralba tem como finalidade ajudar-nos a elaborar algumas virtudes humanas no que se refere ao cuidado, ou seja, hábitos e atitudes que são próprias do processo do cuidar. Este autor faz uma ligação entre cuidar e o ato de edificar. Ele entende que a tarefa de edificar tem a ver com a tarefa de construir, tendo como princípio uma boa fundação, partindo da base com recursos adequados, feitos com força e engenho. O autor refere-se a edificar não só as coisas materiais, mas também as pessoas: «a ação de cuidar deve ser compreendida a partir do valor da edificação».²¹⁹

Neste mesmo sentido, este autor considera a educação como um processo de edificação, que tem por fim a construção da pessoa como um todo, que parte da sua génese até à sua consumação. Tal como a educação, este é um processo ilimitado que dura a vida toda. E aí podemos entender a estreita relação entre a tarefa do cuidar e a tarefa do edificar. A pessoa que reclama cuidado sofre um processo de desestruturação; só é possível curar por meio de uma completa reconstrução. Deste modo, edificar uma pessoa, no seu sentido ético, consiste numa reconstrução a partir das suas fundações. Esta é uma ação edificante, no seu sentido interior. O curar está relacionado com exterior, com o corpo, já o cuidar refere-se, fundamentalmente, à interioridade da pessoa²²⁰.

Esta relação, estabelecida por Torralba, entre educação e edificação, no seu sentido interior, mantém, no nosso entender, um paralelismo com a definição apresentada por Esquirol acerca da Escola da Alma como aquela que a cuida e a cultiva: «educar significa ajudar alguém a conduzir-se, orientar-se [...] E ensinar significa indicar, mostrar [...] Educa-se com o coração que é símbolo daquilo que acompanha e cuida».²²¹

Para Esquirol, educar é cultivar aquilo que a pessoa já é capaz de ser, para que alcance tal objetivo e chegue a ser, residindo precisamente nisto o mistério supremo do

²¹⁷ Cf. Papa Francisco, *Laudato Si'* (Prior Velho: Ed. Paulinas, 2015), n.º 84

²¹⁸ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 164.

²¹⁹ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 164.

²²⁰ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 164-165.

²²¹ Esquirol, *A Escola da Alma*, 15.

humano que esta evolução conduza a uma profundidade aberta e trespassada por experiências infinitas. A resposta a ser cultivada é a da proximidade. O núcleo da educação consiste na proximidade, no cuidado e na atenção que se opõem à frieza, à indiferença e à insensibilidade²²².

Torralba entende que, na sua própria essência, o processo de cuidar implica a virtude da responsabilidade. Diz-nos este mesmo autor: «cuidar um ser humano frágil ou vulnerável é exercer uma forma de responsabilidade social, cívica». ²²³ O valor da responsabilidade é um exercício de dever humano frente à vulnerabilidade, porque cuidar de alguém, acompanhá-lo na sua vulnerabilidade, é exercer a responsabilidade ética, preocupar-se com o outro, não apenas por um sentimento de estar próximo de uma pessoa, mas por um dever moral. A ação de acompanhar ou de cuidar implica responsabilidade e nisto consiste o seu caráter ético, que ultrapassa o antropológico, o psicológico, o social e o espiritual. É um processo que supera a técnica.²²⁴

A experiência da vulnerabilidade abre-nos necessariamente aos outros, faz-nos tomar consciência da nossa fragilidade e dependência e, para tanto, esta realidade dá fundamento à ética do cuidado. Ou seja, a condição de vulnerabilidade e fragilidade é um apelo à proximidade ou à não indiferença. A pessoa frágil, na sua debilidade, desperta em nós a humanidade e ao mesmo tempo torna-se um apelo a responsabilidade e ao cuidado do outro.²²⁵ Este cuidado é refletido por Torralba como encarregar-se do outro, atitude que nasce da vulnerabilidade humana, que se encontra na periferia e que se exprime no cuidado e no sofrer pelo outro, que não é mais do que uma referência central ao próximo e atenção que ele nos merece.²²⁶

O processo de cuidar, na sua perspetiva ética, supõe ainda a transmissão de determinados valores, que são elementos importantes para uma interação interpessoal e de que o valor da esperança é um exemplo paradigmático. Esses valores superam a racionalidade técnica e crescem na esfera da emotividade e do sentimento, já que, para este autor, «cuidar é velar, é lutar contra o niilismo, o abandono, o fracasso». ²²⁷

Neste contexto, fazemos alusão a Esquirol, quando diz entender o niilismo como um processo de decadência que consiste na perda do fio, do enlace, da relação, propõe a

²²² Cf. Esquirol, *A Escola da Alma*, 109.

²²³ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 165.

²²⁴ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 165-166.

²²⁵ Cf. Miguel Cabral, *Firmes na Esperança*, reflexões cristãs em tempo de pandemia (Cascais: Ed. Lucerna, 2021), 104-106.

²²⁶ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 64.

²²⁷ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 167.

filosofia da proximidade como uma resposta de resistência ao niilismo, não pela negação, mas ao contrário, aproximando-se da finitude.²²⁸ Nisto reside, segundo o autor, o papel da filosofia, que é o de «cuidar da alma: porque o exercício do pensamento transforma».²²⁹ A sua proposta é um pensar que exige recolhimento e diálogo interior, que se traduz em acolhimento para cuidar do outro. Esse cuidado só é possível por meio de uma filosofia da proximidade. Em resposta às investidas do niilismo, Esquirol propõe uma filosofia que gera sentido, que devolve ao ser humano a esperança, um ser que concebe, que trata com tato e respeito, como uma mãe que acolhe o filho e o recebe nos braços e o sente verdadeiramente. Esquirol fala-nos de uma esperança que é essencialmente a *espera de um pouco mais de sentido*: de um sentido diferente. A capacidade de resistência é a própria esperança.²³⁰

Torralba apresenta-nos a esperança como uma virtude e um valor supremo para canalizar o futuro e superar as situações-limite, de todo o ser humano, que, de tão vulnerável, necessita de cultivar sistematicamente essa esperança. A transmissão da esperança é fundamental no processo de cuidar, ajudando a pessoa a enfrentar a vulnerabilidade com mais positividade. Como ato da existência pessoal, a esperança constitui a estrutura do ser, dá-lhe confiança no futuro e paciência nas ações.

Outra atitude importante no ato de cuidar é o desenvolvimento da empatia. É importante participar empaticamente da situação existencial da pessoa e viver o seu sofrimento e as suas angústias, tratando-se, assim, de um encontro natural que se opera num mesmo *pathos*. No vínculo entre o cuidador e a pessoa cuidada, é fundamental o exercício da simpatia e da empatia, estabelecendo, assim, uma ponte entre ambos. Na arte de cuidar, outra virtude importante é a confiança que é estabelecida entre ambos, quase como um ato de fé e porta de acolhimento, que nos leva à ternura e à solicitude, tocando a sensibilidade. Torralba fala, ainda, do princípio da justiça, na práxis do cuidar, que exige superação de preconceitos e reconhecimento do outro como meu próximo.²³¹

Para definirmos melhor o próximo, seguimos o pensamento do filósofo dinamarquês Kierkegaard, citado por Torralba, quando afirma:

O próximo é a igualdade de todos. O próximo não é a pessoa amada, para quem tu reservas uma predileção apaixonada, tampouco é o amigo, com o qual se liga por uma

²²⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 28.

²²⁹ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 87.

²³⁰ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 146-147.

²³¹ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 70-74.

predileção apaixonada. O próximo nem sequer é, no caso de que seja culto, outra pessoa culta e educada, com a qual tu estás igualado pela cultura [...]. O próximo tampouco é alguém que seja mais distinguido que tu [...]. O próximo tampouco é alguém que seja mais insignificante que tu [...]. O próximo é cada homem; já que se fazem discriminações, deixa de ser teu próximo; e tão pouco o é se se recorrer à igualdade que se possa ter consigo dentro das diferenças em relação a outros homens.²³²

Para Lévinas, segundo nos diz Costa, o próximo é o desenraizado, o sem pátria, o exposto ao frio e ao calor das estações, o que está dependente de mim. Estas são situações-limite que interpelam a minha responsabilidade, que não me podem deixar indiferente.²³³ Já para Esquirol, o próximo é o humano que habita a periferia e, devido à sua condição de vulnerabilidade, encontra sentido no cuidado e no amparo. O próximo, a quem Esquirol se refere, é um sujeito que pensa profundamente, que olha o mundo com perspicácia, alguém que vive, pensa e ama.²³⁴

No pensamento de Torralba, cuidar da pessoa em situação de vulnerabilidade é também cuidar da sua liberdade, tratando-se de um ser humano que busca um sentido. O ser humano livre não quer viver de qualquer maneira; deseja viver *-com-sentido*: «a pessoa é vontade de viver».²³⁵ A *Antropologia do Cuidar* acontece precisamente no momento transcendental em que se articula com uma pedagogia do sentido, já que cuidar de um ser humano tem a prerrogativa de construir sentido a partir do diálogo e da responsabilidade. Comparando com o pensamento de Esquirol, lembremos que, para este filósofo, há em cada ser humana «uma promessa, um envio, uma utopia». Para ele, já vivemos o sentido e a esperança e essencialmente a *espera de um pouco mais de sentido*, a promessa que está por trás de cada vida humana.²³⁶

Torralba sintetiza a sua reflexão acerca da busca de sentido ao dizer que «o ser humano deseja viver, mas não a qualquer preço, nem de qualquer maneira, mas deseja *viver-com-sentido*, deseja dar sentido à sua vida e não somente vivê-la no plano biológico».²³⁷ Há no ser humano a necessidade de ilustrar a sua vida com sentido, já que ele traz em si uma sede de sentido e o desejo de encher a sua vida de significado. Essa

²³² Soren Kierkegaard, *Las Obras del amor*, Trad. Demetrio G. Rivero (Salamanca: Ed. Sígueme, 2006), 84.

²³³ Cf. José Carlos Costa, «Emanuel Lévinas: o rosto do outro ou abertura à transcendência problemática antropológica» (Porto: Humanística e Teologia, 1997), 48-51.

²³⁴ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 148-149.

²³⁵ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 177.

²³⁶ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 146.

²³⁷ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 177.

sua vontade de sentido dignifica o ser humano, já que a sua plenitude está em busca de aspetos que estão para além do plano biológico e se estendem aos aspetos simbólico-espirituais. Essa busca deixa-o ainda mais vulnerável, necessitando de mais recursos para sublimar a sua vontade de viver. Ao atravessar uma situação de máxima vulnerabilidade (como o sofrimento físico ou moral, o fracasso, ou a proximidade da morte), a questão do sentido intensifica-se a ponto de se interrogar sobre o sentido da própria vida. É diante da situação de limite que se intensifica a busca pelo sentido.²³⁸

Para tanto, cuidar de uma pessoa em sua condição de vulnerabilidade exige um cuidado que contemple a sua totalidade que envolve o seu contexto existencial e a sua interioridade, questão esta que incide na sua própria harmonia, no seu estado de ânimo e na sua restauração. Em linguagem aristotélica, poderíamos dizer que se trata de uma mudança substancial, em que o cuidado implica uma mudança de atitude fundamental no ser humano. Torna-se imprescindível essa transformação, de forma a subsistir humanamente, o que implica risco, sofrimento e responsabilidade. Para Viktor Frankl, o ser humano pode encontrar o sentido para a vida e até para o sofrimento por meio de um diálogo verdadeiro, no qual alguém pode expressar as suas preocupações. O diálogo é visto por Frankl como um intercâmbio de problemas sob o ponto de vista pessoal e vital. Para tanto, faz-se indispensável a atitude de reciprocidade, no cuidado da pessoa que sofre.²³⁹

Em síntese, podemos dizer que o cuidado para com o ser humano, na sua fragilidade, consiste em construir o sentido, por meio do diálogo e da responsabilidade. Esta reconstrução deve ser feita na esfera do diálogo e da responsabilidade, social e ética que exige, para com o outro, uma simetria e nunca uma imposição de um sentido de vida.²⁴⁰

Esquirol via na intempérie uma oportunidade de redescobrir o sentido da vida, onde a resistência e a proteção eram atitudes de resposta à própria vulnerabilidade: assim como na experiência do deserto se chegava ao sentido da responsabilidade para resistir à desintegração e proteger o que é humano, assim também pelo cuidado e generosidade para com o outro, encontramos o sentido da proximidade e do amparo.

²³⁸ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 177-178.

²³⁹ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 179-181.

²⁴⁰ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 182.

b) O cuidado frente à vulnerabilidade, do ser humano e da ecologia

A pessoa contemplativa combina a sua respiração calma com a respiração igualmente calma do mundo.²⁴¹

Como vimos anteriormente, Esquirol, ao referir-se à vulnerabilidade da condição humana, entende que é na ferida infinita e no cuidado e atenção para lhe responder que reside o humano do humano. O autor, ao falar do abraço da vida como dobra do sentir, refere-se a todas as coisas da vida, à pessoa com a manta de relações fundamentais que a envolvem, em suma a todos os conteúdos da sua existência.²⁴² Esse cuidado diz respeito não só à vida humana, mas também a todo o espaço da existência, ou seja, à casa comum.

Torralba, na sua reflexão, fala de um ser humano cuja integridade está constantemente ameaçada por fatores internos e externos, e isso significa que este ser exposto se deve proteger e construir um abrigo que o defenda dessas ameaças. Devemos ter em conta que estamos diante um ser humano em muitos aspetos mais vulnerável do que outro seres vivos, porém mais hábil para se proteger. Tendo ele consciência da sua vulnerabilidade, pode intelectualmente apropriar-se dela e buscar formas de enfrentar. Com a sua capacidade de pensar, dá-se conta de que seu o ser não é absoluto, mas finito e limitado e, por sua capacidade intelectual, se pode proteger e superar obstáculos.²⁴³

Esquirol diz-nos que «o pensar situa-nos num caminho de transformação pessoal [...] Pensar é refletir: voltar-se para o si-mesmo e para a originalidade da vida, que revela ser, ao mesmo tempo, uma transformação, uma conversão».²⁴⁴ Esquirol fala ainda de um pensamento capaz de gerar e esperar que, silenciosamente, frutifica e, silenciosamente, espera. A filosofia é o pensar que gera sentido enquanto espera, o infinito de significado. Curva-se diante do humano mais humano, dobra-se diante das curvas curadoras do quotidiano, de modo a resistir à petrificação.²⁴⁵

Lévinas, na sua tese central acerca deste tema, afirma que:

A vulnerabilidade é a obsessão por outro ou o encontro como o outro [...] Sofrer por outro é tê-lo ao cuidado, apoiá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele. Todo o amor

²⁴¹ Esquirol, *A Escola da Alma*, 122.

²⁴² Esquirol, *Humano mais Humano*, 66-67.

²⁴³ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 59-60.

²⁴⁴ Esquirol, *A resistência Íntima*, 86.

²⁴⁵ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 156.

e todo o ódio para com o próximo como atitude reflexiva supõe essa vulnerabilidade prévia: misericórdia estremecimento de entranhas.²⁴⁶

Nesta afirmação, a vulnerabilidade é entendida no seu imperativo ético e diz respeito ao dever de todo o ser humano; a sua obsessão pelo outro manifesta a sua referência e atenção central pelo próximo. Tal como Esquirol concebe o ser humano numa manta de relações, assim também Torralba se refere à vulnerabilidade da natureza, que nos dias de hoje é ainda maior porque está exposta à manipulação, à transformação e à dominação tecnológica. Assistimos, assim, a uma violação das leis naturais que se repercutem inevitavelmente na vida humana, não só no seu entorno ambiental, mas também na realização da sua liberdade. Diz-nos o autor:

É precisamente porque o ser humano tem uma dignidade absoluta, é absolutamente necessário velar pelo respeito e o cuidado da natureza e proteger sua vulnerabilidade dos múltiplos abusos e de interesses do tipo político, económico ou industrial.²⁴⁷

Esquirol, quando se refere ao cuidado e à proximidade, ressalta o facto de nos apropriarmos da quotidianidade e da simplicidade da vida como aquilo que nos pode salvar.²⁴⁸ Este ser humano, entendido como um todo integrado e aberto à realidade, sofrerá, sem dúvida, as consequências da falta de cuidado e deterioração da natureza, sendo, inclusivamente, gravemente afetado na sua forma de viver, trabalhar e amar. Um ser humano, criado e querido por Deus, e dotado de sublime dignidade, é chamada a colaborar com o Criador, para cuidar da sua obra com responsabilidade. A situação do mundo atual, especialmente no que diz respeito ao cuidado do planeta, apela-nos a buscarmos mudanças urgentes no cuidado com os outros e com a natureza.

À luz dos ensinamentos bíblicos, o cuidado da nossa *Casa Comum* é essencial para salvar o planeta e preservar a própria vida humana; por isso, é um dever e responsabilidade de todos os filhos de Deus. Ou seja, o objetivo de cuidar é a possibilidade de existir, quer do humano, quer da casa em que o humano habita, o planeta. Diz-nos o Papa Francisco que o ser humano é imagem de Deus e que todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus pela humanidade. O solo, a água, as

²⁴⁶ Emmanuel Lévinas, *Totalidade e Infinito*, trad. Miguel Garcia-Baró (Madrid, Sígueme, 2012), 90. (Citado por Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 63).

²⁴⁷ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 65.

²⁴⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 47-49.

montanhas são carícias de Deus. A nossa amizade com Ele desenvolve-se num espaço geográfico, que se transforma em lugares que ficam gravados na memória e que nos fazem bem.²⁴⁹

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco concita-nos a desenvolver o sentido humano de uma Ecologia Integral, considerando que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar sob os aspetos da crise mundial que promovam uma reflexão sobre dimensões humanas e sociais.²⁵⁰ Como humanos que somos, é nosso dever cuidar uns dos outros e do nosso lar, da nossa *Casa Comum*, onde temos necessidade de voltar sempre, para restaurar a vida, os laços, a fé. A «Casa Comum» é abrigo e refúgio do humano. O cuidado com a criação e o cuidado com o ser humano estão intimamente ligados: «o nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos».²⁵¹

Francisco, ao falar do «meio ambiente», estabelece uma particular relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Não podemos considerar a natureza como algo separado da vida humana, fazemos parte dela e estamos profundamente ligados a ela. É fundamental buscar soluções integrais entre os sistemas naturais e os sistemas sociais. Vemo-nos diante de uma crise única e complexa, socioambiental. Para isso, são necessárias soluções que integrem o combate à pobreza, que devolvam a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, que se preserve a natureza. Tanto a vulnerabilidade dos pobres como a fragilidade do planeta tendem a resistir as essas ameaças, consideradas pelo Papa Francisco como o «grito da terra, o grito dos pobres». É cada vez mais profunda a convicção de que, no mundo, tudo está interligado. Estes são os paradigmas e as formas de poder que nascem das novas tecnologias; daí a necessidade de valorizar e cuidar de cada criatura.²⁵²

Para Torralba, faz-se urgente mudar a nossa mentalidade, passar de uma consciência tribal para uma consciência planetária. Só assim será possível construir uma nova etapa na história da humanidade. Essa mudança de consciência exigirá deixar de pensar nos próprios interesses ou nos do seu grupo. É preciso um pensamento e visão global, tendo em conta que somos meros inquilinos da Casa Comum, o planeta Terra. O autor diz esperar que a crise pandémica que o mundo acabou de sofrer tenha despertado

²⁴⁹ Cf. Papa Francisco, *Laudato Si'*, n.ºs 84, 59.

²⁵⁰ Cf. Papa Francisco, *Laudato Si'*, n.ºs 137, 95.

²⁵¹ Papa Francisco, *Laudato Si'*, n.ºs 2, 5.

²⁵² Cf. Papa Francisco, *Laudato Si'*, n.º 139.

na humanidade a consciência planetária e a necessidade de mudança do pensamento tribal para o pensamento global. Essa mudança de pensamento não deve colocar em risco os vínculos que cada um experimenta com os que vivem ao seu lado, têm o mesmo idioma, cultura, tradição. Ou seja, o facto de querermos bem a quem vive ao nosso lado não nos dá o direito de excluir o outro, o diferente. Diz-nos o autor, em concreto, que os que assumem a consciência global não renunciam às suas raízes; pelo contrário, são capazes de transcender as diferenças e particularidades, sentindo-se parte de uma enorme embarcação que cruza um grande oceano.²⁵³

Esquirol, ao tratar da resistência humana, faz uma alusão à resistência da terra e do próprio planeta frente às ameaças que põem em risco a sua própria sobrevivência.²⁵⁴ Perante a intempérie, é preciso confiar na resistência que vem da força e da esperança dos que se fazem «próximos» e não deixar de acreditar na mudança e na possibilidade de (des)construir pensamentos e reavaliar posicionamentos.²⁵⁵ O autor fala de um caminho de humanização que passa pela aproximação e pelo cuidado: da vida, de si próprio, das relações com os outros, com as coisas e com o mundo.

Esquirol propõe um caminho que seja contrário à indiferença, ao egoísmo, à violência e a toda a forma de degeneração, *que desintegra e aniquila os valores e a própria consciência da dignidade humana*; daí que a necessidade de «educar na sensibilidade, na não indiferença, no espírito crítico, na consciência, ou seja, no estar desperto»²⁵⁶ nos ajuda a cultivar aquilo que somos capazes de ser, a não indiferença. E nisto reside o mistério supremo do humano: cultivar a profundidade aberta que somos, para evitar o fechamento, a indiferença e diminuição da humanidade.

Por fim, constatamos que podemos encontrar na educação um caminho de realização, que contemple o ser humano e seu contexto existencial, nunca esquecendo que ele é um ser de relações e que depende dele também o futuro do planeta. A sua realização será mais plena se estiver alicerçada em princípios que o levem ao cultivo da proximidade com o outro e com o planeta, no cuidado e na atenção, sendo solidário com todos e com tudo o que o cerca. Neste horizonte da educação, podemos encontrar e cultivar também a vida espiritual, que se expressa na maneira de viver e de nos relacionarmos com o outro e com o planeta.

²⁵³ Cf. Francesc Torralba Roselló, *Vivir en lo esencial* (Barcelona: Plataforma Editorial, 2020), 109-111.

²⁵⁴ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 13-14.

²⁵⁵ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 18.

²⁵⁶ Esquirol, *Escola da Alma*, 111.

3.2 – A condição humana aberta à transcendência

Cada vida humana traz consigo o impulso da criação e o desejo de salvação.²⁵⁷

Na verdade, o ser humano encontra-se, todos os dias, perante a realidade da sua finitude e contingência, vivendo, por isso, uma dialética ontológica intrínseca à própria existência. Para compreender com maior profundidade essa sua condição, o ser humano precisa de um centro vital, significativo, fonte de luz e calor, no qual encontra a própria identidade e verdade: «o centro da pessoa é a alma»,²⁵⁸ diz-nos Esquirol. No livro bíblico podemos ler: «Guarda o teu coração acima de tudo, porque dele provém a vida» (Pr 4,23).

Relativamente a esta temática, servimo-nos da reflexão de João Duque, no seu livro *Dizer Deus na Pós-Modernidade*, em que se refere à nova transcendência como a algo que precisa de ser recuperada e que possibilite a fundamentação de diferentes perspetivas da realidade, conferindo-lhe seriedade e permitindo pensar a sua possível e correta articulação com a fé cristã. Para o autor, uma forma autêntica de religião terá que manter a referência à inviolável dignidade do ser humano, enquanto ser dado por Deus, lugar de dignidade intocável, sagrada, indisponível a qualquer sujeito ou qualquer sistema.²⁵⁹

a) Um ser humano que compreende totalidade e mistério

Cuidar da alma requer paciência e gentileza.²⁶⁰

Esquirol oferece-nos uma série de elementos que nos dão a possibilidade de pensar o humano na sua totalidade: corpo, alma e espírito e, por isso, aberto à transcendência. Nessa tentativa de compreensão, propõe ao homem um caminho que o leve a experimentar a vida com maior profundidade. Este percurso exige um esforço sobre si, que o autor trata como *ascese* que significa «prática ou exercício de vida espiritual»²⁶¹. A

²⁵⁷ Esquirol, *A Escola da Alma*, 149.

²⁵⁸ Esquirol, *Humano mais Humano*, 78.

²⁵⁹ Cf. Duque, João Manuel, *Dizer Deus na Pós-Modernidade*, 201.

²⁶⁰ Esquirol, *Humano mais Humano*, 112.

²⁶¹ Esquirol, *A Escola da Alma*, 135.

verdadeira *ascese* pode ser entendida como um exercício constante de cuidado sobre si mesmo, em que o ser humano se vai transformando, supondo também a vida espiritual. Diante de uma situação humana vulnerável, um esforço por ressignificar a condição de vulnerabilidade, possibilita viver uma vida mais humana, realizar-se mais como pessoa, abrir novos horizontes e de dar um sentido mais pleno à existência.²⁶²

Tendo em conta os paradoxos inerentes à situação humana, torna-se necessário pensar a vida à luz da fé, tecendo um novo olhar frente às situações de escuridão e embates que envolvem a condição humana. Acerca desta realidade de obscuridade, que exige um ato de fé, a Sagrada Escritura aponta-nos para a Pessoa de Jesus, quando ele próprio nos diz: «Eu, a luz, vim ao mundo para aquele que crê em mim não permaneça nas trevas» (Jo 12,46). O contrário da luz é a escuridão, e imaginar uma vida reflexiva e acompanhada pela claridade, de que nos fala Esquirol, supõe a capacidade de discernimento e resistência para perceber os sinais de esperança.²⁶³

Para dar resposta a essa situação de obscuridade, inerente à caminhada terrena do homem, propõe-nos um olhar de fé, nos seguintes termos:

[...] «Caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2 Cor 5, 7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1 Cor, 13, 12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.²⁶⁴

Deste modo, podemos dizer que a fé, como dom gratuito de Deus Criador à criatura humana, deve ser vivida como resposta de amor e proximidade nas relações, porque somos todos irmãos (cf. Mt 23,8).

Esquirol coloca-nos, efetivamente, perante um humano que vive o seu mistério mais profundo. A consciência da própria finitude, tão presente na sua condição, implica um cuidado de si, por meio do silêncio e da reflexão, de modo a criar a força interior que o torna capaz de resistir. Vida consciente e reflexiva é parte essencial da vida humana. A reflexão pede sempre mais reflexão, enquanto a vida pede mais vida. Este modo de olhar

²⁶² Esquirol, *A Resistência Íntima*, 87.

²⁶³ Cf. Esquirol, *A Escola da Alma*, 135.

²⁶⁴ Cf. Catecismo da Igreja Católica (Coimbra: Ed. Gráfica, 1993), 51, n° 363.

para a condição humana supõe um movimento interior, que nada mais é do que a espiritualidade, uma porta que nos conduz ao encontro consigo, com o outro e com Deus. Para Esquirol, o filósofo deve aproximar-se do mundo e da vida com um olhar transformador, de modo que veja as coisas e o mundo no seu mistério, o que implica sempre uma mudança na maneira de se posicionar perante a realidade.²⁶⁵

Diz-nos Esquirol que «cuidar da alma significa empenhar-se numa maneira de viver».²⁶⁶ Cuidar da alma supõe, então, um olhar para a pessoa toda, ou seja, cuidar da vida na sua totalidade. Cultivar a alma não significa simplesmente dirigir-se até uma suposta interioridade para venerá-la, mas é sobretudo um aproximar-se dos outros, das coisas e do mundo, de modo a converter para viver de uma outra forma. Para isso, é necessário dar passos e empreender um caminho, que interpela por meio da meditação, da respiração do ar puro, oxigenando os pulmões e a alma. Essa dimensão do ser humano tem como horizonte o cultivo da espiritualidade; caminho que une céu e terra e que conduz ao recolhimento, e que é também sinal de maturidade espiritual. Este é um caminho que pressupõe abertura e proximidade para estabelecer relações fundamentais.²⁶⁷

A Sagrada Escritura, ao referir-se à alma, quer designar a pessoa humana na sua totalidade, aquilo que há de mais íntimo no homem, que o faz imagem e semelhança de Deus.²⁶⁸ Esta unidade tão profunda que se pode considerar a alma como «forma» do corpo. Ou seja, é graças à alma espiritual que o corpo, constituído de matéria, é um corpo humano e vivo, formando assim uma única natureza. E, nesta mesma perspectiva, o *coração*, no seu sentido bíblico, entende-se como «fundo do ser». Homem e mulher têm uma dignidade que não pode perder-se, porque eles são «imagem de Deus» e refletem, no seu ser, a sabedoria e a bondade do Criador.²⁶⁹

Neste mesmo horizonte de compreensão, Esquirol entende que a alma é o centro da pessoa, o mais vivo, como que uma vibração causada pela ferida infinita, simbolicamente chamado coração. Para este filósofo, o centro é a ferida e a ferida está aberta pelo infinito que nos chega, ou seja, a dobra do sentir e a ferida infinita permitem pensar uma interioridade que é, ao mesmo tempo, abertura perfeita, onde aflora a vibração da alma, que se traduz na paixão pela vida. Dizer que a ferida é o mais profundo do humano é o mesmo que dizer que ela é o mais alto – e que provém do mais alto. A

²⁶⁵ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 85ss.

²⁶⁶ Esquirol, *Escola da Alma*, 134.

²⁶⁷ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 134.

²⁶⁸ Cf. CIC, 93, n.º. 363.

²⁶⁹ Cf. CIC, 93-94, n.º. 263-269.

verdadeira altura é a profundidade. A ferida infinita é a gravidade humana, que se converte em solo, base e fundamento da nossa vida.²⁷⁰

O «mistério» afeta-nos, exige de nós atenção e respeito, porque estamos dentro dele, prende-nos e envolve-nos «o tempo, a vida humana ou a presença do outro têm que ver com o mistério»²⁷¹, até mesmo o sentimento mais forte da vida humana, encontra nele o valor e sentido que a envolve. Ao conceber a vida como um ajuntamento, o mesmo autor quer nos apontar para essa relação entre finito e infinito, entre o que abarca a vida humana e o que a ultrapassa, entre o que se vê e o que é invisível, entre o mesmo e o outro. A sua reflexão acerca da vida encontra referência no infinito ou no outro, definindo-o como infinito-alteridade.²⁷²

Para Esquirol, «pensar a condição humana exige que dirijamos a nossa atenção para a base, que nos voltemos para o mais fundamental».²⁷³ O ser humano é parte de um todo, e a sua génese acontece no início e no fim, e em qualquer lugar e em qualquer tempo. É como que um acercar-se do mistério para viver melhor. O mistério da vida humana é «o mistério da relação, da singularidade aberta e relacionada (passiva e apaixonada) [...] Anelo de infinito através da afeção infinita, que não aspira a nenhum paraíso terrestre, mas sim ao céu (alteridade infinita)».²⁷⁴

Nesta perspetiva, entendemos que a pessoa espiritual é justamente aquela que responde a essa afeção e não a esconde, porque somente aqueles que cuidam da afeção infinita mantêm uma vida espiritual. Viver, no sentido de «viver de», já dá gozo, embora o desejo que geramos, através da afeção infinita, seja desejo pelo infinito. Deste modo, para Esquirol, não é feliz aquele que supostamente se encontra num estado de plenitude, mas aquele que é capaz de responder e orientar bem a sua vida. A felicidade e a bem-aventurança supõe andar bem ou bem-andança. Sermos capazes de vida significa como que, um desejar pela estrela não vista, que já nos afetou.²⁷⁵

²⁷⁰ Esquirol, *Humano mais humano*, 78-79.

²⁷¹ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 12.

²⁷² Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 14.

²⁷³ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 8-9.

²⁷⁴ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 53.

²⁷⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 57.

b) O divino que habita a periferia humana

[...] A *kenosis*, a Encarnação como rebaixamento; a baixeza e a humildade tornadas divinas. O mais divino revelado no mais humano.²⁷⁶

O tema da periferia do paraíso impossível, explicitado por Esquirol, ajuda-nos a aprofundar este humano que tem um Nome e entender assim a alma humana no seu sentido mais profundo; pensar a condição humana, onde os recursos são os que provêm da própria condição de vulnerabilidade da periferia, não significa fraqueza ou derrota.

O autor Francesc Torralba, no seu livro *Antropologia do Cuidar*, fala da radical vulnerabilidade, que é uma experiência que se afirma como experiência intrinsecamente arraigada na humanidade, «o ser humano é um ser vulnerável, radicalmente vulnerável, ou seja, de sua raiz mais íntima; vulnerabilidade significa fragilidade e precariedade».²⁷⁷ Neste mesmo contexto, Esquirol aborda o tema da condição humana como aquela que habita a periferia, onde não há nem plenitude nem perfeição, mas afeição infinita – mistério e desejo, «a condição humana é a da periferia do paraíso impossível»,²⁷⁸ onde amparar os outros é o mais importante exercício de generosidade.

Ao referir-se à periferia, Esquirol, diz que o mundo não se constitui como uma caverna em que nós somos os seus prisioneiros e nem um recetáculo fechado em que os humanos procuram encontrar uma saída, pelo contrário, fala-nos da luz da periferia, que é feita claridade e penumbra, de sussurros de palavras cálidas, que vibram cordialmente, é um contraste entre a escuridão causada pelas trevas e a luz intermédia.²⁷⁹

Esquirol refere-se a uma periferia que é habitada, de forma passageira, por mortais, classificados como «sendeiros de silêncio e de cânticos, de blasfémias e de preces, de deceções e de esperanças»²⁸⁰. Podemos, em cada pessoa, apreciar um evento infável: o nascimento de uma criança, o seu acolhimento, o ser reconhecida por um nome. Cada acontecimento da periferia é um facto transbordante de significado, que indica a irredutibilidade à mera observação.²⁸¹

O autor vê na força que resiste às intempéries um impulso para a mudança; o início de um caminho de transformação. Deste modo, não tem que ter medo da vulnerabilidade,

²⁷⁶ Esquirol, *Humano mais Humano*, 112.

²⁷⁷ Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 57

²⁷⁸ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 8.

²⁷⁹ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 11.

²⁸⁰ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 11.

²⁸¹ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 11-12.

ela é vida, «não é perda e nem afastamento da plenitude», mas vida, que encontra o seu sentido no amparo e na generosidade. A vulnerabilidade não deixa de ser uma força que provém da resistência perante a ameaça de desagregação. Esta força provém de uma interioridade que se deixa tocar e comover, génese esta onde o pular da vida e da bondade encontram harmonia, onde bondade e generosidade são os gestos mais humanos dos gestos.²⁸²

No seu livro *Elogio da Sede*, o Cardeal José Tolentino Mendonça, ao referir-se à condição de periferia, convida-nos a olhar a sociologia do cristianismo, de modo a corrigir a nossa visão construída a partir do centro. Para este autor, o cristianismo é uma realidade periférica. Segundo ele, uma Igreja que se enclausura num centro deixa de ouvir os clamores da periferia, porque está centrada em si, o que ele chama de um certo narcisismo teológico. A Igreja é, deste modo, convocada a voltar-se para as periferias e cumprir, deste modo, a missão de Jesus, de trazer um raio de luz à obscuridade da noite: «as periferias são muitas vezes zonas noturnas, lugares de vulnerabilidade e de exclusão, mas aí pode raiar o brilho de uma luz»²⁸³. O Cardeal Tolentino refere-se a uma vida espiritual concreta, uma vida ferida por contingências e precariedades, dolorosamente limitada, que comparada a um poço onde Deus se manifesta. A fé é, para o crente, um exercício constante de confiança. A fé na humanidade de Jesus ajuda-nos a abraçar a nossa própria humanidade, como ela é, sem fugir da nossa realidade e condição de fragilidade. É esta humanidade que nos custa abraçar e que Jesus abraça verdadeiramente e assume, por inteiro, pelo mistério da Encarnação.²⁸⁴

A Encarnação é uma manifestação extraordinária da relação de Deus com o homem, Em Jesus, o cristianismo torna Deus acessível, próximo, expresso na realidade humana. Deus tocou no âmago de toda a história humana e do próprio Universo criado, ao se manifestar como Homem. Em Jesus, Deus torna-se próximo de nós, presença constante na vida e na história da humanidade. Há uma estreita relação entre Deus e o homem, ou seja, o homem não precisa de sair da sua humanidade para encontrar Deus, é capaz de reconhecer em Deus o mais íntimo da sua condição humana. E ao permitir-nos tal intimidade e verdade com Deus, Cristo revela ao homem o mais profundo do Seu coração. Só em Jesus Cristo o homem reconhece o seu mistério.

²⁸² Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 17.

²⁸³ Mendonça, Tolentino, *Elogio da Sede*, Quetzal Editora, Lisboa, 2018, 144.

²⁸⁴ Cf. Mendonça, José Tolentino, *Elogio da Sede*, 149-150.

E, neste sentido, Esquirol convida-nos a analisar a revolução do Cristianismo, justamente por considerar a doçura como a maneira de ser do próprio Deus. Diz-nos a este respeito:

Deus não é revelado pelo poder, pela força ou realeza, mas pela humanidade de Jesus Cristo; através da humildade, vulnerabilidade e amor compassivo de Jesus Cristo. Pela doçura e não pela força. A *kenosis*, a Encarnação como rebaixamento; a baixaza e a humildade tornadas divinas. O mais divino revelado no mais humano.²⁸⁵

O modo como Esquirol nos propõe o tema da condição humana da periferia permite-nos tecer um olhar sobre a ação de Jesus, que se identifica com os últimos e os periféricos: «Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes me ver» (Mt 25, 35-36). O amor com que Deus ama tem forma humana, vida real, tem rosto, história, tem nomes. Jesus vai ao encontro das periferias existenciais, onde o ser humano vive sua história, as suas turbulências, com alegrias e dores. Esta humanidade que nos habita precisa de ser sempre abraçada, mas com muito mais intensidade quando ela está ferida, excluída, solitária e vulnerável.²⁸⁶

Em síntese, a vida na periferia, segundo Esquirol, possibilita ao ser humano viver a partir da «generosidade e fraternidade», ou seja, compreender a solidariedade mesmo no meio da intempérie. Aquilo que nos une é a exposição da periferia e da intempérie, é o horizonte que afeta radicalmente a vida. Estamos ao serviço da criação e da vida, e por isso, somos geradores e criadores de vida, de amparo e de fraternidade.²⁸⁷ Da condição de periferia pode surgir a consciência da humanização e do cuidado, capazes de permitir que pessoas comuns realizem coisas extraordinárias em função dos vínculos e relações que são criados a partir de situações de vulnerabilidade. E aí está o princípio da vida humana e da verdadeira espiritualidade. A religião quer ser esse espaço da manifestação da proximidade que vai ao encontro das fragilidades humanas como de seguida iremos abordar.

²⁸⁵ Esquirol, *Humano mais Humano*, 112.

²⁸⁶ Mendonça, *Elogio da Sede*, 106.

²⁸⁷ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 20-21.

3.3 - A religião como resposta de proximidade frente à fragilidade humana

Ao longo desta dissertação, pudemos constatar como Esquirol, no seu intento de compreender o sentido da vida e o contexto da existência humana, propõe a proximidade como fio condutor. Traz-nos o tema da quotidianidade e aponta-nos para a simplicidade das pequenas coisas como lugar de encontro com o extraordinário e o mais sublime. A repetição do quotidiano tem como aspeto determinante a proximidade. O aproximar e cuidar são elementos essenciais da quotidianidade.

No prefácio do livro *Humano, mais Humano* o autor Paulo Ramos afirma:

No *mais* fundo do *humano encontra-se* [...] uma misteriosa capacidade de ser afetado, ferido, que nos cinge numa comunidade mendicante de amor e de sentido. [...] o Eu emerge num sussurro afetado por outros e também por um Outro – cuja existência é permanente interpelação e compromisso irrenunciável de amor, cuidado e serviço. Ser humano é ser (etimologicamente) vulnerável.²⁸⁸

Este autor diz-nos ainda que Esquirol, na sua filosofia da proximidade, vai falar de um humano afetado e, como exemplo, trata da «*afeção* de um Nome que, desde o primeiro dia, nos cinzela, nos fere, nos torna Alguém diante de nós próprios, diante dos outros e diante da eternidade»²⁸⁹ e faz referência à Palavra do próprio Cristo, ao dizer que nos devemos alegrar porque os nossos nomes estão inscritos no Reino do Céu (cf. Lc 10,20). O nome é, deste modo, o nosso primordial *afeto*, como que um sacramento do infinito, que modela o nosso nome e a nossa ação.

A missão da Igreja, que tem a sua centralidade na vida e ação de Jesus, passa pela dignificação da vida para todos, especialmente dos que se encontram na periferia (pobres, doentes, pecadores), em situações aparentemente sem saída, de modo a suscitar sinais de esperança. Jesus, ao aproximar-se da periferia humana, torna-a uma hermenêutica espiritual e existencial, um lugar de encontro e reconstrução da vida, estabelecendo a Igreja uma relação estreita entre o mistério do homem e o mistério de Cristo, por meio da fé viva e vivida no concreto das situações históricas do quotidiano.

²⁸⁸ Paulo Ramos, «Prefácio», em *Humano mais Humano*, 8.

²⁸⁹ Paulo Ramos, «Prefácio», em *Humano mais Humano*, 8.

a) A fé e os Sacramentos como sinais de bênção e de cura

Cuidar de nós mesmos é dar-nos luz, ou seja, não permitir que a ferida feche – respiramos por ela [...] é o mistério que somos.²⁹⁰

O ser humano é pele aberta e coração ferido, lugar privilegiado onde reside também a luz do humano. Aproximar e cuidar expressam proximidade, são elementos essenciais da quotidianidade. Verificamos, portanto, que a filosofia da proximidade supõe a quotidianidade. Consciente da finitude da situação humana, a proximidade torna evidente a relação entre resistência e cura. O abrigo, o refúgio, a atenção ao gesto, a valorização do senso comum, o cuidado da linguagem, a atenção ao outro, que lhe é mais próximo, tem a função de amparo frente às intempéries.²⁹¹

À luz do pensamento de Esquirol, podemos falar de um Deus, que, pelo mistério da Encarnação, habita a periferia humana, se faz próximo e se revela não pela força e o poder, mas pela humanidade de Jesus Cristo, que se compadece diante da fragilidade humana.²⁹²

No livro *O Meu Deus é Um Deus ferido*, Tomás Halík ajuda-nos a perceber a presença de um Deus que vai ao encontro das nossas feridas. Ele entende que tocar as feridas é tocar no próprio Deus e dele receber a graça da fé. Só um Deus ferido de amor pelo humano pode estar com ele. Jesus identificou-se com a fragilidade humana, todas as feridas dolorosas, todo sofrimento do mundo e da humanidade, são «as chagas de Cristo». Por meio de seu Filho, Deus desce às profundezas do sofrimento humano, da finitude e da morte – sem distância. Jesus vive a solidariedade humana, tornando-se próximo.²⁹³

É ao redor da mesa, no voltar para casa, no sentar e partilhar o alimento que se revela o mais sublime e o mais originário do homem. A casa é porto de abrigo, recolhimento, estância, concórdia, repouso, paragem, consolo, refúgio da intempérie. A imagem da casa evoca o movimento do recolher-se e do resguardar-se, onde se estabelecem a proximidade e os laços de familiaridade, o «prato na mesa, o azeite e o pão», elementos do quotidiano, que congregam e unem aqueles que se encontram em casa.²⁹⁴ Há aqui uma estreita relação entre a proximidade proposta pela Igreja e o

²⁹⁰ Esquirol, *Humano mais Humano*, 153.

²⁹¹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 19.

²⁹² Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 112.

²⁹³ Cf. Halík, *O Meu Deus é um Deus Ferido*, 22.

²⁹⁴ Esquirol, *A Resistência Íntima*, 59.

pensamento de Esquirol, ao afirmar que o sentido da existência está na própria proximidade, no seu seio e na aproximação com o quotidiano, onde revela o mais originário do humano, que se manifesta no partir do pão.

A imagem da casa, o «prato na mesa, o azeite e o pão», mencionados por Esquirol, permitem-nos fazer uma alusão aos Sacramentos, onde o Sagrado é manifestado na fragilidade dos elementos materiais do quotidiano. Esquirol faz menção ao repouso do pensamento, como repouso da vida, que torna a celebração oportuna. Lembra o dia de descanso, em que a mesa está preparada para celebrar o trabalho realizado e a alegria de testemunhar a vida que traduz uma maturidade espiritual.²⁹⁵

Nesta linha de entendimento, parece-nos oportuno fazer menção ao Domingo, dia de Festa para os cristãos, o dia da alegria, da celebração e do repouso, no qual a Igreja celebra o mistério Eucarístico. Ao redor do altar (de uma mesa), celebra-se, em comunidade, a festa das festas, que é um convite a testemunhar a alegria. A Celebração Eucarística torna-se assim um convite à proximidade e à comunhão com Deus e entre nós. A liturgia e os sacramentos da Igreja expressam, de forma concreta, uma estreita relação de proximidade entre o divino e o humano. Vividos por um ato de fé, traduzem-se em sinais eficazes da graça de Deus que o coração humano experimenta na sua própria fragilidade. Os sacramentos são dádivas divinas que têm o poder de abençoar, de curar e de transformar as vidas humanas, perpetuando a esperança e a fé, no meio das lutas próprias da situação de vulnerabilidade.

Esquirol, fazendo alusão a Hannah Arendt, trata ainda do perdão e da promessa e diz ser o mais sublime do humano, uma ação humana capaz de (re)começar. Ela entende o ser humano não só como aquele que nasce, mas, também aquele que é capaz de fazer nascer. Esta autora reconhece o caráter extraordinário do perdão, como um novo início e o mesmo se diz em relação a promessa.²⁹⁶ A condição humana, deste modo, pode ser caracterizada pela finitude e pelo desejo de infinito, pela debilidade e pelo desejo de poder, pelo pecado e pela espera da graça (cf. Mt 15,19-20). A pessoa pode encontrar no Sacramento da Reconciliação, um meio eficaz de ajuda a fim de perceber-se, na sua vulnerabilidade e, para tanto, necessitada do perdão para ajudar a recomeçar sempre e a descobrir, no mais íntimo de si, o mistério do amor de Deus, que é misericórdia. Os Sacramentos vêm justamente restaurar e fazer desabrochar a vida, sobretudo numa situação de fragilidade, em que encontre o ser humano:

²⁹⁵ Cf Esquirol, *A Escola da Alma*, 140.

²⁹⁶ Esquirol, *Humano mais Humano*, 51.

Pelos sacramentos da iniciação cristã, o homem recebe a vida nova de Cristo. Ora, esta vida, nós trazemo-la «em vasos de barro». Por enquanto, ela está ainda «oculta com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). Vivemos ainda na «nossa morada terrena», sujeita ao sofrimento, à doença e à morte. A vida nova de filhos de Deus pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado.²⁹⁷

Outro elemento importante da religião e que nos vem, também, pelos Sacramentos, citada também por Esquirol, é a bênção. A bênção é o encontro de Deus com o homem; nela, encontram e unem o dom de Deus e o acolhimento do homem. A Igreja é chamada a ser a extensão da presença de Deus na vida das pessoas. Abençoados por Deus, podemos ser bênçãos uns para com os outros. Todo o batizado é chamado a ser uma bênção e, também, a abençoar²⁹⁸.

Segundo o autor Elmar Salmann a religião encontra a sua força e a sua razão de ser na bênção, modo fecundo de habitar o espaço humano:

A bênção exprime a força vital da fé cristã, que é digna de ser vivida, porque atravessa as entranhas da existência, as suas graças e desgraças, encantos e pesadelos, realizando as aspirações mais íntimas da alma, as vibrações mais fortes da existência.²⁹⁹

Para este autor, reconhecer e viver a contingência humana como bênção, ainda que difícil, é uma realização da fé num Deus encarnado. A bênção é entendida como o centro vital e gesto primordial dos sacramentos. Nela se entrelaçam a condição divina e a condição humana, de forma promissora, e revelam a vida na sua amabilidade e vivacidade. Compreender a bênção é corresponder à profundidade da parábola da vida, que, que por meio da bênção, por graça divina, se transforma em parábola. Diz-nos este autor:

Saber acolher-se abençoado, com o gesto e com a palavra, recorda a riqueza cultural, artística da devoção, do *charme*, da inteligência e da história cristã, representar os sacramentos como presença benéfica, confortante [...].³⁰⁰

²⁹⁷ CIC, n° 1420, 319.

²⁹⁸ Cf. CIC, n° 2626, 554.

²⁹⁹ Elmar Salmann, *A Vitalidade da Bênção*, Trad. José Carlos Miranda, Braga, Apostolado da Oração, 2019, 5.

³⁰⁰ Elmar, *A Vitalidade da Bênção*, 164.

Para Elmar Salmann, essa função humana e gestual, de uma imensa cultura linguística, requer educação, compostura, generosidade e humildade. Para o padre (ou a pessoa) que abençoa, «significa a aventura desta encarnação do Céu nas cabanas dos homens».³⁰¹

Diante da fragilidade humana, Jesus é apresentado como o médico das almas e dos corpos, capaz de curar e restituir a vida. O próprio Jesus afirmara: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes» (Mt 9,12). Em muitas situações, as curas corporais que Cristo operava eram também sinal de um restabelecimento espiritual. Ele olhava a situação de vulnerabilidade inerentes, restaurava a pessoa na sua total integridade.

Esquirol ressalta o rogo como uma primeira palavra e a seguir o consolo. E, ao falar da palavra materna, diz que a palavra é materna porque é palavra de acolhimento. A linguagem, deste modo, é concebida pelo autor como a casa do homem que tem, na sua essência, o amparo. Diz-nos a este respeito: «na palavra de amparo e de prece encontrar-se-ia o caminho que conduz à essência da fala [...] lugar de trânsito, mas também pousada».³⁰² É daí que o amparo e o acolhimento podem ser entendidos como a solicitude e cuidado pelo outro.

Em síntese, podemos afirmar, que, a simbologia concreta da bênção e do toque são sinais da proximidade e do cuidado, do humano, que se encontra fragilizado, podendo, deste modo, ajudá-lo a se *religar* aquilo que o transcende e encontrar, na força que vem deste gesto, que, se acolhido pela fé, o sentido profundo da própria existência. Esquirol fala de encontros e reencontros que «salvam o sentido», «esperamos um pouco infinito de sentido que salve o sentido», queremos salvar a nossa provisoriedade e resistir a ela. «O infinito visita – a ferida abre-se – a gravidade grava – a alma vibra – as mãos dão-se – as palavras unem-se - é preciso pouco para viver – pão e canto – deixar amadurecer – guardar o que não se pode guardar – e resistir a conclusão – até que nunca mais seja tarde».³⁰³ Deste modo, Esquirol entende, que este era o fulcro arquimediano necessário para manter o pensamento e a vida.

³⁰¹ Cf. Elmar, *A Vitalidade da Bênção*, 164-165.

³⁰² Esquirol, *A Resistência Íntima*, 123.

³⁰³ Cf. Esquirol, *Humano mais Humano*, 155.

b) Religião: casa/lugar de amparo e proximidade do humano

Deus não é senão aquele primeiro e derradeiro nome. É entendido como a mais primordial das palavras que nos abriga.³⁰⁴

Esquirol, ao tentar entender a condição humana como a ferida infinita que o constitui, depara-se com um ser humano que tem necessidade de consolo. É na ferida infinita e no cuidado e atenção para lhe responder, que se encontra o humano do humano. Vemo-nos frente a um ser humano afetado e comovido, necessitado de cuidado e amparo, e, pelo facto de sentirmos a vulnerabilidade própria e alheia, somos levados ao amparo; isso exprime-se no cuidado e na proteção dos outros e de nós mesmos.³⁰⁵ A «generosidade e fraternidade», de que nos fala Esquirol, são dimensões essenciais do ser humano para ajudá-lo a compreender a «solidariedade no meio da intempérie». Amparar os outros é um exercício primordial da generosidade.³⁰⁶

Deste modo, podemos pensar a religião como palavra que ampara, palavra que é comoção e não indiferença: «a palavra essencial curva-se sobre a ferida infinita, fazendo-se ligadura e tenda».³⁰⁷ A ligadura significa cuidado com a ferida e tenda de acolhimento perante a intempérie. O abrigo, o refúgio, a valorização do senso comum, o cuidado da linguagem, a atenção ao outro, o que lhe é mais próximo, tem a função de amparo frente às intempéries.³⁰⁸

Diz Esquirol: «A palavra de Deus é o amparo, e o amparo é Deus».³⁰⁹ A palavra de Deus revela-nos o rosto de um Deus que é refúgio como muito bem expressa o salmista, «Iahweh é minha rocha e minha fortaleza, quem me liberta é o meu Deus. Nele me abrigo, meu rochedo, meu escudo e minha força salvadora, minha torre forte e meu refúgio» (Sl 18,3). Na Sagrada Escritura Jesus é-nos revelado como um Deus próximo, com entranhas de misericórdia, que se compadece da miséria humana e faz morada no meio de nós. João, ao dizer «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...]» (Jo 1, 14), indica que o verbo, a Palavra é a expressão de um Deus que entra em diálogo com o homem, Ele é a Palavra que age, na criação e na história, Ele é a sua força criadora. A sua palavra brota do amor e atrai-nos para o amor: «E nós temos reconhecido o amor de Deus

³⁰⁴ Esquirol, *Humano mais Humano*, 28.

³⁰⁵ Cf. Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 40-41.

³⁰⁶ Esquirol, *Humano mais Humano*, 69.

³⁰⁷ Esquirol, *Humano mais Humano*, 105

³⁰⁸ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 19.

³⁰⁹ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 138.

por nós, e nele acreditamos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele» (1Jo 4,16). Jesus, o Verbo eterno, que encarnou-se entre nós, é o caminho possível para que o possamos tocar Deus, senti-lo próximo e sermos amparados por Ele.

Jesus, para alcançar o ser humano, não hesitou em compartilhar a nossa condição humana: «Uma vez que os *filhos* têm em comum a carne e o sangue, por isso ele participou da mesma condição [...]» (Hb 2, 14). Ele não nos salvou “de fora”, não permaneceu fora do nosso drama, mas quis compartilhar a nossa vida. Podemos tocar Deus através da humanidade de Jesus, da sua Palavra, dos seus atos, dos seus gestos; acreditar que n’Ele, as coisas simples nos fazem encontrar Deus. Ao imitar os gestos de Jesus, os homens podem transformar-se em linguagem de Deus, sinais da sua presença e ação. Podemos ser, uns para os outros, presença e palavra que ampara.

Outra referência importante para a nossa reflexão é a imagem da casa, trazida por Esquirol, tema aprofundado no capítulo anterior e que nos ajuda a pensar a religião como proximidade. Ao referir-se à Encarnação do Verbo, o texto diz-nos: «E habitou entre nós». Ou seja, Deus mesmo constrói sua casa no seio da humanidade, vem ele mesmo habitar entre nós (cf. Ex 25, 8-9). Vimos que, para Esquirol, a casa ou cabana é sinónimo de abrigo e de repouso, de espaço de intimidade e de segredo, que é também caminho para o mistério, para o tesouro, para o descanso e para o alimento.³¹⁰

Jesus, através da sua Encarnação, torna-se próximo da humanidade, vem ser essa casa onde o homem encontra abrigo, consolo e refúgio na intempérie. Ao longo dos seus escritos, o Apóstolo Paulo usa a imagem da casa como lugar de acolhimento, onde se reúne a família. Ele emprega o conceito da Igreja doméstica, indicando que as comunidades se reuniam na casa dos cristãos. As casas serviam de local de acolhimento dos fiéis que ouviam a Palavra, repartiam o pão e viviam a caridade que Jesus ensinou. Paulo faz da casa a estrutura fundamental das Igrejas por ele fundada. Casais, como Áquila e Priscila, oferecem a sua casa, como lugar onde se reúne a «Igreja», a assembleia dos cristãos (cf. 1 Cor 16,19). A ideia que nos oferece a primeira comunidade dos cristãos é a de um espaço familiar que é alimentada, pela comunhão fraterna, pela fração do Pão e pelas orações (cf. At 2,42-46). A imagem da Igreja, como casa e família, quer indicar essa proximidade de Deus para com os homens. O Papa Francisco fala da Igreja como essa

³¹⁰ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 40.

casa de portas abertas, espaço de acolhimento, uma casa hospitaleira onde há lugar para todos:

[A Igreja] Não pretende disputar poderes terrenos, mas oferecer-se como «uma família entre as famílias – a Igreja é isto –, disponível (...) para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor, mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas... A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe.³¹¹

O Papa Francisco compara a Igreja a uma *Mãe*, capaz de curar as feridas e de aquecer o coração dos aflitos e vulneráveis por meio da proximidade. Essa é a sublime missão da Igreja, quando encoraja os fiéis a não terem medo de percorrer os caminhos da fraternidade e de construir pontes entre as pessoas, entre os povos, num mundo onde tantos muros ainda estão sendo construídos com medo uns dos outros. Ele quer tornar visível uma Igreja pobre, com e para os pobres, que se coloque sempre em saída, próxima das pessoas em situações de sofrimento, precariedade, marginalização e exclusão. Por ocasião do Jubileu de 2025, o Papa pede uma especial atenção às situações de fragilidade em que vivem algumas pessoas, «o cuidado para com eles é um hino à dignidade humana, um canto de esperança que exige a sincronização de toda a sociedade».³¹²

Em suma, o tema da casa, proposto por Esquirol, é, justamente, um convite a que nos vinculemos à experiência da intimidade, como principal marco do caminho, casa esta que é abrigo, palavra de consolo que aquece o ser humano por inteiro.³¹³ A Igreja, deste modo, a exemplo das primeiras comunidades cristãs, esforça-se por ser esta casa de acolhimento no quotidiano da situação humana, por meio da comunhão fraterna, da partilha da Palavra e da fração do Pão Eucarístico. Constatamos, assim, que a relação com Deus confere ao homem uma especial dignidade, que o coloca para além do mundo, na graça estupenda e tremenda da liberdade e da responsabilidade. O ser humano distingue-se, assim, de todos os seres criados, por ser dotada de uma alma espiritual, como criatura humana, amada por Deus e chamada a realizar-se plenamente, para ser feliz.³¹⁴

Como foi proposto, neste último capítulo constatamos que estamos perante um ser humano aberto à transcendência e em busca de um sentido para sua existência. O cuidado

³¹¹ Papa Francisco, Audiência Geral, Roma, 23 de outubro de 2019.

³¹² Papa Francisco, *A Esperança não Engana* (Prior Velho: Paulinas, 2024), n.º. 11, 19.

³¹³ Cf. Esquirol, *A Resistência Íntima*, 47-49.

³¹⁴ Cf. *Catecismo da Igreja Católica* (Gráfica de Coimbra, 1993) 93-94, n.º. 263-269.

é condição fundamental de possibilidade de vida, tanto da pessoa, quanto do planeta. E, desde esta perspectiva, Torralba ajuda-nos a perceber que cuidar de uma pessoa na sua condição de vulnerabilidade exige o cultivo de valores, tais como: a responsabilidade, a justiça, a esperança e outros, permitindo, assim, um cuidado que contemple a totalidade da pessoa, que envolve o seu contexto existencial e a sua interioridade, questão esta que incide na sua própria harmonia, no seu estado de ânimo e na sua restauração.³¹⁵ E daí que, para Esquirol, o cuidar da alma supõe um olhar para a pessoa toda, ou seja, cuidar da vida na sua totalidade.³¹⁶

Para Halík, a fé é capaz de ajudar a pessoa a suportar a sua condição de vulnerabilidade e perceber-se como um mistério, mantendo-se, por isso, em fecunda esperança.³¹⁷ Jesus, para alcançar o ser humano, não hesitou em compartilhar a nossa condição humana. Do mesmo modo, a Igreja esforça-se por ser esta casa de acolhimento no quotidiano da situação humana. Podemos, assim, pensar a religião como experiência e ação de amparo e cuidado, permitindo a cada pessoa sentir-se amada por Deus e chamada a realizar-se em plenitude.

³¹⁵ Cf. Torralba, *Antropologia do Cuidar*, 179-181.

³¹⁶ Cf. Esquirol, *Escola da Alma*, 134.

³¹⁷ Cf. Tomás Halík, *O Meu Deus é um Deus Ferido*, 23-24.

CONCLUSÃO

Com o tema da Filosofia da Proximidade, constatamos, ao longo de todo este trabalho acadêmico, que Esquirol nos apresenta um ser humano exposto à intempérie, o que o obriga a resistir face às forças desagregadoras, tais como: as ameaças ideológicas, a deterioração da linguagem, a indiferença e o menosprezo pela vida, não descurando o homem que se deixou impregnar pelo pensamento niilista, entrando num processo de decadência e de perda do sentido da vida.

Esquirol, ao constatar que «a condição humana é a da periferia do paraíso impossível»,³¹⁸ percebe também que é aí, que a vida acontece; e deste modo, a condição humana não deve ser pensada a partir da ideia da plenitude, mas a partir da intempérie da periferia e da afeção infinita. Na periferia, estão presentes a gênese e a degeneração, a vida e a morte, o humano e o desumano, a proximidade e a indiferença e, os recursos são os que provêm da própria condição de vulnerabilidade da periferia. Constatamos ainda que é devido a esta sua condição de vulnerabilidade que tem sentido o gesto de cuidar e de amparar. Estamos ao serviço da criação e, por isso, somos geradores e criadores de vida.

O autor propõe intensificar e aprofundar o humano do humano, e, com isso, ele pensa a radicalidade do humano e procura elaborar uma antropologia filosófica. A sua tese centra-se na tentativa de entender a condição humana com a *ferida infinita* que a constitui, com o termo da «plissagem do sentir» ele remonta-nos a essência da vida humana, que se caracteriza pelo sentir que consiste numa intensidade tal que causa uma espécie de redobramento ou de plissagem. Para tanto, ele propõe a plissagem do sentir como aquela que leva tanto à claridade como, inseparavelmente, à afeção infinita.

Esquirol fala de um finito trespassado pelo infinito, afeção esta que ele chama de sentir infinito ou afeção da alteridade-infinito. Deste modo, olhamos para o ser humano a partir da afeção, como um ser tocado pelo mistério da vida, pela experiência do eu, do tu e do mundo. A vida humana encontra-se envolta no mistério, que é a criação e alteridade e «reclama atenção e respeito» bem como cuidado, sinónimo de condição fundamental e possibilidade da existência humana. Ao considerar a outra pessoa como expressão de alteridade, o que se pretende é possuir a transcendência do outro, a infinidade do outro. O mistério da vida humana é o mistério da relação, um anelo infinito

³¹⁸ Esquirol, *A Penúltima Bondade*, 8.

através da afeção infinita, que não aspira a nenhum paraíso terrestre, mas sim ao céu (alteridade infinita). Somos afetados pelo mistério e, por isso, capazes de cuidar da afeção infinita e manter a vida espiritual.

Para Esquirol, o ser humano vive um dilema: por um lado, a experiência da vida como prazer e, do outro, a sombra da finitude que paira sobre esse prazer. Ao referir-se à fricção da morte, caracteriza-a como angústia, temor e estremecimento da dobra do sentir. Há no ser humano uma necessidade insaciável de consolo, cuidado, acompanhamento e resposta interminável à ferida.³¹⁹ O sofrimento e o amor pelo tu são também orientação e significado, busca de sentido. Por causa dessa experiência preciosa de gozo e prazer, temos de saber lidar com as adversidades para continuar a viver: «no palco da situação humana, existe também o tu e o amor. E o amor é tão forte como a morte. [...] Não estamos destinados apenas à morte, mas também ao tu. E o amor pelo tu (e ao tu), fazendo parte do gosto da vida transcendem-no».³²⁰ E, na incisão cruciforme da ferida infinita, vai sendo gravado o extraordinário percurso de cada vida humana.

A metafísica do ajuntamento é uma possível ajuda na compreensão do pano de fundo da existência humana. Esquirol concebe a junção como lugar onde os pontos se unem sem os confundir: corpo e alma, céu e terra, tempo e eternidade, finito e infinito. Deste modo, o existir supõe sempre uma situação-limite e esse limite pode indicar a transcendência. O ser humano, trespassado pelo infinito, tem como fio condutor deste percurso a *clave* da proximidade, o cuidado da alma. Esquirol pressupõe a educação como forma de cultivar o mistério supremo do humano, um caminho que conduz a uma profundidade aberta e trespassada por experiências infinitas. A resposta a ser cultivada é a da proximidade.

Por fim constatamos que, na filosofia da proximidade, o cuidado é essencial para salvar a vida humana, bem como a do planeta, na sua vulnerabilidade, tratando-se de um dever de responsabilidade de todos nós. A partir de um pensamento antropológico e religioso, que contempla a condição humana, na sua totalidade, deparamo-nos com um homem aberto ao mistério, capaz de se transcender e encontrar na fé, na Palavra de Deus e na proximidade com o outro, as respostas para a suas inquietudes e busca de sentido. A sua realização será mais plena se estiver alicerçada em princípios que o levem ao cultivo e ao cuidado do com o planeta, sendo solidário com todos e com tudo o que o cerca.

³¹⁹ Cf. Esquirol, *Humano mais humano*, 69-70.

³²⁰ Esquirol, *Humano mais humano*, 76.

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, Theodoro W. *Educación para la emancipación*. Traduzido por Jacobo Munõz. Madrid: Morata, 1998.
- Arendt, Hannah. *A condição humana*. Traduzido por Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1989.
- Aristóteles. *Ética a Nicómaco*. Traduzido por Dimas de Almeida. Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas, 2012.
- Cabral, Miguel. *Firmes na Esperança, Reflexões cristãs em tempo de pandemia* (Ed. Lucerna, Cascais, 2021)
- Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Traduzido por António M. Magalhães. Porto, RÉS-Editora, 1987.
- Derrida, Jaques. *Donner le temps*. Paris: Galilée, 1991.
- Duque, João Manuel. *Dizer Deus na Pós-Modernidade*. Lisboa: Alcalá, 2003.
- Esquirol, Josep Maria. *A Resistência Íntima: Ensaio de Uma Filosofia da Proximidade*. Traduzido por Jorge Melícias. Lisboa: Edições 70, 2015.
- Esquirol, Josep Maria. *A Penúltima Bondade: Ensaio Sobre a Vida Humana*. Traduzido por Jorge Melícias. Coimbra: Edições 70, 2015.
- Esquirol, Josep Maria. *Humano Mais Humano: Uma Antropologia da Ferida Infinita*. Traduzido por Paulo Ramos. Prior Velho: Paulinas, 2022.
- Esquirol, Josep Maria. *A Escola da Alma: Da forma de educar à maneira de viver*. Traduzido por Paulo Ramos. Prior Velho: Paulinas, 2024.
- Halík, Tomás. *Paciência com Deus: Oportunidade para um encontro*. Traduzido por Maria do Rosário de Castro Pernas. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- Halík, Tomás. *O Meu Deus é um Deus Ferido*. Traduzido por Artur Morão. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- Heidegger, Martin. *Ser e tempo*. Traduzido por Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Heidegger, Martin. *Carta sobre o Humanismo*. Traduzido revista de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães e Companhia Editores, 1980.
- Lévinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Traduzido por Miguel Garcia-Baró. Madrid: Sígueme, 2012.
- Mendonça, José Tolentino. *A Mística do Instante*. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- Mendonça, Tolentino. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal Editora, 2018.

- Nietzsche, Friedrich. *Ecce Homo*. Traduzido por José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1952.
- Nietzsche, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Traduzido por Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- Patocka, Jan. *O movimento da Existência Humana*. Traduzido por Teresa Padilla, Jesús María Ayuso y Agustín Serrano de Haro. Madrid: Encuentro, 2004.
- Ricoeur, Paul. *Nas fronteiras da Filosofia*. Traduzido por Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- Torralba Roselló, Francesc. *Antropologia do Cuidar*. Traduzido por Guilherme Laurito Summa. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Torralba Roselló, Francesc. *Vivir en lo esencial*. Barcelona: Plataforma Editorial, 2020.
- Salmann, Elmar. *A Vitalidade da Bênção*. Trad. José Carlos Miranda. Braga: Apostolado da Oração, 2019.

Revistas e artigos:

- Abib, Tatyane. «Cotidiano, Alteridade e Construção de Sentido, uma entrevista com Josep M. Esquirol». Revista Pólemos n.º 10 (maio, 2021).
- Costa, José Carlos da. «Emanuel Lévinas: o rosto do outro ou abertura à transcendência problemática antropológica». Porto: Humanística e Teologia, (Fasc. 1, 2007), 45-62.
- Lind, Andreas e Bruno Nobre. «Resistir em Tempo de Pandemia», in Revista Portuguesa de Filosofia, Vol. 77(Fasc. 2/3, 2021), 547-562.
- Palacios Morales, A. (2022). Resistencia y amparo. Vulnerabilidad en la filosofía de la proximidad de Josep Maria Esquirol. EN-CLAVES del pensamiento, 0(31), e472. doi: <https://doi.org/10.46530/ecdp.v0i31.472>

Sagrada Escritura e Documentos do Magistério da Igreja Católica:

- A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional e Paulus, 1973.
- Papa Francisco, *Laudato Si'*. Prior Velho: Ed. Paulinas, 2015.
- Catecismo da Igreja Católica (CIC)*. Ed. Gráfica de Coimbra, 1993.
- Papa Francisco. *A Esperança não Engana, Bula*. Prior Velho: Paulinas, 2024.